



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19- N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Waldenor Cezário Mariot

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Letícia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19 - N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 6 Safra 2018/19 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-127,
dezembro 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)	Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)	Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)	Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)	Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)	Bruno Pereira Nogueira (Gefab- algodão)	Patrícia Maurício Campos (Suinf)
Candice Mello Romero Santos (Geote)	Lucas Côrtes Rocha (Gecup)	Adriane Alves de Melo (Gecup)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jockt do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Słomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Edição

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução 10



3. Estimativa de área plantada 12



4. Estimativa de produtividade 20



5. Estimativa de produção 22



6. Crédito rural 25



7. Prognóstico climático - Inmet 33



8. Monitoramento agroclimático 38



9. Análise das culturas -----	41
9.1. Culturas de verão -----	42
9.1.1. Algodão -----	42
9.1.2. Amendoim-----	47
9.1.3. Arroz-----	50
9.1.4. Feijão -----	56
9.1.5. Girassol-----	70
9.1.6. Mamona -----	71
9.1.7. Milho -----	73
9.1.8. Soja -----	80
9.1.9. Sorgo -----	91
9.2. Culturas de inverno -----	92
9.2.1. Aveia Branca-----	92
9.2.2. Canola -----	94
9.2.3. Centeio-----	96
9.2.4. Cevada-----	97
9.2.5. Trigo-----	98
9.2.6. Triticale-----	101



10. Receita bruta -----	103
--------------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda -----	110
11.1. Algodão -----	110
11.2. Arroz -----	111
11.3. Feijão -----	112
11.4. Milho -----	114
11.5. Soja -----	115
11.6. Trigo-----	116



12. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	119
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

A estimativa da produção de grãos para a safra 2018/19 é de 238,4 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 4,6% ou 10,6 milhões de toneladas acima da safra anterior.

A área plantada está prevista em 62,48 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 1,2%, comparando-se com a safra 2017/18.

Algodão: com a concentração do plantio em janeiro, estima-se crescimento superior a 23% na área e 18,1% na produção.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de 514,9 mil toneladas, aumento de 2,6%.

Arroz: a produção deverá ser 6,6% menor que a safra passada, ficando em 11,27 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: apresenta redução de 8,8% na área em relação à safra passada e produção estimada em 1,1 milhão de toneladas.

Milho primeira safra: aumento de 0,8% na área a ser cultivada e produção prevista de 27,4 milhões de toneladas. Acrescentando a segunda safra, a produção total poderá atingir 91,1 milhões de toneladas, 12,8% superior à obtida em 2017/18.

Soja: projeção de crescimento de 1,8% na área de plantio e de 0,7% na produção, atingindo 120,1 milhões de toneladas.

Safra inverno 2018

Todas as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) tiveram resultados melhores do que na safra passada. A produção poderia ter sido maior se não houvessem adversidades climáticas nas

principais regiões produtoras. A estimativa é de produção de 5,5 milhões de toneladas de trigo, 28,4% superior à safra 2017.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do terceiro levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2018 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale).

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.

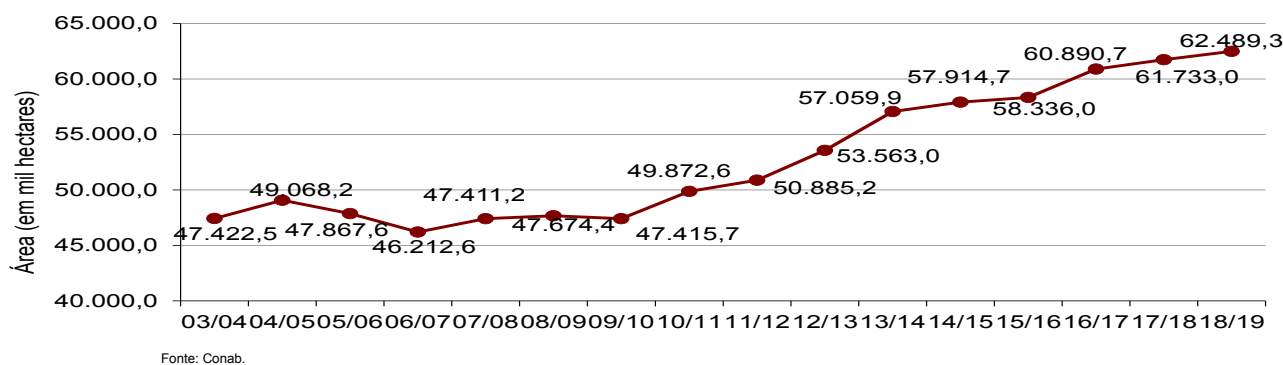




3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Neste terceiro levantamento, a área plantada de grãos no Brasil, para o exercício 2018/19, está estimada em 62.489,3 mil hectares. A perspectiva é de aumento de 1,2% em relação à temporada passada, que equivale a um incremento de 756,3 mil hectares, explicado pelos aumentos na área de algodão e soja.

Gráfico 1 - Comportamento da área cultivada - Total Brasil



3.1. ALGODÃO

O bom desempenho das cotações da pluma tanto no mercado interno quanto no externo estimulou os produtores nacionais a investirem fortemente na lavoura, sendo esperado incrementos recordes na área plantada. Fatores como taxa de câmbio, níveis de estoques internacionais, evolução dos preços nas principais praças produtoras e o bom ritmo das exporta-

ções contribuirão para que esse quadro se consolide. Além disso, a cultura passa, na maioria dos estados, por uma adequação do período de plantio, aproveitando as chuvas necessárias ao desenvolvimento da planta e, na época da colheita, a coincidência com o clima seco, ideal para a obtenção da pluma de boa qualidade.

Gráfico 2 - Comportamento da área cultivada de algodão - Brasil

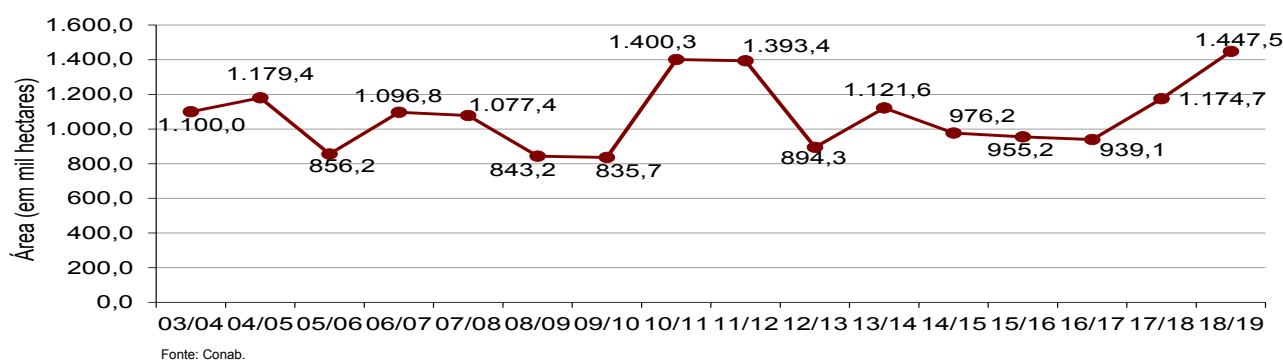


Gráfico 3 - Comportamento da área cultivada de algodão - BA

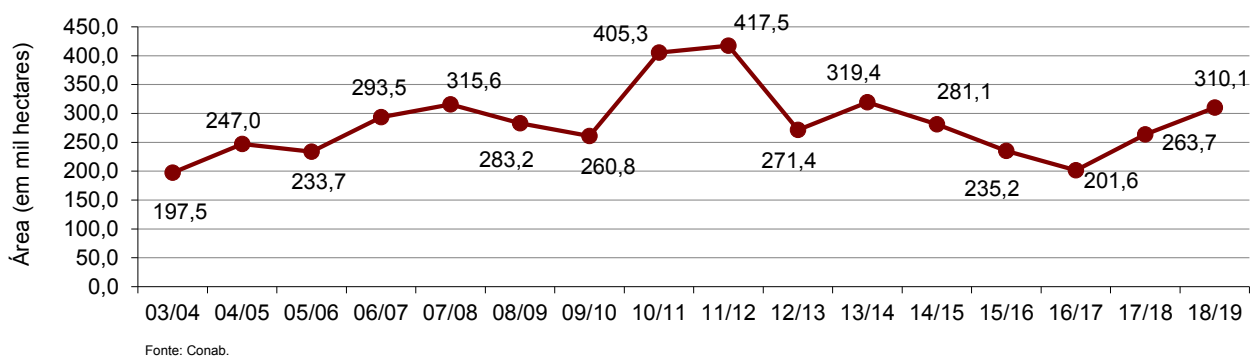
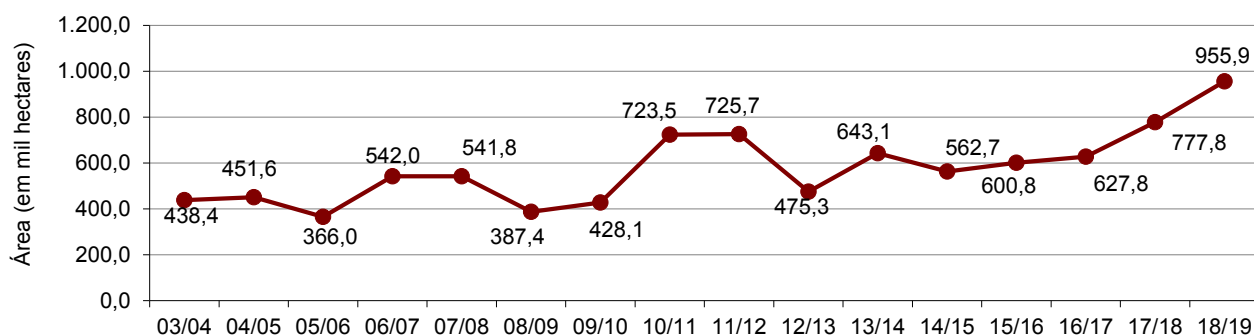


Gráfico 4 - Comportamento da área cultivada de algodão - MT



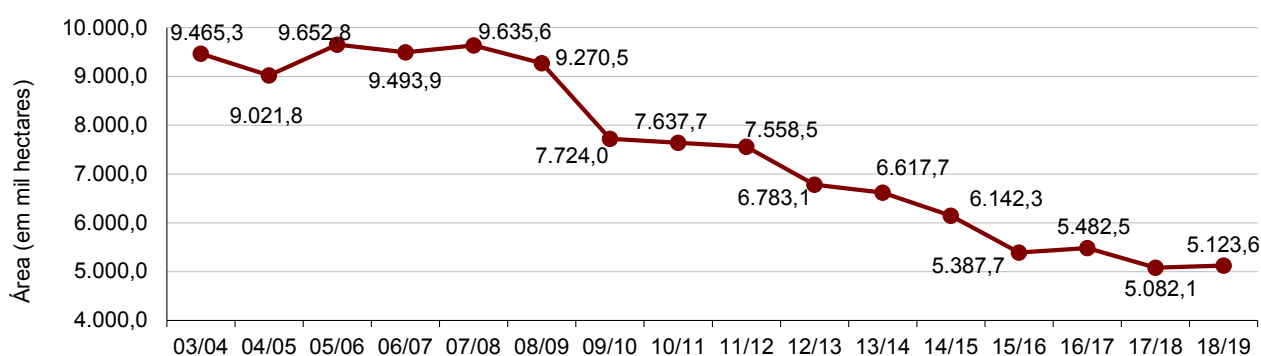
Fonte: Conab.

3.2. MILHO

O milho plantado na primeira safra apresenta produção bastante pontual para atendimento a demandas internas, a exemplo da ração animal para confinamento e nas áreas próximas as granjas de aves e suínos, uma vez que o foco do produtor neste momento do plantio é a soja. Também nessa temporada foi

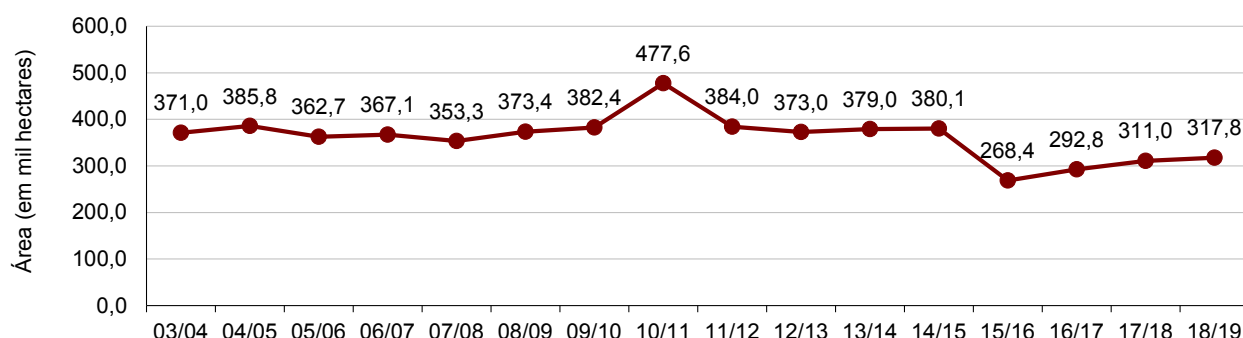
verificada a migração de áreas das culturas de feijão primeira safra, cana-de-açúcar e pastagens, para o milho verão, devido aos bons preços recebidos na última safra. A área plantada nessa safra atingiu 5.123,6 mil hectares, representando incremento de 0,8% em relação à temporada 2017/18.

Gráfico 5 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - Brasil



Fonte: Conab.

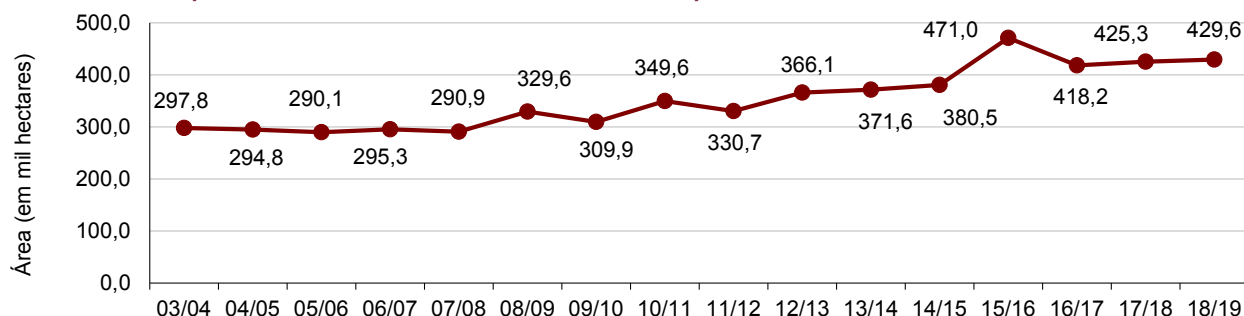
Gráfico 6 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - MA



Fonte: Conab.

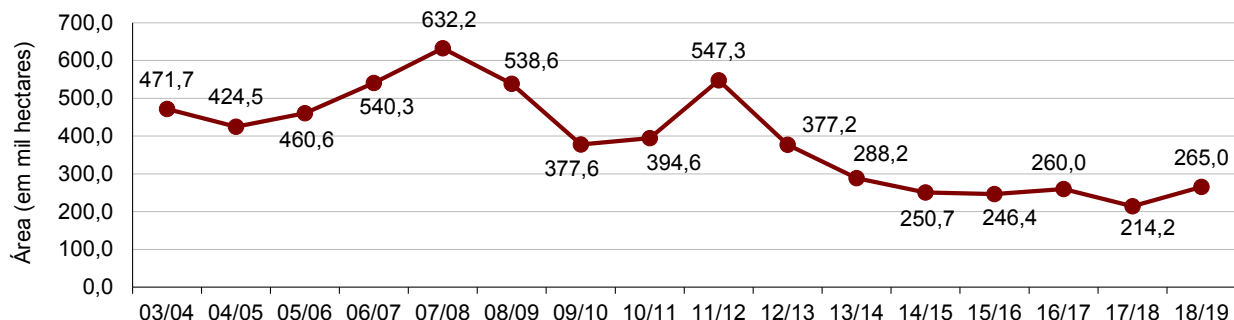


Gráfico 7 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - PI



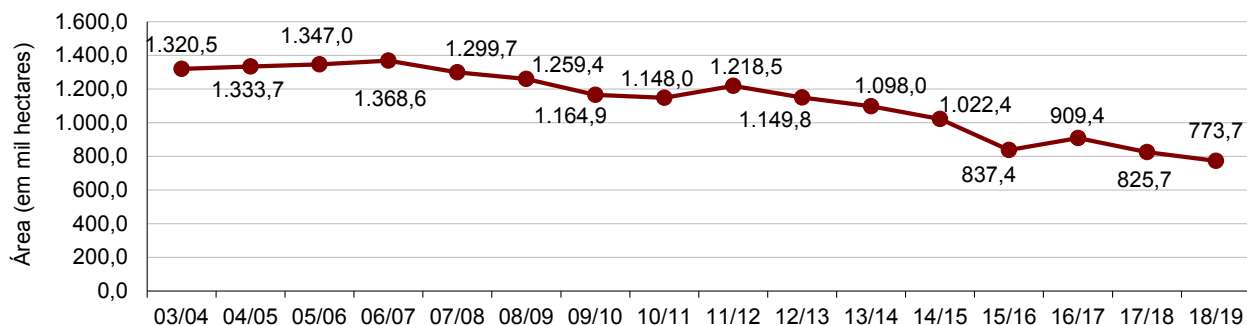
Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - GO



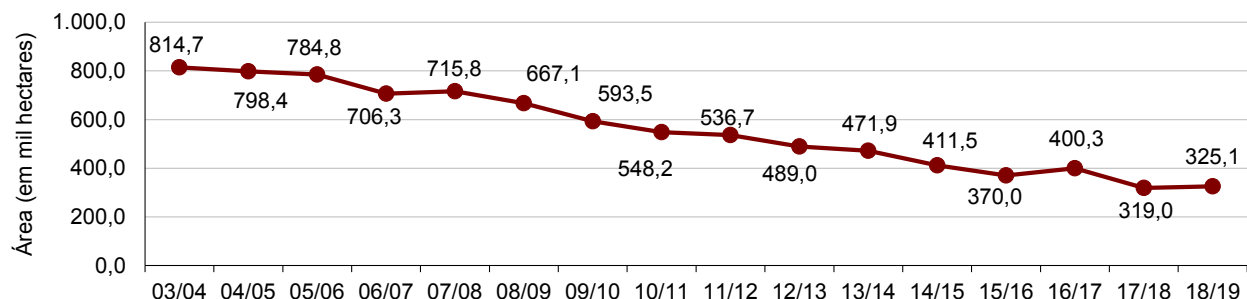
Fonte: Conab.

Gráfico 9 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - MG



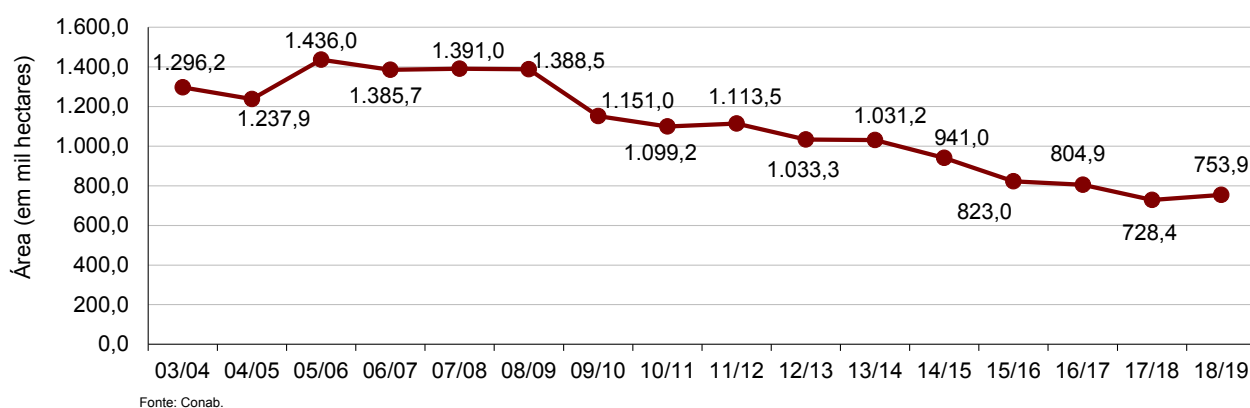
Fonte: Conab.

Gráfico 10 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - SC



Fonte: Conab.

Gráfico 11 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra - RS



3.3.SOJA

As expectativas para a temporada 2018/19 indicam para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo 1,8% em relação à safra passada, correspondendo ao plantio de 35.784 mil hectares.

Na Região Norte-Nordeste, o plantio da oleaginosa iniciou com a chegada das primeiras chuvas e o comportamento da safra passada, com um quadro climático favorável, serviu de estímulo ao produtor local, que ampliou a área plantada. Na região do Matopiba, os bons resultados, tanto financeiros quanto de produtividade

na temporada que encerrou, motivaram os agricultores à abertura de novas áreas, além do uso para a renovação de pastagens degradadas. Esta prática deve se intensificar nos próximos anos, principalmente pela atratividade das linhas de crédito oficiais incluídas no Plano ABC e também ao aumento do interesse pelo sistema Integração Lavoura Pecuária (ILP). Em Mato Grosso, maior produtor da oleaginosa, o excelente regime de chuvas favoreceu o ritmo de plantio e houve antecipação significativa dos trabalhos, fato que deverá culminar na antecipação da colheita em âmbito estadual.

Gráfico 12 - Comportamento da área cultivada de soja - Brasil

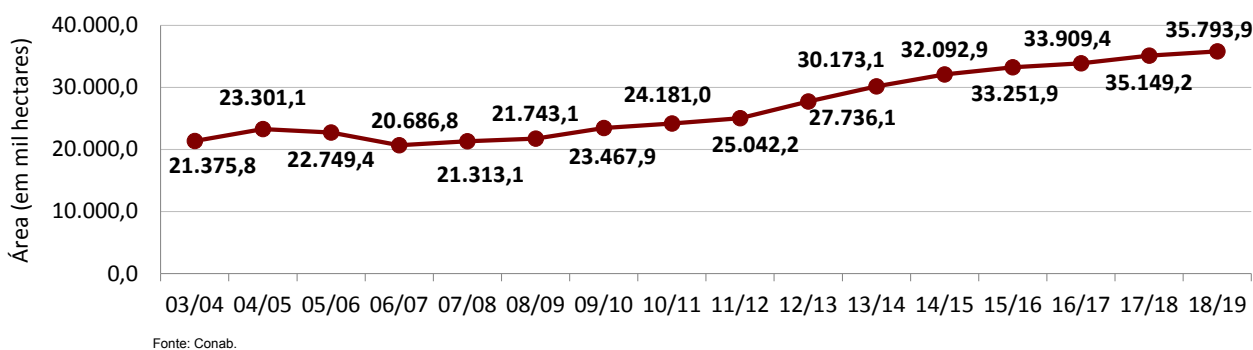


Gráfico 13 - Comportamento da área cultivada de soja - TO

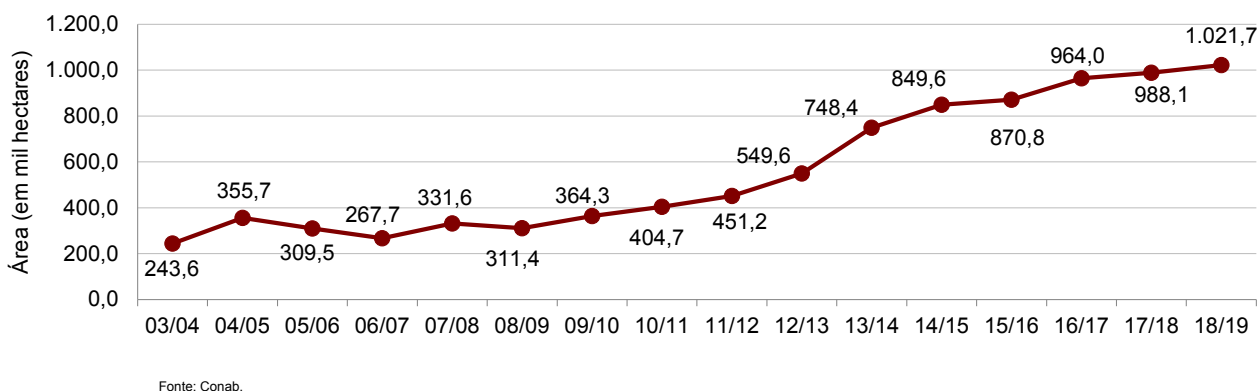


Gráfico 14 - Comportamento da área cultivada de soja - MA

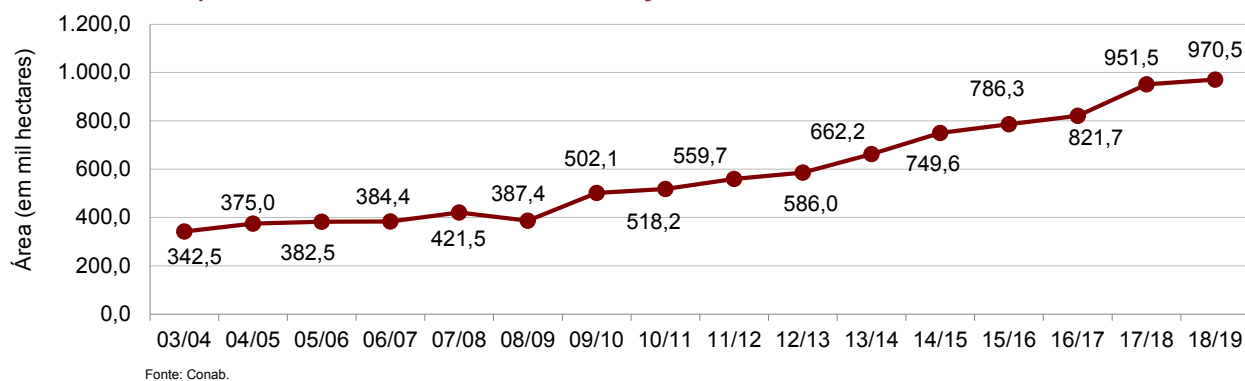


Gráfico 15 - Comportamento da área cultivada de soja - PI

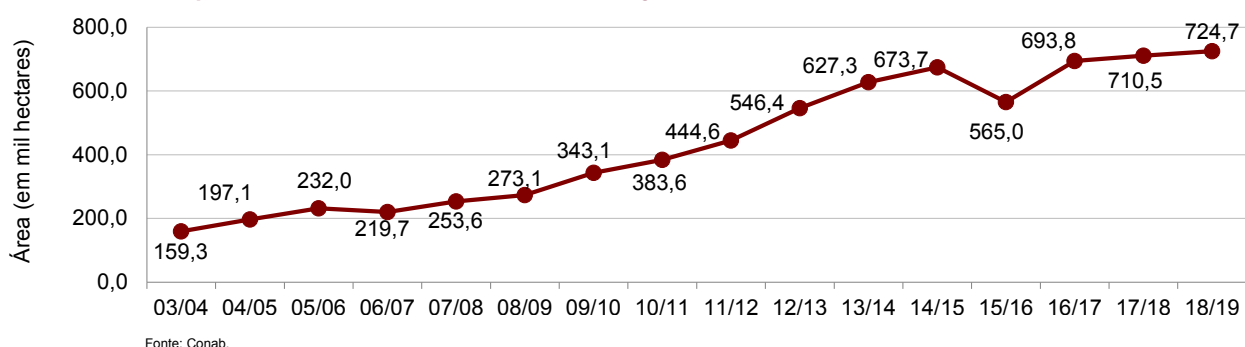


Gráfico 16 - Comportamento da área cultivada de soja - BA

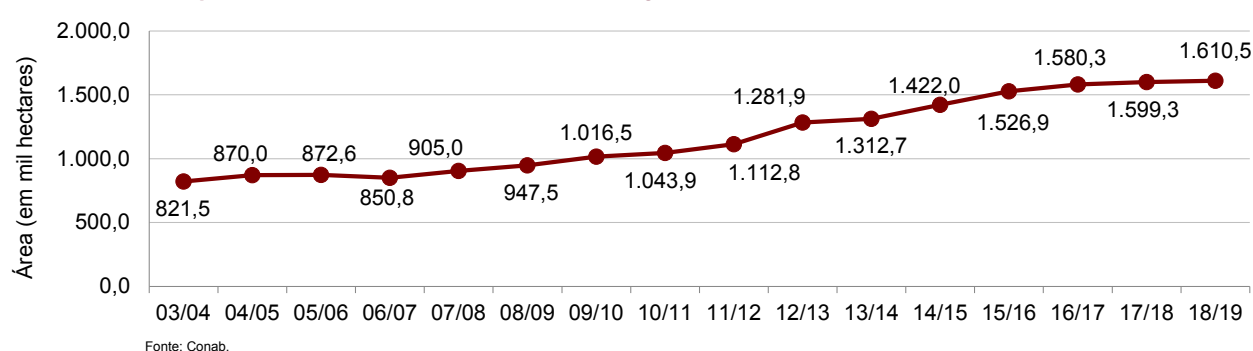


Gráfico 17 - Comportamento da área cultivada de soja - MT

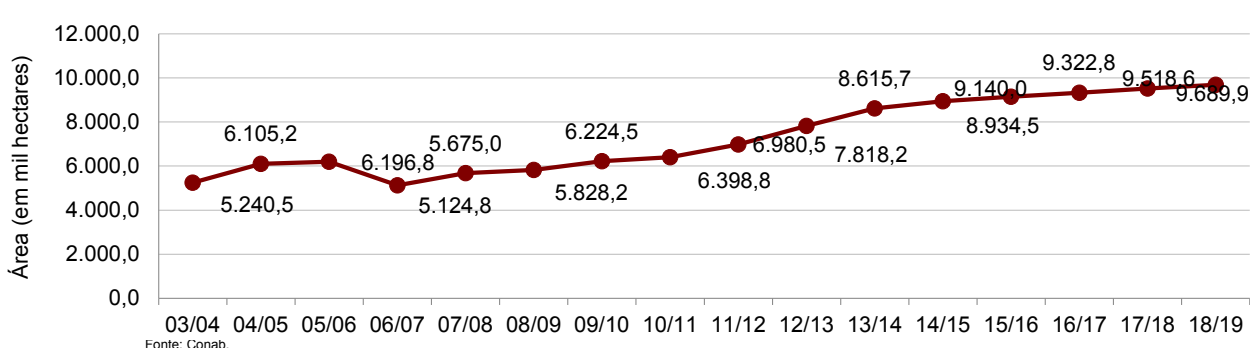
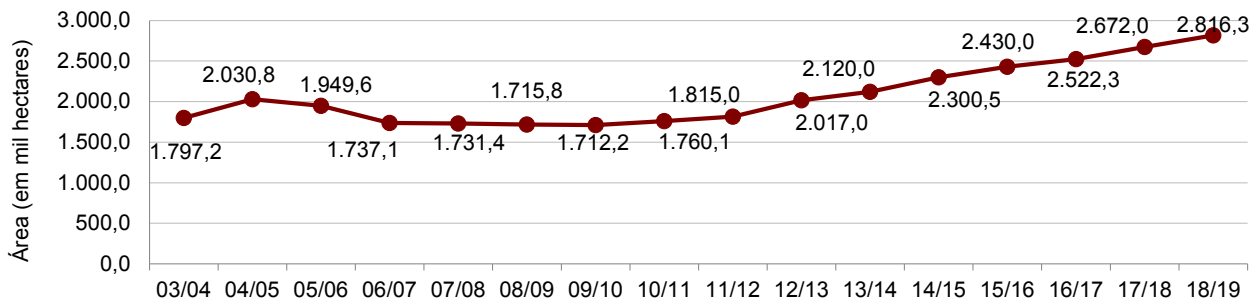
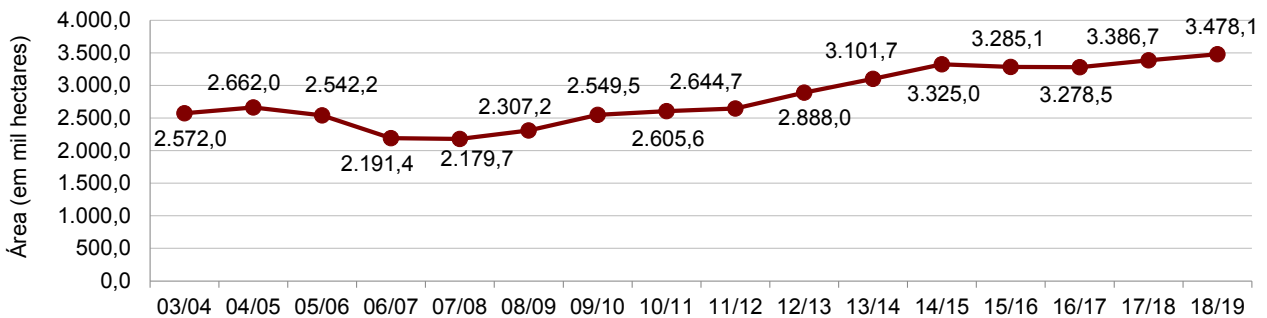


Gráfico 18 - Comportamento da área cultivada de soja - MS



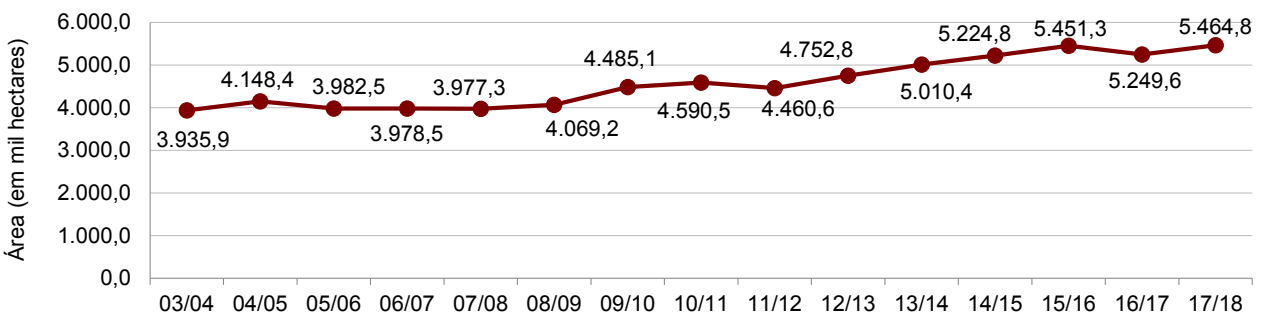
Fonte: Conab.

Gráfico 19 - Comportamento da área cultivada de soja - GO



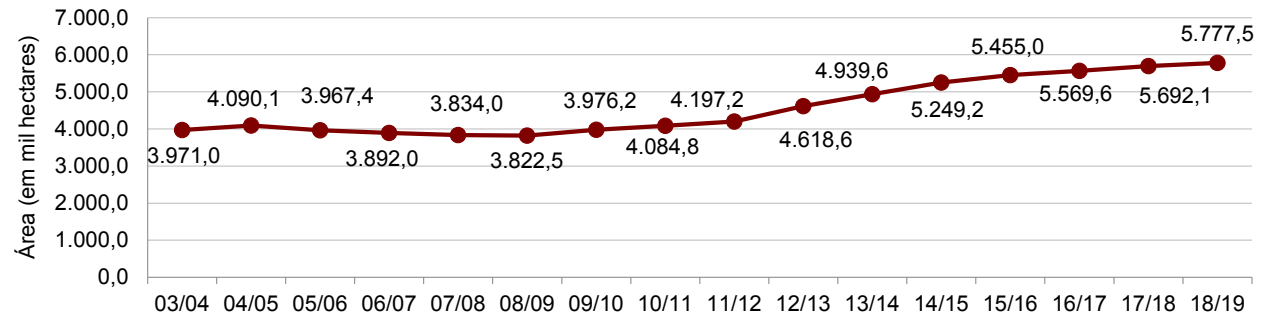
Fonte: Conab.

Gráfico 20 - Comportamento da área cultivada de soja - PR



Fonte: Conab.

Gráfico 21 - Comportamento da área cultivada de soja - RS



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2018/19 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
ALGODÃO	1.174,7	1.371,0	1.447,5	23,2	272,8
AMENDOIM TOTAL	138,5	143,5	143,6	3,7	5,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	132,1	137,1	137,2	3,9	5,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	6,4	6,4	6,4	-	-
ARROZ	1.972,1	1.896,6	1.836,5	(6,9)	(135,6)
ARROZ SEQUEIRO	539,0	496,8	470,6	(12,7)	(68,4)
ARROZ IRRIGADO	1.433,8	1.399,9	1.365,9	(4,7)	(67,9)
FEIJÃO TOTAL	3.175,3	3.112,3	3.082,4	(2,9)	(92,9)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.333,9	1.270,1	1.237,3	(7,2)	(96,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	328,7	319,0	320,3	(2,6)	(8,4)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.512,7	1.523,3	1.524,8	0,8	12,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,6	990,6	960,7	(8,8)	(92,9)
CORES	462,4	398,6	365,8	(20,9)	(96,6)
PRETO	180,2	170,5	171,8	(4,7)	(8,4)
CAUPI	411,0	421,6	423,1	2,9	12,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.532,7	1.532,7	1.532,7	-	-
CORES	378,0	378,0	378,0	-	-
PRETO	131,4	131,4	131,4	-	-
CAUPI	1.023,3	1.023,3	1.023,3	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	589,0	589,0	589,0	-	-
CORES	493,5	493,5	493,5	-	-
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-
CAUPI	78,4	78,4	78,4	-	-
GIRASSOL	95,5	95,5	95,5	-	-
MAMONA	31,8	48,8	48,8	53,5	17,0
MILHO TOTAL	16.631,8	16.733,9	16.673,3	0,2	41,5
MILHO 1ª SAFRA	5.082,1	5.184,2	5.123,6	0,8	41,5
MILHO 2ª SAFRA	11.549,7	11.549,7	11.549,7	-	-
SOJA	35.149,2	35.742,1	35.793,9	1,8	644,7
SORGO	782,2	779,6	785,9	0,5	3,7
SUBTOTAL	59.151,1	59.923,1	59.907,4	1,3	756,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
AVEIA	373,4	373,4	373,4	-	-
CANOLA	35,5	35,5	35,5	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	111,9	111,9	111,9	-	-
TRIGO	2.037,6	2.037,6	2.037,6	-	-
TRITICALE	19,9	19,9	19,9	-	-
SUBTOTAL	2.581,9	2.583,3	2.581,9	-	-
BRASIL	61.733,0	62.506,4	62.489,3	1,2	756,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

O terceiro levantamento, realizado pela Conab, registra as excelentes condições climáticas em todas as regiões produtoras de grãos, prenúncio de que sejam alcançados bons níveis de produtividade nessa temporada. Esse quadro será monitorado e avaliado a cada divulgação, e deverá, a partir desse momento, na medida em que se estima pequenas alterações nas estatísticas envolvendo a área plantada, ser o foco das atenções da empresa, no acompanhamento mensal das safras.

Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018/19 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.560	2.456	2.458	(4,0)	(101,9)
ALGODÃO EM PLUMA	1.708	1.639	1.633	(4,4)	(74,5)
AMENDOIM TOTAL	3.692	3.681	3.675	(0,5)	(17,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.798	3.760	3.753	(1,2)	(45,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.541	2.003	2.003	30,0	461,8
ARROZ	6.118	6.015	6.136	0,3	18,5
ARROZ SEQUEIRO	2.409	2.092	2.368	(1,7)	(41,8)
ARROZ IRRIGADO	7.513	7.386	7.434	(1,0)	(78,8)
FEIJÃO TOTAL	981	1.011	978	(0,4)	(3,5)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.379	1.449	1.444	4,7	64,7
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.489	1.572	1.600	7,5	111,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	520	528	469	(9,9)	(51,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.216	1.129	1.143	(6,0)	(73,6)
CORES	1.728	1.615	1.703	(1,4)	(24,7)
PRETO	1.655	1.727	1.811	9,5	156,6
CAUPI	449	428	387	(13,8)	(61,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	793	841	778	(1,9)	(15,3)
CORES	1.268	1.383	1.336	5,4	68,4
PRETO	1.368	1.489	1.445	5,6	76,2
CAUPI	522	558	486	(6,8)	(35,6)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.050	1.253	1.229	17,0	178,5
CORES	1.137	1.364	1.334	17,4	197,3
PRETO	677	671	680	0,4	2,7
CAUPI	593	682	684	15,4	91,5
GIRASSOL	1.489	1.588	1.585	6,4	95,8
MAMONA	631	564	621	(1,6)	(10,4)
MILHO TOTAL	4.857	5.407	5.464	12,5	606,6
MILHO 1ª SAFRA	5.275	5.160	5.342	1,3	67,0
MILHO 2ª SAFRA	4.721	5.518	5.518	16,9	797,2
SOJA	3.394	3.302	3.354	(1,2)	(39,2)
SORGO	2.731	2.497	2.462	(9,8)	(268,8)
SUBTOTAL	3.737	3.822	3.867	3,5	130,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
AVEIA	2.193	2.193	2.193	-	-
CANOLA	1.394	1.394	1.394	-	-
CENTEIO	2.056	2.056	2.056	-	-
CEVADA	3.136	3.136	3.136	-	-
TRIGO	2.685	2.685	2.685	-	-
TRITICALE	2.678	2.678	2.678	-	-
SUBTOTAL	2.615	2.673	2.615	-	-
BRASIL (2)	3.690	3.775	3.815	3,4	125,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em dezembro/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada, no terceiro levantamento da Conab, indica um volume de 238,4 milhões de toneladas, apresentando variação positiva de 4,6% em relação à safra passada. Esse resultado representa a possibilidade de aumento na produção de 10,6 milhões de toneladas.

A soja, milho, arroz e algodão apresentam-se como as principais culturas produzidas no país. Esses quatro produtos correspondem a 95% do que será produzido neste exercício. A soja pode alcançar uma produção de 120,1 milhões de toneladas, o milho, distribuído entre a primeira e segunda safras, poderá atingir 91,1 milhões de toneladas, o arroz, 11,3 milhões e o algodão, 3,6 milhões de toneladas. Quem também deverá ganhar destaque, nessa safra, é o algodão. Para a atual safra, destaca-se também a expectativa de aumento da produção para o amendoim, girassol e mamona.

Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018/19 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	3.007,1	3.367,5	3.558,0	18,3	550,9
ALGODÃO - PLUMA	2.005,8	2.247,3	2.363,8	17,8	358,0
AMENDOIM TOTAL	511,4	528,1	527,7	3,2	16,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	501,7	515,3	514,9	2,6	13,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,7	12,8	12,8	32,0	3,1
ARROZ	12.064,2	11.407,9	11.269,3	(6,6)	(794,9)
ARROZ SEQUEIRO	1.298,5	1.060,5	1.114,5	(14,2)	(184,0)
ARROZ IRRIGADO	10.765,7	10.347,4	10.154,8	(5,7)	(610,9)
FEIJÃO TOTAL	3.116,2	3.146,2	3.014,4	(3,3)	(101,8)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.840	1.840	1.786	(2,9)	(53,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	490	502	513	4,7	23,0
FEIJÃO TOTAL CAUPI	787	805	715	(9,1)	(71,8)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.281,6	1.118,8	1.097,7	(14,3)	(183,9)
CORES	799,0	643,8	622,9	(22,0)	(176,1)
PRETO	298,2	294,5	311,2	4,4	13,0
CAUPI	184,4	180,6	163,6	(11,3)	(20,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.216,0	1.289,6	1.192,7	(1,9)	(23,3)
CORES	480,3	522,9	505,0	5,1	24,7
PRETO	179,9	195,6	189,9	5,6	10,0
CAUPI	555,9	571,1	497,7	(10,5)	(58,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	618,7	738,1	723,8	17,0	105,1
CORES	560,5	673,2	658,5	17,5	98,0
PRETO	11,6	11,5	11,6	-	-
CAUPI	46,5	53,5	53,7	15,5	7,2
GIRASSOL	142,2	151,6	151,4	6,5	9,2
MAMONA	20,0	27,6	30,3	51,5	10,3
MILHO TOTAL	80.786,0	90.484,3	91.102,5	12,8	10.316,5
MILHO 1ª SAFRA	26.810,7	26.749,8	27.367,9	2,1	557,2
MILHO 2ª SAFRA	53.975,4	63.734,5	63.734,5	18,1	9.759,1
SOJA	119.281,7	118.018,7	120.066,4	0,7	784,7
SORGO	2.135,8	1.946,8	1.935,0	(9,4)	(200,8)
SUBTOTAL	221.064,6	229.078,5	231.655,0	4,8	10.590,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2018 (a)	2019		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		nov/2018 (b)	dez/2018 (c)		
AVEIA	819,0	819,0	819,0	-	-
CANOLA	49,5	49,5	49,5	-	-
CENTEIO	7,4	7,4	7,4	-	-
CEVADA	350,9	350,9	350,9	-	-
TRIGO	5.471,1	5.471,1	5.471,1	-	-
TRITICALE	53,3	53,3	53,3	-	-
SUBTOTAL	6.751,2	6.751,2	6.751,2	-	-
BRASIL (2)	227.815,8	235.829,7	238.406,2	4,6	10.590,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.010,4	3.023,4	0,4	3.178	3.280	3,2	9.568,3	9.918,2	3,7
RR	67,3	65,4	(2,8)	3.941	3.898	(1,1)	265,2	254,9	(3,9)
RO	563,6	557,9	(1,0)	3.518	3.564	1,3	1.982,9	1.988,2	0,3
AC	44,1	44,6	1,1	2.116	2.090	(1,2)	93,3	93,2	(0,1)
AM	14,3	14,3	-	2.119	2.126	0,3	30,3	30,4	0,3
AP	24,7	24,7	-	2.538	2.462	(3,0)	62,7	60,8	(3,0)
PA	893,5	896,2	0,3	2.856	3.014	5,5	2.551,9	2.700,8	5,8
TO	1.402,9	1.420,3	1,2	3.266	3.372	3,3	4.582,0	4.789,9	4,5
NORDESTE	8.353,9	8.473,6	1,4	2.492	2.322	(6,8)	20.814,3	19.674,7	(5,5)
MA	1.818,6	1.826,0	0,4	3.071	2.909	(5,3)	5.585,6	5.312,6	(4,9)
PI	1.534,2	1.565,0	2,0	2.779	2.724	(2,0)	4.263,4	4.262,5	-
CE	946,6	946,6	-	570	504	(11,5)	539,4	477,4	(11,5)
RN	88,7	88,7	-	488	449	(8,1)	43,3	39,8	(8,1)
PB	220,6	220,6	-	614	400	(34,8)	135,4	88,3	(34,8)
PE	461,8	461,8	-	476	401	(15,8)	220,0	185,0	(15,9)
AL	67,2	67,2	-	1.286	1.222	(5,0)	86,4	82,1	(5,0)
SE	172,4	172,4	-	1.286	3.911	204,1	221,7	674,3	204,1
BA	3.043,8	3.125,3	2,7	3.193	2.737	(14,3)	9.719,1	8.552,7	(12,0)
CENTRO-OESTE	25.355,6	25.980,4	2,5	3.950	4.068	3,0	100.156,0	105.686,1	5,5
MT	15.343,0	15.690,3	2,3	4.022	4.039	0,4	61.713,8	63.368,2	2,7
MS	4.544,7	4.693,3	3,3	3.608	3.938	9,2	16.395,7	18.483,9	12,7
GO	5.306,6	5.436,7	2,5	4.006	4.233	5,7	21.256,6	23.016,2	8,3
DF	161,3	160,1	(0,7)	4.897	5.108	4,3	789,9	817,8	3,5
SUDESTE	5.559,1	5.551,2	(0,1)	4.075	4.196	3,0	22.655,6	23.294,5	2,8
MG	3.347,2	3.315,5	(0,9)	4.235	4.240	0,1	14.174,9	14.057,0	(0,8)
ES	28,2	28,2	-	1.926	1.894	(1,7)	54,3	53,4	(1,7)
RJ	2,5	2,6	4,0	1.840	1.923	4,5	4,6	5,0	8,7
SP	2.181,2	2.204,9	1,1	3.861	4.163	7,8	8.421,8	9.179,1	9,0
SUL	19.454,0	19.460,7	-	3.836	4.102	6,9	74.621,6	79.832,7	7,0
PR	9.562,6	9.547,2	(0,2)	3.666	4.023	9,7	35.059,1	38.412,1	9,6
SC	1.273,5	1.249,8	(1,9)	4.943	5.114	3,5	6.294,7	6.391,0	1,5
RS	8.617,9	8.663,7	0,5	3.860	4.043	4,7	33.267,9	35.029,7	5,3
NORTE/NORDESTE	11.364,3	11.497,0	1,2	2.674	2.574	(3,7)	30.382,6	29.592,9	(2,6)
CENTRO-SUL	50.368,7	50.992,3	1,2	3.920	4.095	4,5	197.433,2	208.813,3	5,8
BRASIL	61.733,0	62.489,3	1,2	3.690	3.815	3,4	227.815,8	238.406,2	4,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodoto, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijto (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em dezembro/2018.





6. CRÉDITO RURAL

O trabalho a seguir tem como foco o Crédito Rural obtido e utilizado pelos produtores rurais. Neste trabalho, proporemos uma visão dual desse expediente, sejam eles: o crédito oficial, do qual as informações são retiradas do sítio do Banco Central do Brasil e faz referência aos valores aportados via importantes programas de auxílio à agricultura como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e o financiamento sem vínculo a programa específico e o crédito advindo de outras fontes, como os fornecedores de insumos ou Tradings.

Isso posto, em cada um dos 12 levantamentos realizados pela Conab serão apresentadas as informações agregadas para os programas existentes, também serão mostrados dados agregados para as regiões brasileiras no âmbito do crédito rural oficial e, por fim, detalharemos para uma ou duas culturas em específico, as informações tanto do crédito oficial como também as informações das demais fontes de crédito utilizadas pelos produtores rurais brasileiros. Nesse terceiro levantamento, da safra 2018/19, serão debatidas informações acerca do feijão primeira safra.

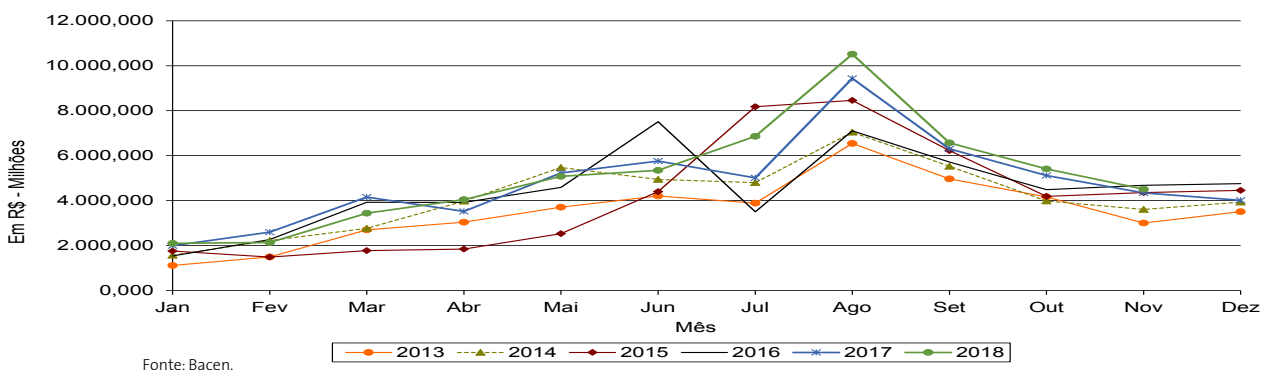
6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

Os dados apresentados a seguir foram retirados do sítio oficial do Banco Central do Brasil, na área relacionada à Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR). O acesso para a obtenção das informações foi realizado no dia 6 de dezembro de 2018.

bro de 2018, foi de R\$ 4,51 bilhões, esse valor esse 3,88% superior ao observado para o mesmo período em 2017. Já o valor disponibilizado acumulado entre janeiro e novembro de 2018 foi de R\$ 56,01 bilhões, frente aos R\$ 53,46 bilhões disponibilizados no mesmo período de 2017.

O valor total aportado, via crédito oficial, em novem-

Gráfico 22 – Financiamento total – Mês a mês– Janeiro a novembro de 2013 a 2018

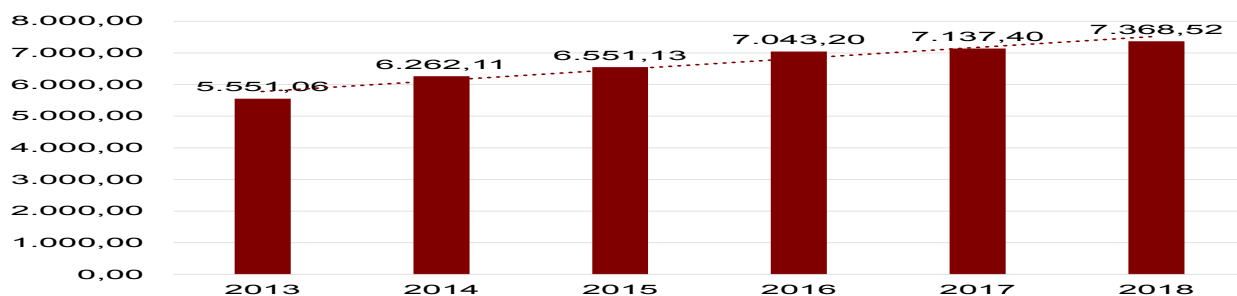


O valor oficial total supracitado pode ser subdividido entre as três formas de entrada para o aporte (Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo a programa específico). Isso posto, os quantitativos, em novembro, para cada uma dessas possíveis formas de aporte foram: R\$ 451 milhões para o Pronaf (1,07% maior do que o valor observado em novembro de 2017), R\$ 682 milhões para o Pronamp (4,93% menor do que o valor observado em novembro de 2017) e R\$ 3,38 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (6,26% maior que o valor aportado em novembro de 2017).

escopo dos programas em análises consiste em verificar os quantitativos acumulados, no ano civil, de janeiro a novembro para cada um dos programas. Isso posto, apresentam-se os seguintes valores: para o Pronaf o valor acumulado entre janeiro e novembro de 2018 foi de R\$ 7,36 bilhões (aumento de 3,24% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior), R\$ 10,15 bilhões no âmbito do Pronamp (aumento de 8,11% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior) e R\$ 38,5 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (4,23% superior ao valor aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior).

Outra forma de acompanhar o crédito rural no

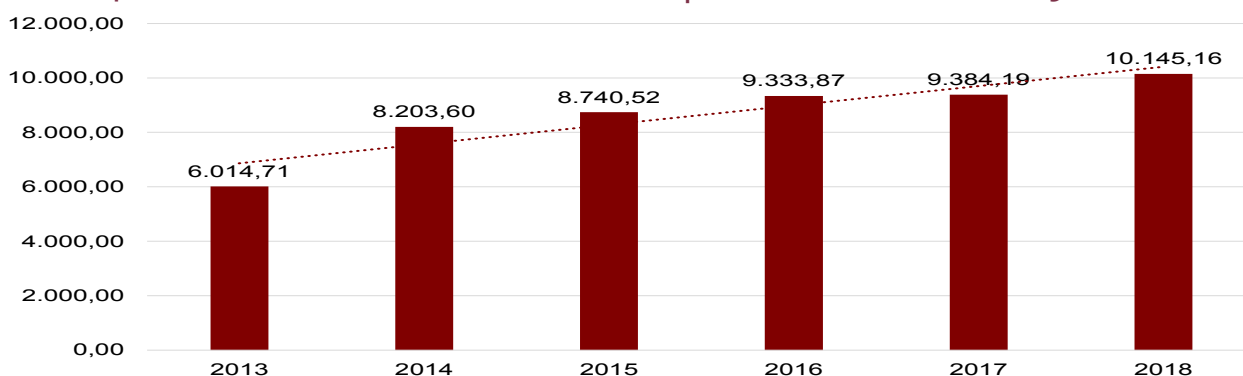
Gráfico 23 – Financiamento total acumulado – Pronaf - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

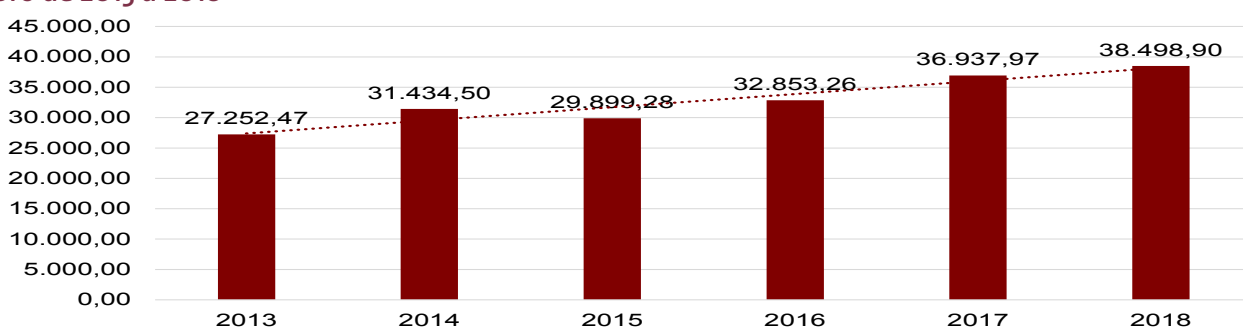


Gráfico 24 – Financiamento total acumulado – Pronamp - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 25 – Financiamento total acumulado – Sem vínculo a programa específico - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



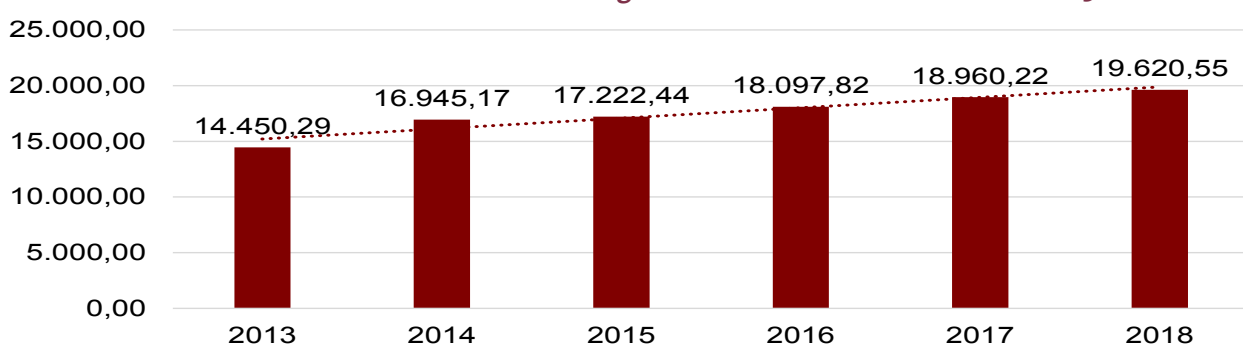
Fonte: Bacen.

Além disso, é salutar apresentar os comportamentos e valores apresentados por cada região geográfica brasileira. Isso posto, verificar-se-ão os totais acumulados aportados em cada região e também o valor específico para novembro em cada região.

acumulado de aporte no custeio da agricultura foi a Sul, com valor de R\$ 19,62 bilhões, seguida pelo Centro-Oeste com R\$ 16,68 bilhões, em seguida a Região Sudeste com o valor de R\$ 12,25 bilhões, o Nordeste com R\$ 5,5 bilhões e a Região Norte com o valor total acumulado de R\$ 1,95 bilhão.

A região brasileira que apresentou maior volume

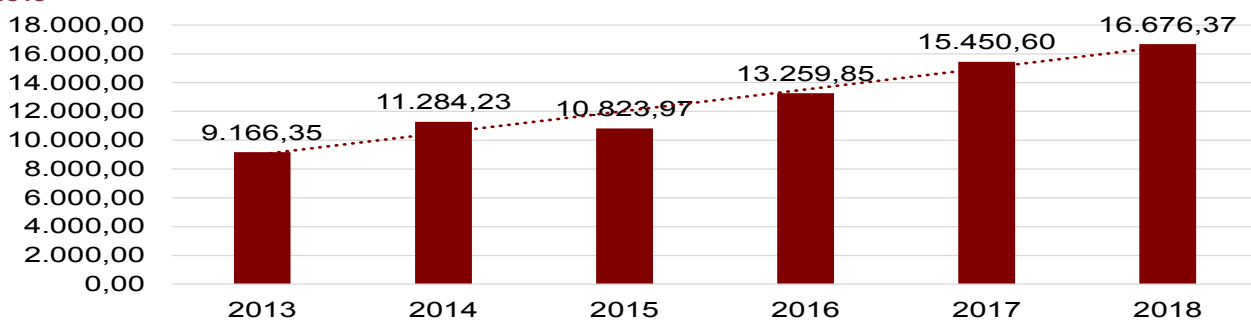
Gráfico 26 – Financiamento total acumulado – Região Sul - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

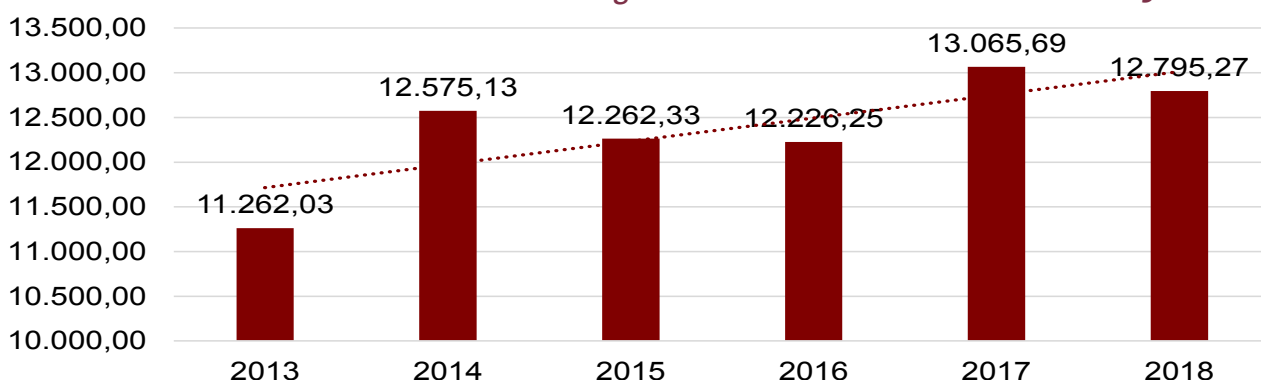


Gráfico 27 – Financiamento total acumulado – Região Centro-Oeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



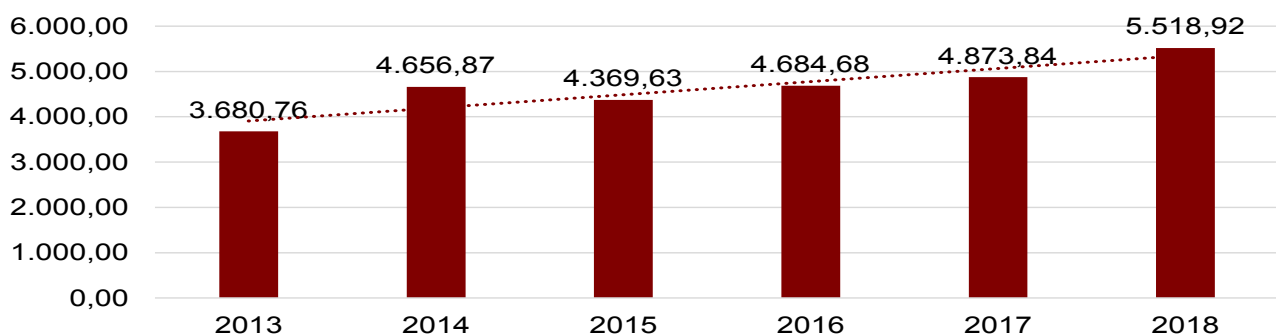
Fonte: Bacen.

Gráfico 28 – Financiamento total acumulado – Região Sudeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



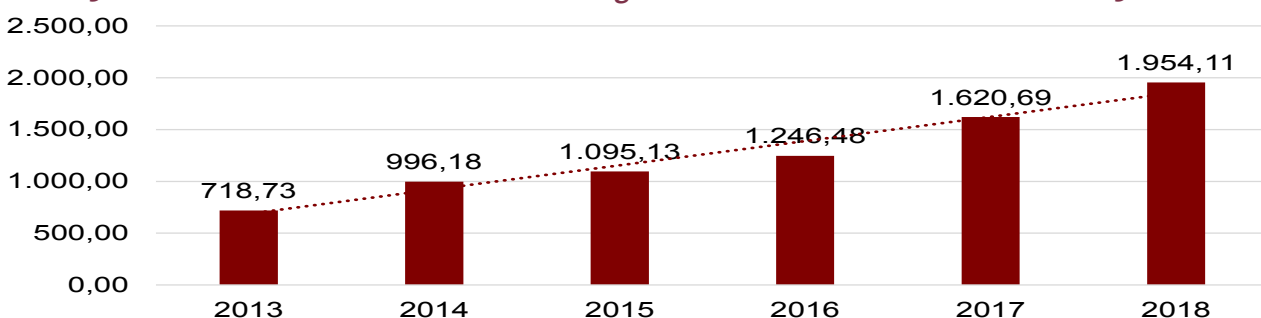
Fonte: Bacen.

Gráfico 29 – Financiamento total acumulado – Região Nordeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 30 – Financiamento total acumulado – Região Norte - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



6.2. A CULTURA DE FEIJÃO

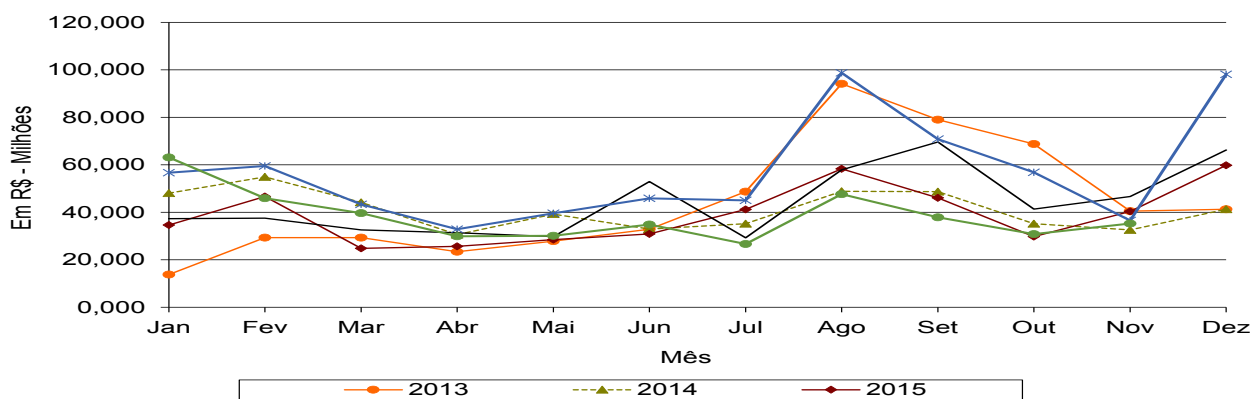
A partir desse ponto, nos atinaremos apenas à cultura do feijão (primeira safra) tanto com as informações do crédito oficial (Bacen) como também dos financiamentos realizados em outras modalidades.

Isso posto, a modalidade oficial traz números para o custeio inseridos no contexto do Pronaf, Pronamp e no financiamento sem vínculo com programa específico. O valor total aportado em novembro, para o feijão, em 2018, foi de R\$ 35,28 bilhões, esse valor é 3,47% menor que o observado para novembro de 2017 (R\$ 36,55 bilhões). Esse valor total está distribuído entre as três modalidades de financiamento da seguinte forma: R\$

24,95 milhões na modalidade sem vínculo com programa específico, 1,8% menor que o aportado em novembro de 2017 (R\$ 25,40 bilhões), R\$ 3,97 milhões via Pronamp, 5,17% menor que o valor observado para essa modalidade no mesmo período do ano anterior (R\$ 4,2 milhões) e R\$ 6,35 milhões pelo Pronaf em novembro de 2018, esse valor é 8,6% menor que o aportado em novembro de 2017 (R\$ 6,95 milhões).

Dessa maneira, verifica-se decréscimo no financiamento total do custeio, na cultura do feijão para a safra 2018/19. Pode-se ainda evidenciar o patamar baixo nos meses de 2018.

Gráfico 31 – Financiamento total - Feijão – Mês a mês – Janeiro a novembro de 2013 a 2018

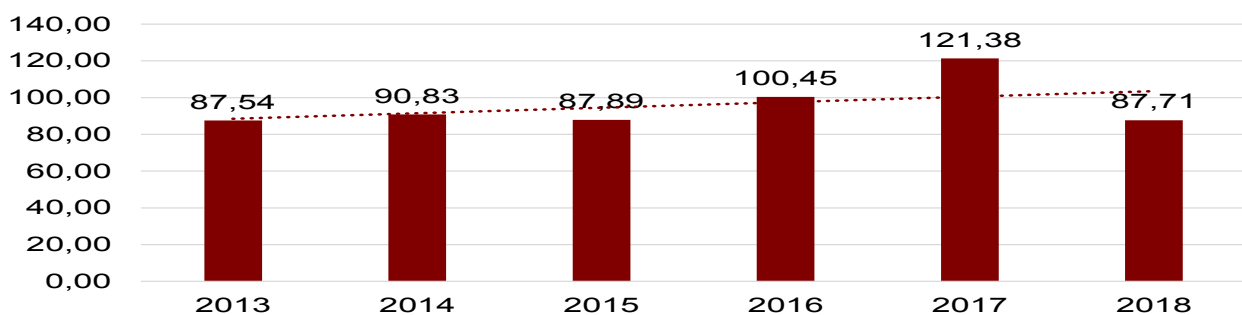


Fonte: Bacen.

Além disso, no acumulado no ano, de janeiro a novembro, pode-se observar queda na obtenção de crédito em relação aos anos imediatamente anteriores, em todos os programas mencionados.

Além disso, no acumulado no ano, de janeiro a novembro, pode-se observar queda na obtenção de crédito em relação aos anos imediatamente anteriores, em todos os programas mencionados.

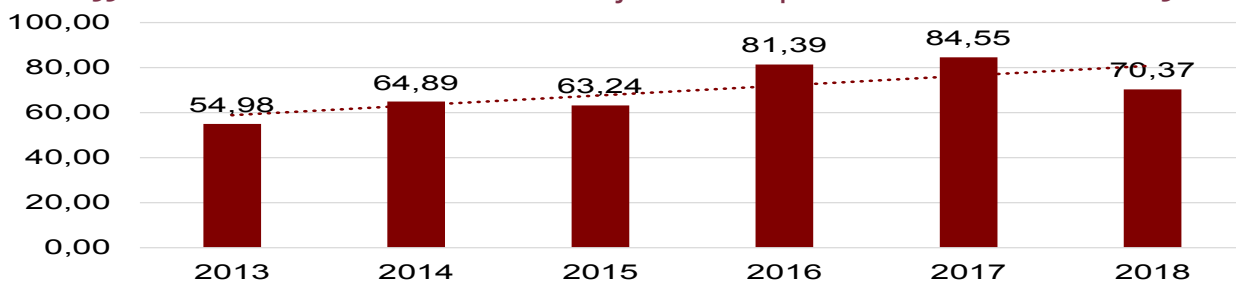
Gráfico 32 – Financiamento total acumulado – Feijão - Pronaf - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

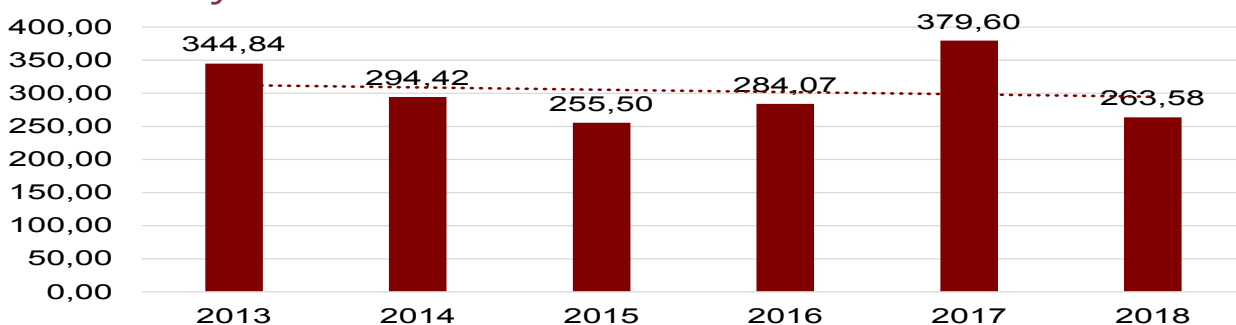


Gráfico 33 – Financiamento total acumulado – Feijão - Pronamp - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 34 – Financiamento total acumulado – Feijão – Sem vínculo a programa específico - Janeiro a novembro de 2013 a 2018

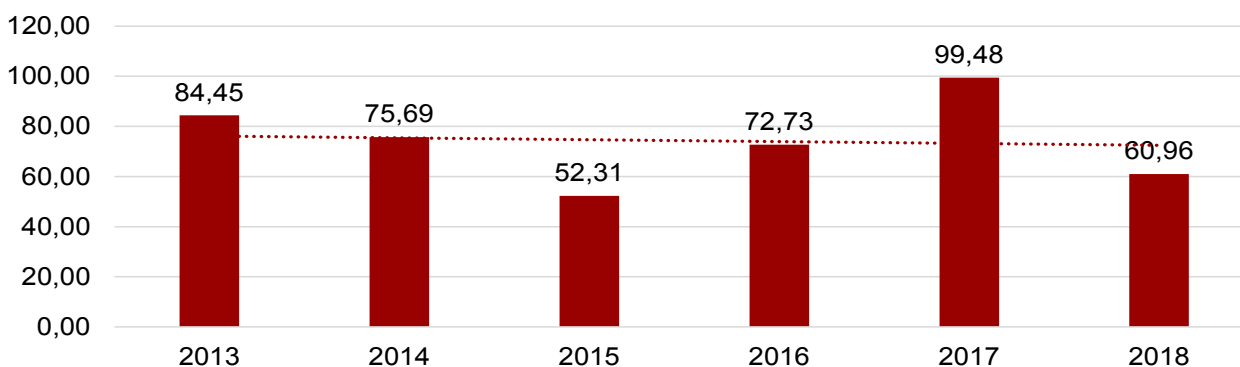


Fonte: Bacen.

Outro aspecto interessante de visualizar o aporte para essa cultura consiste na observação dos montantes financiados em cada região brasileira, via modalidade

oficial. Pode-se perceber a distribuição da produção de feijão em todo o Brasil, ocorrendo de forma semelhante em quatro regiões, tirante a Região Norte.

Gráfico 35 – Financiamento total acumulado – Feijão – Centro-Oeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



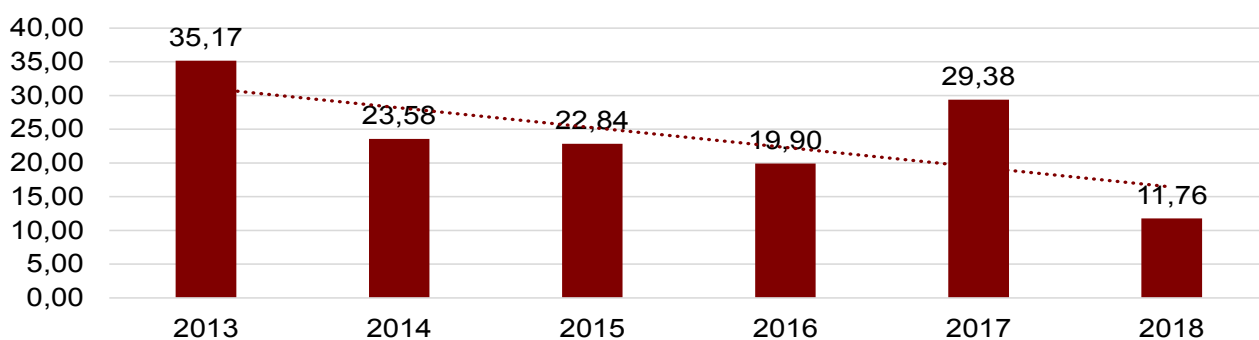
Fonte: Bacen.

Todavia a distribuição da busca pelo crédito não ocorre na mesma proporção da produção, as Regiões Sul e

Sudeste têm predominância na participação do crédito disponibilizado.



Gráfico 36 – Financiamento total acumulado – Feijão – Nordeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018

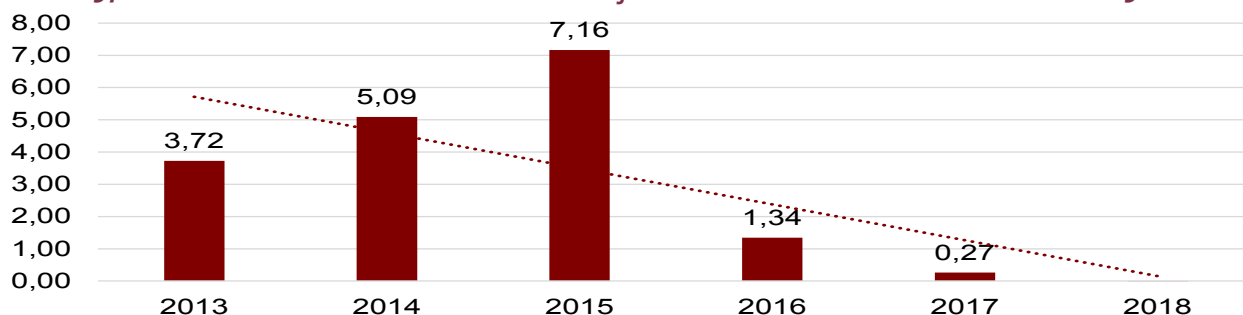


Fonte: Bacen.

Na Região Sul, maior região produtora do feijão, foram aportados R\$ 12,84 milhões em novembro de 2018, aproximadamente 28% menor que o observado

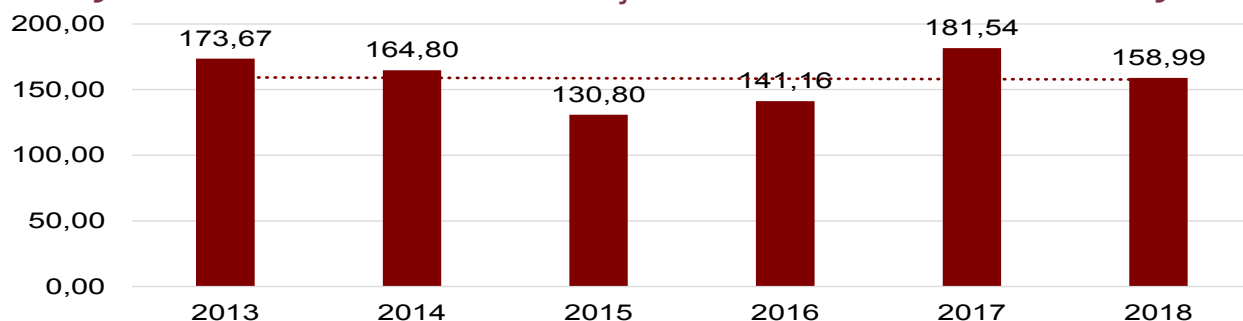
em novembro de 2017. Na região com menor produção brasileira de feijão, a Norte, não há registro de aporte oficial para a referida cultura em novembro de 2018.

Gráfico 37 – Financiamento total acumulado – Feijão – Norte - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



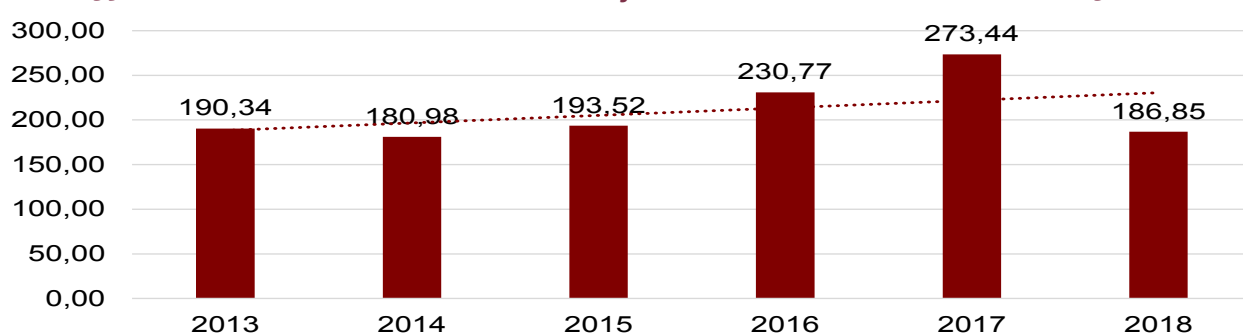
Fonte: Bacen.

Gráfico 38 – Financiamento total acumulado – Feijão – Sudeste - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 39 – Financiamento total acumulado – Feijão – Sul - Janeiro a novembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Nessa última parte do trabalho apresentaremos as informações referentes tanto ao financiamento relacionado ao crédito oficial bancário como às demais formas de aporte. Essa análise será dividida entre cada região brasileira, detalhadamente para o feijão primeira safra.

Na Região Nordeste, observa-se o seguinte cenário: na Bahia se tem a seguinte distribuição de recursos para o custeio:

Fonte de Recursos	Feijão (%)
Bancos federais	36
Bancos privados	10
Agências de fomento	10
Recursos próprios	28
Re vendas	10
Outros	6

Na Sudeste, para Minas Gerais, a cultura do feijão no sul do estado tem baixa participação de recursos de terceiros. Em maioria é uma cultura concentrada em agricultores familiares. A distribuição do crédito se dá da seguinte maneira: bancos com 45%, terceiros com 15% e próprios com 40%.

Na Região Centro-Oeste temos o seguinte cenário: Goiás apresenta retração da rede financiadora da cultura do feijão primeira safra por ser uma cultura de alto risco, portanto boa parte dos produtores utilizam recursos próprios ou troca por insumos nesta primeira safra. Em Mato Grosso, o custeio é realizado majoritariamente por recursos próprios, não existindo custeio via Tradings e empresas, pode-se estimar a seguinte distribuição para o custeio do feijão primeira safra em Mato Grosso: 80% com recursos próprios e 20% com financiamento bancário.

Na Região Sul, maior produtora de feijão, o Paraná apresenta, para o financiamento da cultura do feijão, diferenciação entre feijão-comum preto e feijão-comum cores, da seguinte forma: área plantada com feijão-comum preto é feita com recurso do plano safra. Os produtores que são cooperados têm seus projetos feitos pelas cooperativas. Aqueles que não estão vinculados a nenhuma cooperativa de produção geralmente recorrem à Emater de seu município, para a formalização de seu projeto, a ser entregue no banco ou cooperativa de crédito. Já o feijão-comum cores é de maior perfil tecnológico e seu financiamento é feito através das cooperativas de produção. Em Santa Catarina, tanto para o feijão-comum preto como para o carioca, as principais fontes de crédito para custeio estão assim distribuídas: em torno de 45% de empresas agrícolas atuantes nas regiões produtoras (cooperativas e cerealistas), 33% via instituições financeiras oficiais e 22% advindas de recursos próprios.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE NOVEMBRO

O período chuvoso vem apresentando volumes significativos com uma boa distribuição espacial nas principais regiões produtoras no Brasil. Em novembro, a frequência das chuvas favoreceu tanto as culturas de inverno, em estágio final de seu ciclo, quanto as culturas de verão, que estavam nas fases de plantio, desenvolvimento vegetativo ou início do período reprodutivo. Além da disponibilidade hídrica no solo, as chuvas em outubro e novembro foram fundamentais para o início do processo de recuperação dos níveis dos reservatórios de abastecimento de água e geração de energia.

Na Região Centro-Oeste, as chuvas foram relativamente bem distribuídas em praticamente toda a sua extensão, com volumes acumulados entre 150 e 400 mm (Figura 1), ultrapassando a média histórica de novembro na maioria das localidades. Algumas estações meteorológicas totalizaram volumes bem acima da média, como a de Cuiabá-MT, com 450 mm, e a de Brasília-DF, com 370 mm, enquanto as suas médias históricas são, respectivamente, 173 e 227 mm.

A Região Sudeste apresentou volumes próximos à faixa normal do período, com totais predominante-

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília. - Instituto Nacional de Meteorologia - Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa (CGMADP) - Serviço de Pesquisa Aplicada (SEPEA)

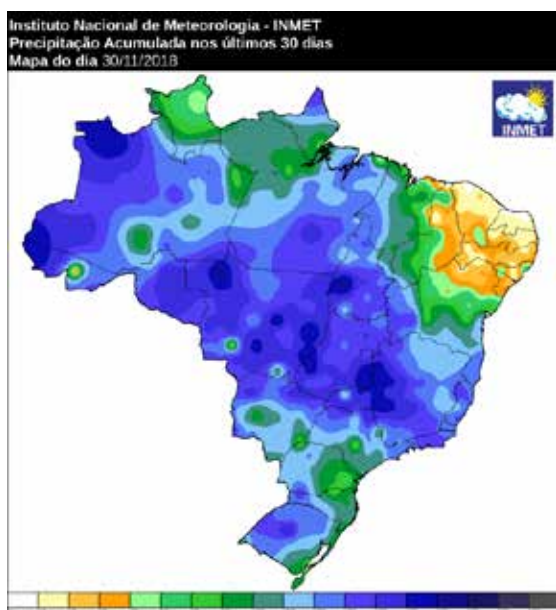
mente entre 120 e 500 mm (Figura 1). Com maiores concentrações na faixa central de Minas Gerais. Os destaques foram as estações meteorológicas do Inmet nas cidades mineiras de Paracatu e Unaí, onde foram registrados acumulados acima dos 400 mm.

Na Região Sul, o saldo acumulado da precipitação de novembro apresentou forte contraste. Enquanto na metade oeste, os volumes ficaram na faixa entre 150 e 300 mm, na outra área, os totais foram mais modestos, entre 70 e 150 mm. Porém, do ponto de vista da disponibilidade hídrica pela chuva, esses volumes

foram suficientes para manter condições gerais favoráveis para as agriculturas na maioria das localidades da região.

Na região agrícola do Matopiba, as chuvas de novembro foram mais volumosas em Tocantins, Sul Maranhense e no Oeste Baiano, na faixa entre 150 e 350 mm (Figura 1), volumes próximos ou acima da média. Na mesorregião Sudoeste Piauiense, as chuvas, com totais entre 70 120 mm, foram mais irregulares, resultando em totais um pouco abaixo da média histórica dessa região.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em novembro/2018



Fonte: Inmet

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

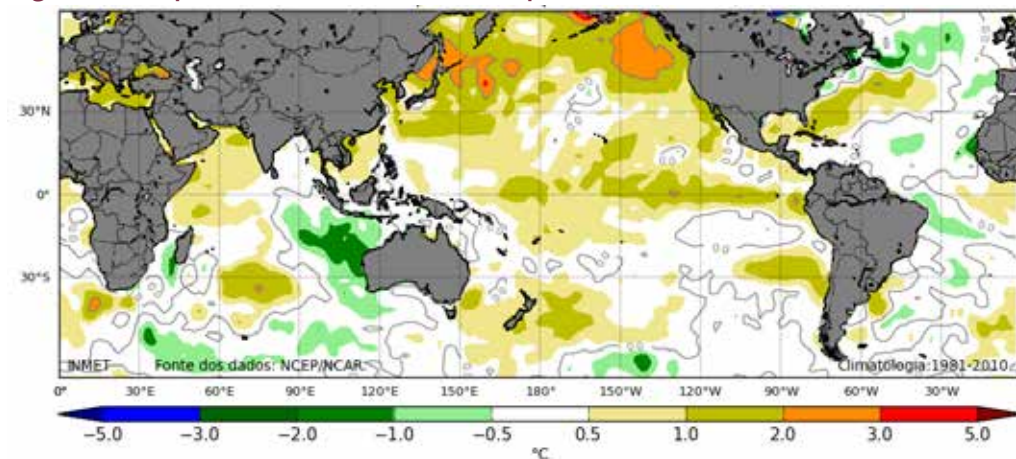
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) de novembro (Figura 2) mostra que a área do Pacífico Equatorial continua coberta por anomalias positivas, mantendo a condição de tendência de formação de um novo episódio de El Niño. Essa condição também é percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 5 de dezembro (Gráfico 45).

Observa-se nesse período, que o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W) manteve-se com um padrão médio com desvios positivos acima de 0,5 °C nos últimos quinze dias.

A faixa de neutralidade está entre -0,5 °C e +0,5 °C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.

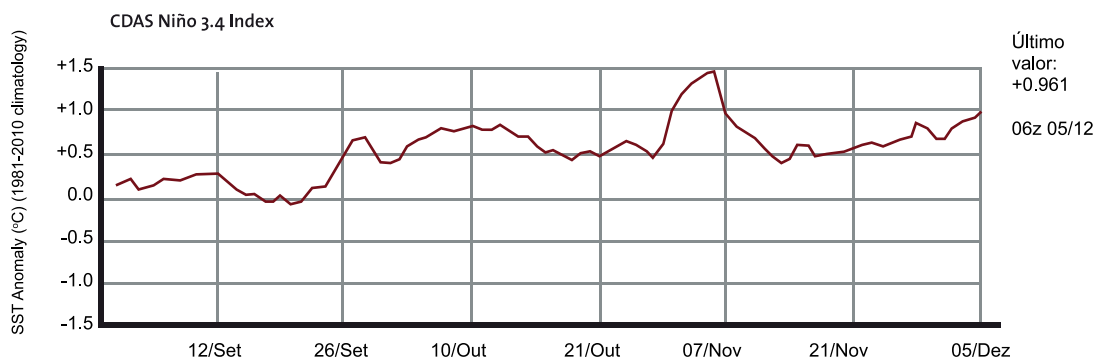


Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período de 16 a 30 de novembro/2018



Fonte: Inmet

Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



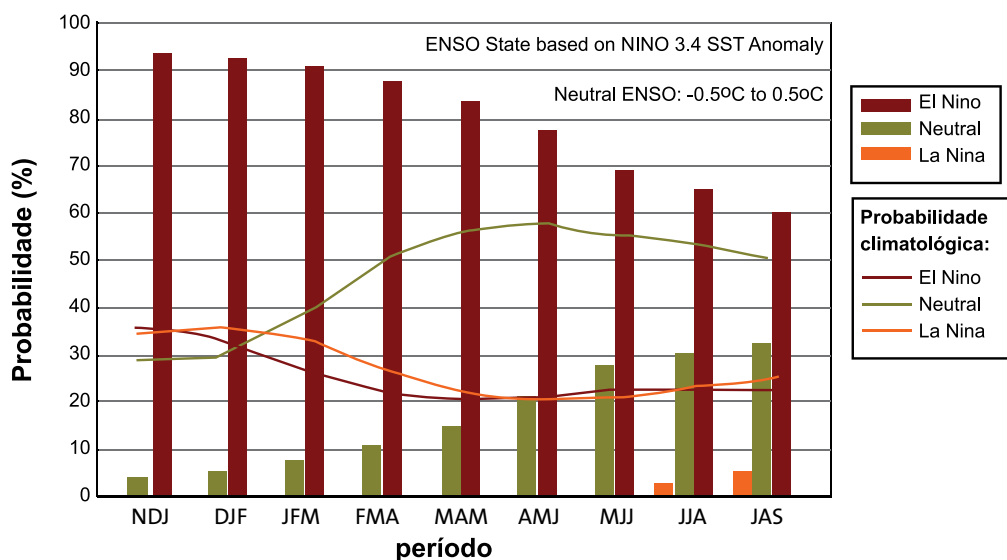
Fonte: Levi Cowan -tropicalidbits.com

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma probabilidade de mais de 90% de que temos um El Niño em curso e que pode persistir até o final do inverno austral de 2019 (Gráfico 46). As saídas dos modelos e as condições térmicas observadas

no Oceano Pacífico também sugerem que há forte probabilidade de o processo de acoplamento com a atmosfera ocorrer durante dezembro, resultando em mudanças na circulação de grande escala e potencializando os riscos de interferência nos padrões de chuva a partir de meados janeiro ou fevereiro de 2019.



Grafico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO DEZEMBRO/2018 E JANEIRO-FEVEREIRO/2019

As previsões climáticas apontam para uma tendência de que o volume de chuvas fique abaixo ou próximo à média na Região Sul, como se observa no mapa de probabilidades do modelo estatístico do Inmet (Figura 3). Em dezembro, a frequência deverá ser bastante irregular, com maior volume durante a segunda quinzena do mês.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão, de modo geral, apresenta uma tendência de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maioria dos estados dessas regiões. No oeste do Mato Grosso e parte de São Paulo há uma tendência oposta, com risco de chuvas abaixo da média em algumas localidades.

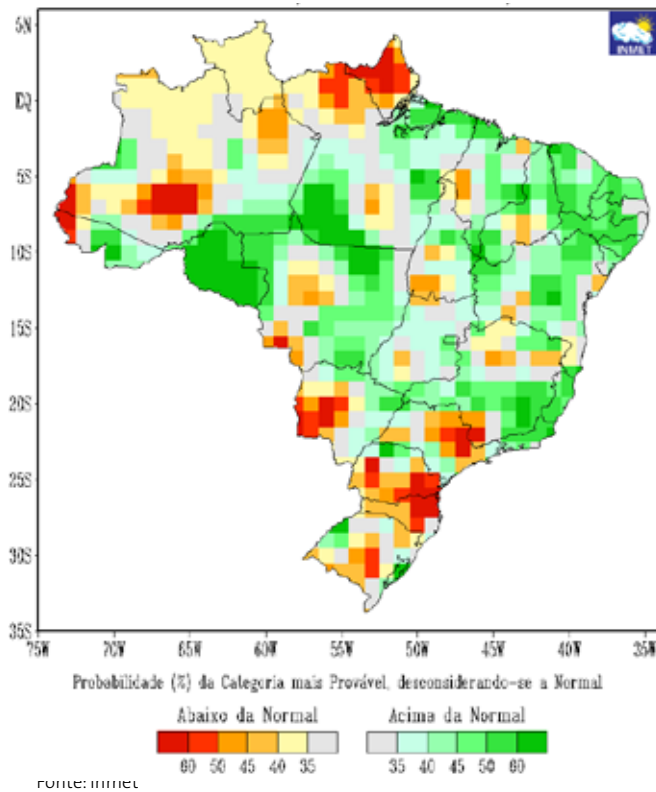
Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica um predomínio de maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades (Figura 3).

No Nordeste há uma probabilidade maior de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou acima, incluindo o semiárido. Contudo, as anomalias positivas de chuva podem ficar mais concentradas no início do trimestre, pois, como o avanço do El Niño, as chances de chuvas mais irregulares tendem a aumentar no centro-norte da região.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre dezembro/2018 e janeiro-fevereiro/2019





8. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

8.1. REGIÃO NORTE

8.1.1. TOCANTIS

Novembro foi marcado por chuvas regulares no centro do estado e chuvas irregulares nos seus extremos. Na região central, em Palmas, foram registrados 400 mm de chuvas bem distribuídos ao longo do mês. Já ao sul, na região de Peixe, foram registrados 273,10 mm de chuva no mês, mal distribuídos. Na região de Pedro Afonso foram registrados 264,2 mm de chuvas, também distribuídos de maneira desuniforme ao longo do mês.

8.2. REGIÃO NORDESTE

8.2.1. MARANHÃO

Já iniciaram as primeiras chuvas da safra 2018/19 no sul do Maranhão. Os meses de outubro/novembro foram marcados por fortes chuvas, principalmente na região centro-sul, ultrapassando 400 mm em muitas áreas.

8.2.2. PIAUÍ

O trimestre de outubro a dezembro caracterizou-se pelo aumento da chuva, a partir de novembro, no sul do Maranhão e Piauí, no sul, sudoeste, oeste e noroeste da Bahia. Nos Cerrados, as primeiras chuvas ocorreram na primeira quinzena de outubro. Até o período deste levantamento o acumulado de chuvas no Cerrado piauiense variou de 114 a 212 mm de média, com os maiores volumes registrados no município de Santa Filomena, atingindo volumes superiores a 300 mm em algumas fazendas. Nesse período as últimas precipitações pluviais tinham ocorrido há uma e duas

semanas em grande parte da região (condições normais para a região nessa época), havendo veranicos superiores a 30 dias em algumas áreas isoladas. Tais previsões se confirmaram, obtendo-se acumulado pluvial variando de 30 a 50 mm, de acordo com dados do Inmet. Em novembro, os valores máximos de chuva oscilam entre 120 e 240 mm no sul do Maranhão e do Piauí e grande parte da Bahia; valores inferiores a 10 mm ocorrem no Rio Grande do Norte, norte do Maranhão e do Piauí, em grande parte do Ceará, centro e oeste da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

8.2.3. BAHIA

No Centro Norte, Centro Sul e Vale São Francisco os registros pluviométrico foram significativos, no entanto as precipitações foram desuniformes. A semeadura

dos grãos foi iniciada e deve ser concluída até o final de dezembro. No Extremo Oeste foram registradas chuvas significativas e bem distribuída, favorecendo o plantio em toda a região.

8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

8.3.1. MATO GROSSO

De acordo com Inmet, nos últimos 30 dias, a precipitação pluviométrica acumulada ficou entre 150 mm

e 300 mm, volume considerado satisfatório para o período.

8.3.2. MATO GROSSO DO SUL

Em outubro, as precipitações ocorreram acima da normal climatológica, sendo muito maiores em comparação ao mesmo mês do ano passado. Neste mês, na região norte e nordeste houve um acumulado de aproximadamente 120 mm, na microrregião de Campo Grande precipitou um acumulado de aproximada-

mente 200 mm, na microrregião de Dourados precipitou um acumulado de aproximadamente 210 mm e na microrregião de Iguatemi precipitou um acumulado de aproximadamente 300 mm. Em novembro, as chuvas reduziram a frequência e intensidade em comparação a outubro.

8.3.3. DISTRITO FEDERAL

A primeira quinzena de novembro foi marcada por chuvas generalizadas sobre grande parte das regiões produtoras de grãos do Distrito Federal. De acordo com Inmet choveu 299,9 mm, até o dia 17 de novem-

bro, quando a expectativa para todo o mês era de 226,9 mm. Mesmo com o valor acima da média, a tendência é que as precipitações continuem ao longo de dezembro.

8.3.4. GOIÁS

O regime de chuvas em outubro e novembro foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas de verão.

8.4. REGIÃO SUDESTE

8.4.1. MINAS GERAIS

As chuvas tiveram início mais cedo em comparação com a safra anterior, apresentando melhor distribuição. Os primeiros registros de chuvas ocorreram ain-

da em setembro e novembro, intensificando-se em volumes elevados. Todavia, as condições climáticas ainda são consideradas totalmente favoráveis.



8.5. REGIÃO SUL

8.5.1. RIO GRANDE DO SUL

Segundo informações da Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi), a primeira semana de novembro apresentou padrão típico da primavera no Rio Grande do Sul. Os volumes de chuva acumulados no período oscilaram entre 20 e 30 mm na maioria dos municípios. Nas Missões, Vale do Uruguai e no Planalto os totais superaram 50 mm, e alcançaram 90 mm em algumas localidades. Os totais mais expressivos registrados na rede de estações Inmet/Seapi ocorreram em Lagoa Vermelha e São Borja (59 mm), Dom Pedrito (65 mm), Soledade (70 mm), São Luiz Gonzaga (83 mm), Santa Rosa (90 mm), Frederico Westphalen (95 mm) e Santiago (97 mm). A temperatura mínima registrada no período em Santa Vitória do Palmar (7,5°C) e a máxima foi registrada em São Luiz Gonzaga (32,8°C). Na segunda semana de

novembro o ar seco e os volumes de precipitação acumulados variaram entre 20 e 35 mm na maioria das localidades da Metade Leste. No restante do estado, os totais observados oscilaram entre 40 e 60 mm. Na Campanha e na Fronteira Oeste, os valores alcançaram 50 mm em grande parte dos municípios e superaram 100 mm em alguns municípios. Os totais mais expressivos foram registrados em Bagé (62 mm), Caçapava do Sul e Serafina Corrêa (64 mm), Lagoa Vermelha (70 mm), Cruz Alta (73 mm), São Vicente do Sul (82 mm), Uruguaiana (98 mm), São Gabriel (122 mm) e em Santana do Livramento (124 mm). A temperatura máxima da semana foi registrada em Santa Rosa (33,7°C) e a mínima do estado ocorreu em São José dos Ausentes (5,7°C).

8.5.2. PARANÁ

As chuvas foram bastante irregulares em novembro em sua distribuição e volume (20 a 220 mm). As chuvas foram mais concentradas na última semana do

mês e com maior intensidade nas regiões noroeste e sudoeste. As temperaturas médias ficaram abaixo do normal em boa parte do estado.

8.5.3. SANTA CATARINA

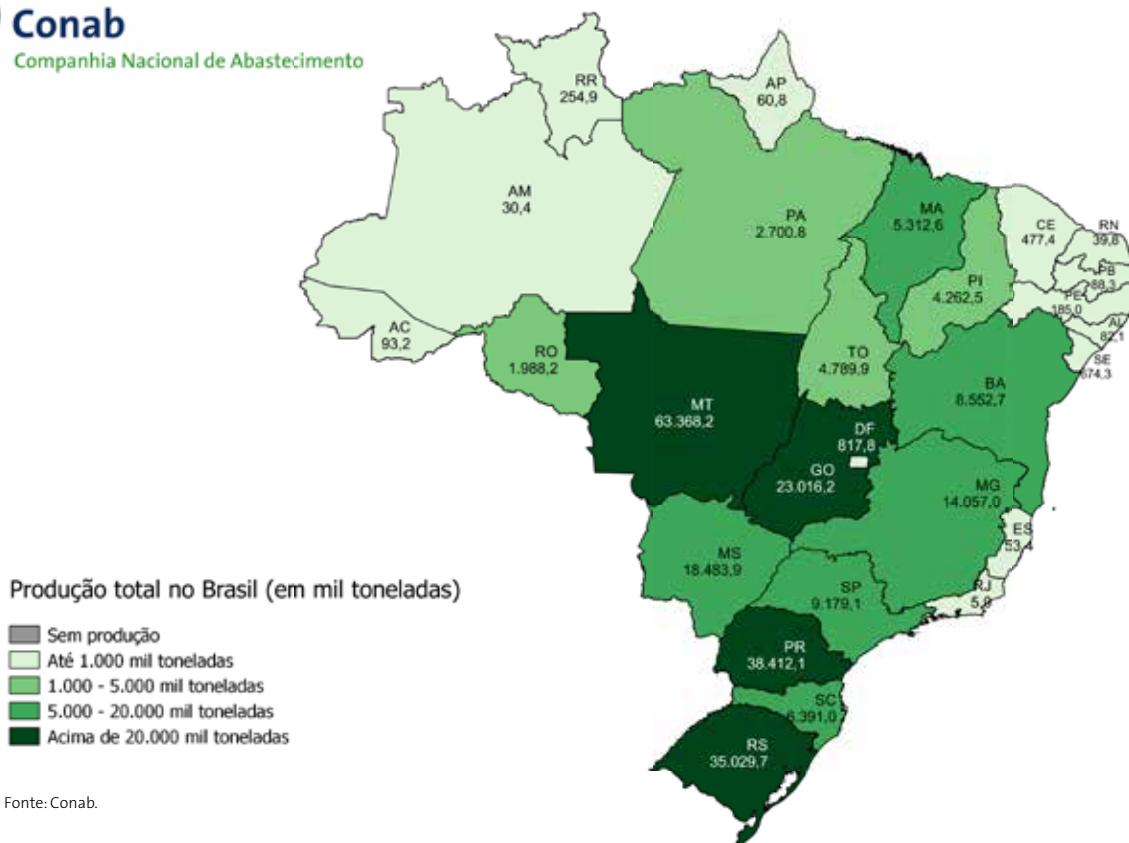
No último mês, o estado obteve dias com maior radiação solar e temperaturas mais elevadas.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

Figura 1 - Mapa da produção agrícola - Brasil total grãos



Fonte: Conab.

9.1. CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O terceiro levantamento de plantio da lavoura de algodão, nessa temporada, aponta para aumento na área cultivada, variando de 23,3% em relação ao exercício anterior, com a área saindo de 1.174,7 mil hectares na temporada passada, para 1.448,7 mil na atual. A comercialização da safra 2017/18, aliada às boas perspectivas de mercado, vem gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo. O cultivo de algodão é realizado por produtores que utilizam o melhor pacote tecnológico e o uso de insumos. Além disso, a cultura passa, na maioria dos estados, por uma adequação do período de plantio, aproveitando as chuvas necessárias ao desenvolvimento da planta e, na época da colheita, a coincidência com o clima seco, ideal para a obtenção da pluma de boa qualidade.

A Região Norte deverá cultivar 14,5 mil hectares de algodão. Em Tocantins, a previsão inicial é que haja aumento da área cultivada em relação à safra passada, pois enquanto a soja e o milho, principais concorrentes da cultura, não se apresentam atrativos, os preços do

algodão apresentam uma tendência positiva no mercado. Os bons resultados obtidos na safra que encerrou e as perspectivas de aumento da demanda mundial também devem impulsionar o aumento da área de plantio. O plantio normalmente se inicia no último decêndio de novembro, concentrando-se em dezembro.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é de incremento na área plantada, atingindo 359,2 mil hectares, aumentando em 21,7% ao ocorrido na temporada passada. No Piauí, a área de algodão apresentará incremento extraordinário. A estimativa dos produtores indica que a área deverá atingir 19,5 mil hectares, correspondendo a um aumento de 170,8% em relação à área da safra passada. Esse incremento está relacionado ao ganho estrutural, relacionado à reativação de uma algodoeira no município de Santa Filomena, além de fatores mercadológicos, como a melhora na cotação da pluma. Dessa forma, constata-se entre os produtores a retomada e também a expansão das áreas de algodão plantadas em safras anteriores. O plantio deverá ser ini-

ciado na primeira semana de dezembro.

Na Bahia, com o fim do vazio sanitário, (20 de outubro), os plantios foram iniciados e até o momento, atingem 10% da área total. A área plantada está estimada atingir 310,1 mil hectares, com um acréscimo de 17,6% em relação à safra passada. Essa estimativa deve-se aos bons resultados da safra que findou e ao otimismo gerado no ambiente da cotonicultura. O plantio de algodão volta a crescer depois de quatro anos consecutivos de queda no plantio estadual, saindo de 319,4 mil hectares na temporada 2013/14, para 201,6 mil hectares em 2016/17, votando a aumentar nas safras 2017/18 e 2018/19. O plantio da fibra ocorre nas mesorregiões do extremo oeste, centro sul e Vale do São Francisco. No extremo oeste o cultivo é realizado com alto aporte tecnológico e, a despeito do elevado custo de produção, são obtidas produtividades de até 500 @/ha de algodão em caroço. Estima-se o cultivo de até 310 mil hectares, entre cultivos irrigados com pivô e de sequeiro no centro sul e Vale do São Francisco e os cultivos são conduzidos por médio e pequenos produtores, com aporte de insumos e áreas reduzidas ao comparar-se com o plantio do extremo oeste.

No Maranhão, o plantio do algodão está previsto para dezembro (primeira safra) e fevereiro (segunda safra). O estado plantará 20,4 mil hectares na primeira safra, 20,7% superior à safra passada e 7,2 mil hectares de algodão na segunda, 23,8% superior à safra 2017/18. A produtividade média estimada para esta safra será de 290@/ha e 260@/ha para a primeira e segunda safras, respectivamente. O crédito de custeio para o algodão no estado é oriundo do próprio capital das empresas produtoras e a produção é 80% direcionada ao mercado internacional e 20% ao nacional.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimado um forte crescimento na área plantada em 22%, quando comparada com o exercício anterior. Em Mato Grosso, a excelente rentabilidade atribuída ao algodão deverá impulsionar a área semeada no estado. Estima-se que 956 mil hectares sejam destinados à cultura na safra 2018/19, 22,9% superior aos 777,8 mil hectares plantados na safra passada. O cenário adverso, no que diz respeito à margem de lucro das culturas concorrentes, plantadas na segunda safra como o milho e feijão, abrem espaço para a forte expansão do algodão em Mato Grosso. Projeta-se que o crescimento deverá ocorrer por substituição de áreas antes destinadas a essas culturas. O vazio sanitário do algodão se estende até o final de novembro e a partir do início de dezembro tem início o plantio, sendo que a janela ideal para plantio ocorre entre janeiro e a 1ª quinzena de fevereiro. A comercialização desacelerou bastante nos últimos dois

meses, à medida que os preços recuaram como decorrência, principalmente, da queda do dólar.

Em Mato Grosso do Sul, a expectativa de área plantada é que atinja 31 mil hectares, considerando o algodão de primeira e segunda safras. Os pacotes tecnológicos aplicados nessa cultura são, na maioria, provenientes de recursos próprios, pois como no estado a principal cultura da primeira safra é a soja. A expansão da área de cultivo de algodão é lenta, embora já existam cooperativas que compram e beneficiam o algodão em caroço para processamento na indústria têxtil, fabricação de óleos e ração animal. Cultivada em larga escala na região norte e por conta do vazio sanitário, o plantio teve início a partir de dezembro, denominado como de primeira safra e que representa a maioria das áreas plantadas. A partir da segunda quinzena de janeiro, têm-se o algodão de segunda safra. Na região central do estado a cultura já iniciou o plantio e até o final de novembro, aproximadamente 8% da área total já havia sido semeada.

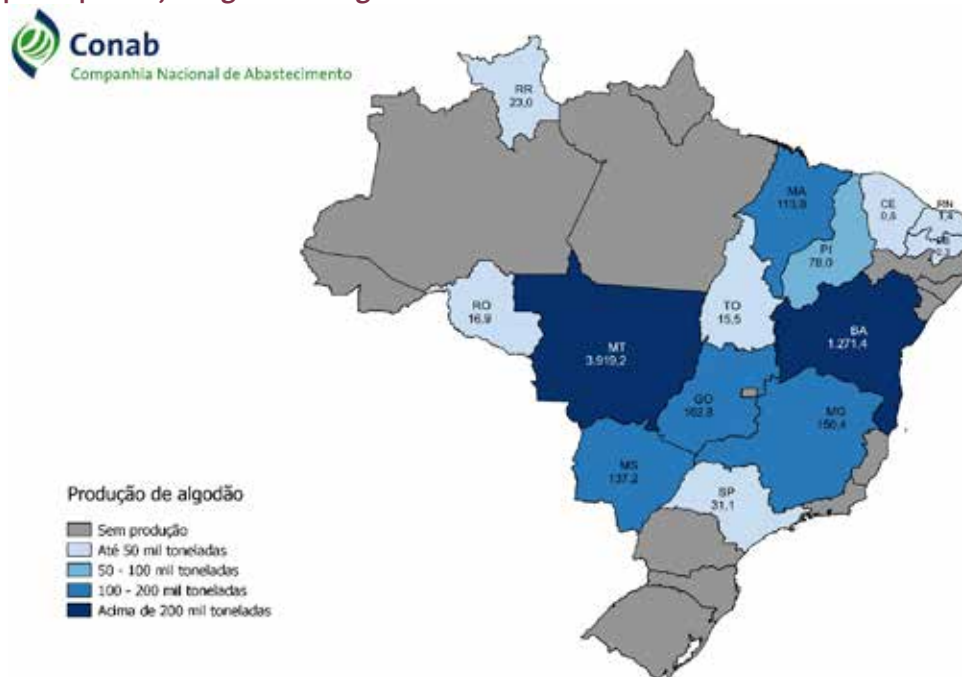
Em Goiás, o plantio ocorrerá a partir de dezembro, visto que aproximadamente 40% da área total é considerada lavoura de primeira safra e o restante de segunda (pós feijão ou soja). A expectativa é de aumento de área em decorrência da melhoria nas cotações no mercado nacional e internacional, além da elevação do câmbio. Estima-se que a área atinja 39,7 mil hectares, com um aumento de aproximadamente 20,3% em relação à safra anterior.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte aumento, 57,7% em relação ao período anterior, saindo de 30,7 mil hectares para 48,4 mil. Em Minas Gerais, o plantio de algodão tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrará o período de vazio sanitário. De maneira geral, o plantio da safra verão é realizado a partir de dezembro e as lavouras de safrinha a partir de fevereiro. A área de plantio para a safra 2018/19 está estimada atingir 39,3 mil hectares. O aumento é decorrente dos excelentes resultados na safra anterior, além das expectativas promissoras para o mercado do algodão.

Em São Paulo, a expectativa é de acréscimo considerável na área, em virtude das condições atuais de preço da pluma, tornando a cultura atraente em relação às demais. O incremento será de 60%, saindo de 5,7 mil hectares para 9,1 mil. Os municípios de Avaré, Itai, Itapeva e Paranapanema, são os maiores produtores de algodão no estado e, no município de Paranapanema encontra-se a maior usina de beneficiamento de algodão da América do Sul. As lavouras de algodão já se encontram todas plantadas e a colheita deverá ocorrer a partir de abril de 2019.



Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas (amarelo) Favorável (verde) Média restrição - falta de chuva (laranja) Baixa restrição - excesso de chuva (azul claro)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	13,3	75,0	4.034	4.164	3,2	30,7	55,4	80,5
RR	4,8	4,8	-	4.200	4.800	14,3	20,2	23,0	13,9
RO	-	4,5	-	-	3.750	-	-	16,9	-
TO	2,8	4,0	41,9	3.750	3.867	3,1	10,5	15,5	47,6
NORDESTE	295,2	359,2	21,7	4.620	4.080	(11,7)	1.363,7	1.465,7	7,5
MA	22,3	27,6	23,8	3.913	4.122	5,3	87,3	113,8	30,4
PI	7,2	19,5	170,8	3.850	4.000	3,9	27,7	78,0	181,6
CE	1,2	1,2	-	817	625	(23,5)	1,0	0,8	(20,0)
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,5	0,5	-	894	669	(25,2)	0,4	0,3	(25,0)
BA	263,7	310,1	17,6	4.725	4.100	(13,2)	1.246,0	1.271,4	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	1.026,6	22,0	4.158	4.110	(1,2)	3.497,6	4.219,2	20,6
MT	777,8	955,9	22,9	4.147	4.100	(1,1)	3.225,5	3.919,2	21,5
MS	30,4	31,0	2,0	4.500	4.425	(1,7)	136,8	137,2	0,3
GO	33,0	39,7	20,3	4.100	4.100	-	135,3	162,8	20,3
SUDESTE	30,7	48,4	57,7	3.935	3.749	(4,7)	120,9	181,5	50,1
MG	25,0	39,3	57,3	3.966	3.827	(3,5)	99,2	150,4	51,6
SP	5,7	9,1	60,0	3.801	3.413	(10,2)	21,7	31,1	43,3
NORTE/NORDESTE	302,8	372,5	23,0	4.605	4.083	(11,3)	1.394,4	1.521,1	9,1
CENTRO-SUL	871,9	1.075,0	23,3	4.150	4.094	(1,4)	3.618,5	4.400,7	21,6
BRASIL	1.174,7	1.447,5	23,2	4.267	4.091	(4,1)	5.012,9	5.921,8	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	13,3	75,0	1.561	1.123	(28,0)	11,9	15,0	26,1
RR	4,8	4,8	-	1.596	1.824	14,3	7,7	8,8	14,3
TO	2,8	4,0	41,9	1.500	1.547	3,1	4,2	6,2	47,6
NORDESTE	295,2	359,2	21,7	1.850	1.638	(11,5)	546,2	588,5	7,7
MA	22,3	27,6	23,8	1.565	1.649	5,3	34,9	45,5	30,4
PI	7,2	19,5	170,8	1.656	1.720	3,9	11,9	33,5	181,5
CE	1,2	1,2	-	286	219	(23,5)	0,3	0,3	-
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,5	0,5	-	322	241	(25,2)	0,2	0,1	(50,0)
BA	263,7	310,1	17,6	1.890	1.640	(13,2)	498,4	508,6	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	1.026,6	22,0	1.664	1.644	(1,2)	1.399,6	1.688,0	20,6
MT	777,8	955,9	22,9	1.659	1.640	(1,1)	1.290,2	1.567,7	21,5
MS	30,4	31,0	2,0	1.845	1.814	(1,7)	56,1	56,2	0,2
GO	33,0	39,7	20,3	1.615	1.615	-	53,3	64,1	20,3
SUDESTE	30,7	48,4	57,7	1.567	1.493	(4,7)	48,1	72,3	50,3
MG	25,0	39,3	57,3	1.586	1.531	(3,5)	39,7	60,2	51,6
SP	5,7	9,1	60,0	1.482	1.331	(10,2)	8,4	12,1	44,0
NORTE/NORDESTE	302,8	372,5	23,0	1.843	1.620	(12,1)	558,1	603,5	8,1
CENTRO-SUL	871,9	1.075,0	23,3	1.660	1.638	(1,4)	1.447,7	1.760,3	21,6
BRASIL	1.174,7	1.447,5	23,2	1.708	1.633	(4,4)	2.005,8	2.363,8	17,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	13,3	75,0	2.474	3.041	22,9	18,8	40,4	114,9
RR	4,8	4,8	-	2.604	2.976	14,3	12,5	14,2	13,6
TO	2,8	4,0	41,9	2.250	2.320	3,1	6,3	9,3	47,6
NORDESTE	295,2	359,2	21,7	2.769	2.442	(11,8)	817,5	877,2	7,3
MA	22,3	27,6	23,8	2.348	2.473	5,3	52,4	68,3	30,3
PI	7,2	19,5	170,8	2.195	2.280	3,9	15,8	44,5	181,6
CE	1,2	1,2	-	531	406	(23,5)	0,7	0,5	(28,6)
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,5	0,5	-	572	428	(25,2)	0,2	0,2	-
BA	263,7	310,1	17,6	2.835	2.460	(13,2)	747,6	762,8	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	1.026,6	22,0	2.494	2.466	(1,1)	2.098,0	2.531,2	20,6
MT	777,8	955,9	22,9	2.488	2.460	(1,1)	1.935,3	2.351,5	21,5
MS	30,4	31,0	2,0	2.655	2.611	(1,7)	80,7	81,0	0,4
GO	33,0	39,7	20,3	2.485	2.485	-	82,0	98,7	20,4
SUDESTE	30,7	48,4	57,7	2.368	2.256	(4,7)	72,8	109,2	50,0
MG	25,0	39,3	57,3	2.380	2.296	(3,5)	59,5	90,2	51,6
SP	5,7	9,1	60,0	2.319	2.082	(10,2)	13,3	19,0	42,9
NORTE/NORDESTE	302,8	372,5	23,0	2.762	2.463	(10,8)	836,3	917,6	9,7
CENTRO-SUL	871,9	1.075,0	23,3	2.490	2.456	(1,3)	2.170,8	2.640,4	21,6
BRASIL	1.174,7	1.447,5	23,2	2.560	2.458	(4,0)	3.007,1	3.558,0	18,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CARÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %			
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,7	55,4	80,5	11,9	15,0	26,1	38,7	27,0	43,3
RR	20,2	23,0	13,9	7,7	8,8	14,3	38,0	38,0	-
TO	10,5	15,5	47,6	4,2	6,2	47,6	40,0	40,0	-
NORDESTE	1.363,7	1.465,7	7,5	546,2	588,5	7,7	40,1	40,2	(0,2)
MA	87,3	113,8	30,4	34,9	45,5	30,4	40,0	40,0	-
PI	27,7	78,0	181,6	11,9	33,5	181,5	43,0	43,0	-
CE	1,0	0,8	(20,0)	0,3	0,3	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,4	0,3	(25,0)	0,2	0,1	(50,0)	36,0	36,0	-
BA	1.246,0	1.271,4	2,0	498,4	508,6	2,0	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	3.497,6	4.219,2	20,6	1.399,6	1.688,0	20,6	40,0	40,0	-
MT	3.225,5	3.919,2	21,5	1.290,2	1.567,7	21,5	40,0	40,0	-
MS	136,8	137,2	0,3	56,1	56,2	0,2	41,0	41,0	-
GO	135,3	162,8	20,3	53,3	64,1	20,3	39,4	39,4	-
SUDESTE	120,9	181,5	50,1	48,1	72,3	50,3	39,8	39,8	-
MG	99,2	150,4	51,6	39,7	60,2	51,6	40,0	40,0	-
SP	21,7	31,1	43,3	8,4	12,1	44,0	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.394,4	1.521,1	9,1	558,1	603,5	8,1	40,0	39,7	0,8
CENTRO-SUL	3.618,5	4.400,7	21,6	1.447,7	1.760,3	21,6	40,0	40,0	-
BRASIL	5.012,9	5.921,8	18,1	2.005,8	2.363,8	17,8	40,0	39,9	0,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A área de plantio de amendoim primeira safra, na temporada 2018/19, deverá ter incremento de 3,9% quando comparada com a temporada passada. Esse aumento de área se dá, principalmente, em áreas de renovação de lavouras de cana-de-açúcar.

Em Minas Gerais, os plantios para fins comerciais estão concentrados na região do Triângulo Mineiro, onde as lavouras são conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade. Nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas praticamente sem uso de tecnologia.

Aproximadamente 50% da área de amendoim, estimada em 1,3 mil hectares, está semeada. O desinteresse pela cultura, na principal região produtora do estado, explica essa estimativa de menor área cultivada nessa safra.

Em São Paulo, o amendoim apresenta incremento de área plantada de 4,4% comparado com o cultivado na safra anterior, que foi de 124,7 mil hectares. O plantio do amendoim se faz durante a entressafra da cana-de-açúcar, uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Sendo assim, otimiza o plantio da cana. Aproximadamente 70% desse produto é destinado para a

exportação, uma vez que o restante é consumido internamente pelas fabricas de doces, que demandam uma produção considerável do produto na fabricação de seus doces.

No Paraná, a cultura não possui expressão econômica, sendo, em sua maioria, produzida para subsistência. O plantio já foi realizado em 89% da área estimada, a qual é de 2,1 mil hectares, o que representa um aumento de 40% em comparação à safra anterior. A produtividade prevista também poderá sofrer um aumento de 7% em comparação à safra passada, estimando-se 2.940 kg/ha devido ao clima favorável.

Figura 3 - Amendoim em Cambé-PR



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra

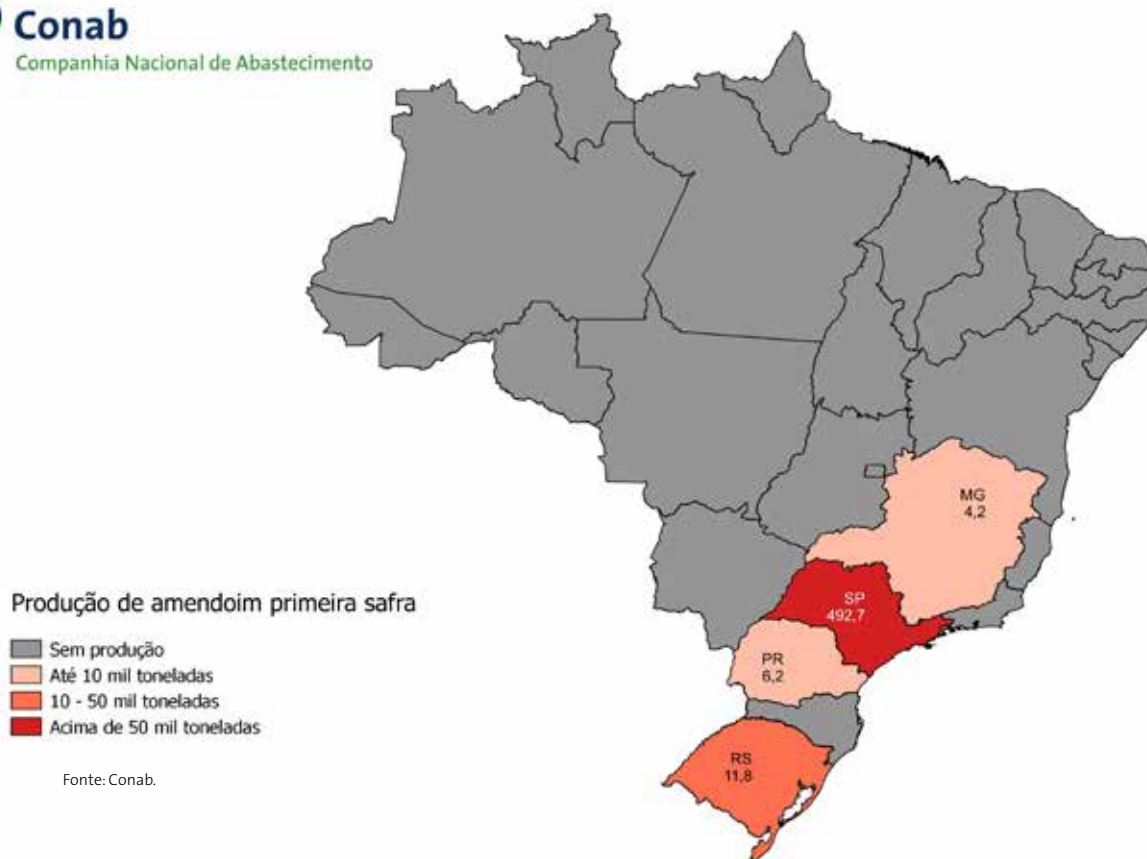


Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	127,0	131,5	3,5	3.825	3.779	(1,2)	485,8	496,9	2,3
MG	2,3	1,3	(41,8)	3.527	3.243	(8,1)	8,1	4,2	(48,1)
SP	124,7	130,2	4,4	3.831	3.784	(1,2)	477,7	492,7	3,1
SUL	5,1	5,7	11,8	3.120	3.152	1,0	15,9	18,0	13,2
PR	1,5	2,1	40,0	2.747	2.940	7,0	4,1	6,2	51,2
RS	3,6	3,6	-	3.276	3.276	-	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	132,1	137,2	3,9	3.798	3.753	(1,2)	501,7	514,9	2,6
BRASIL	132,1	137,2	3,9	3.798	3.753	(1,2)	501,7	514,9	2,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	-
TO	0,3	0,3		3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	-
NORDESTE	2,2	2,2	-	995	956	(3,9)	2,2	2,1	(4,5)
CE	0,3	0,3	-	1.285	930	(27,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	922	954	3,5	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	1.430	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	957	962	0,5	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS	-	-	-	-	4.000	-	-	-	-
SUDESTE	3,9	3,9	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	50,0
SP	3,9	3,9	-	1.640	2.456	49,8	6,4	9,6	50,0
NORTE/NORDESTE	2,5	2,5	-	1.330	1.296	(2,6)	3,3	3,2	(3,0)
CENTRO-SUL	3,9	3,9	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	50,0
BRASIL	6,4	6,4	-	1.541	2.003	30,0	9,7	12,8	32,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,1	1,1	-
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,1	1,1	-
NORDESTE	2,2	2,2	-	1.801	956	(46,9)	2,2	2,1	(4,5)
CE	0,3	0,3	-	1.269	930	(26,7)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	954	(3,1)	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	942	962	2,1	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	130,9	135,4	3,4	3.298	3.741	13,4	492,2	506,5	2,9
MG	2,3	1,3	-	4.087	3.243	(20,6)	8,1	4,2	(48,1)
SP	128,6	134,1	-	3.284	3.745	14,1	484,1	502,3	3,8
SUL	5,1	5,7	11,8	3.650	3.152	(13,6)	15,9	18,0	13,2
PR	1,5	2,1	-	4.541	2.940	(35,3)	4,1	6,2	51,2
RS	3,6	3,6	-	3.278	3.276	(0,1)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	2,5	2,5	-	2.161	1.296	(40,0)	3,3	3,2	(3,0)
CENTRO-SUL	136,0	141,1	3,7	3.388	3.717	9,7	508,1	524,5	3,2
BRASIL	138,5	143,6	3,7	3.692	3.675	(0,5)	511,4	527,7	3,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.3. ARROZ

A safra 2018/19 apresenta uma estimativa nacional de área destinada à rizicultura na ordem de 1.836,5 mil hectares. Desse total, cerca de 74% (1.365,9 mil hectares) corresponde ao cultivo irrigado de arroz e os outros 26% (470,6 mil hectares) estão relacionados ao sistema de produção em condição de sequeiro.

A Região Norte, por exemplo, tem uma projeção de área cultivada com o cereal de 243,1 mil hectares para essa safra. Isso representa uma redução de 7,7% quando comparada à temporada anterior.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro e existe uma estimativa de manutenção da área para a produção de arroz, que no ciclo anterior foi de 42,4 mil hectares. Na região há duas épocas distintas de semeadura, sendo o primeiro período compreendido entre outubro e novembro, representando quase 91% (cerca de 38,4 mil hectares) de toda área cultivada no estado. E uma segunda época, que usualmente sucede a colheita de soja, ficando entre janeiro e fevereiro. Quanto ao rendimento médio, a projeção nessa safra é na ordem de 3.181 kg/ha. A expectativa de produção é de 134,9 mil toneladas.

O calendário agrícola está um tanto atípico, visto que há relatos de atrasos na entrega de insumos, principalmente fertilizantes oriundos de Parana-guá/PR.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio. O arroz configura-se como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente, a soja. A possibilidade do arroz retornar à área é uma opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada em Rondônia é a AN Cambará, tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas. O ciclo da AN Cambará oscila entre 105 e 115 dias, antecipando o ciclo quando submetida a algum tipo de estresse, principalmente o hídrico. Outra cultivar largamente utilizada é ANa 6005, que pode ser usada como opção de variedade mais precoce cultivada na safrinha, bem como a ANa 5015, com ciclo em torno de 92 dias, conhecida popularmente como Aninha.

No Acre, assim como em Rondônia, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Há uma expectativa de manutenção da área destinada à rizicultura, que tende a ser de 5 mil hectares. A semeadura iniciou-se em outubro e deve se encerrar até o fim de dezembro.

A produtividade média estimada para 2018/19 é de aproximadamente 1.334 kg/ha e a produção final na ordem de 6,7 mil toneladas. Ressaltando que o estado é caracterizado por uma rizicultura de baixa tecnologia, com predominância da agricultura familiar.

No Amazonas, a estimativa é de manutenção da área plantada, que foi de 1,4 mil hectares em relação à área da safra passada.

No Pará, a área destinada ao cultivo de arroz tem sinalizado uma retração na ordem de 20,2% em comparação com a área plantada em 2017/18. Tal diminuição é observada principalmente nos municípios de Floresta do Araguaia e Breu Branco. Há uma certa dificuldade na comercialização do produto, assim como maior rentabilidade na produção de outras culturas de maior valor agregado, o que favorece a já mencionada redução de área.

Em Tocantins, a previsão é que a área destinada ao cultivo de arroz seja de 127,8 mil hectares, uma vez que grande parte desse total (cerca de 87% ou 111,1 mil hectares) está estimado para a produção irrigada. Esses números, quando comparados à safra 2017/18, representam incremento para a rizicultura irrigada (cerca de 4% a mais), porém decréscimo na área total de arroz no estado (3,5%), refletindo nas reduções de cultivo em terras altas (sequeiro).

Para a produtividade média, a expectativa é de aumento na ordem de 3,2%, totalizando 4.947 kg/ha. Isso denota uma eventual manutenção nos valores de produção comparados ao ano passado, ficando em aproximadamente 632,3 mil toneladas.

No Nordeste, o principal estado rizicultor (Maranhão) sinaliza com uma diminuição de área plantada, e isso tende a impactar toda a região, que também projeta uma menor destinação de área para a cultura (saindo de 261,3 mil hectares em 2017/18, para 231,7 mil hectares em 2018/19). Tal redução tende a refletir na produção final do cereal, visto que a estimativa atual é de 455,7 mil toneladas (13,3% a menos do que a temporada anterior).

No Maranhão há uma supremacia do cultivo de arroz em sequeiro, chegando a representar quase 98% de toda a área destinada ao cereal no estado.

Para essa safra, a expectativa é de decréscimo na área de plantio da cultura (quando comparada à temporada anterior), tanto o de sequeiro quanto o de irrigado, projetando assim uma utilização de aproximadamente 144,9 mil hectares para toda a rizicultura do estado.



Algumas das justificativas para essa diminuição estão relacionadas às demandas com o licenciamento ambiental, outorga no uso d'água (no caso de sistema irrigado), assim como custo de produção elevado para baixos retornos financeiros aos produtores.

A produtividade média esperada em 2018/19 é de 1.857 kg/ha e a produção estimada é de 269,2 mil toneladas (16,1% a menos do que em 2017/18).

No Piauí, o cultivo de arroz deve ser realizado em uma área similar àquela utilizada na safra anterior, com destinação de aproximadamente 70,8 mil hectares. O plantio se iniciou em dezembro de 2018 e deve se estender até janeiro de 2019. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial. A produtividade média estimada para o estado é de 1.538 kg/ha.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro (diminuindo de 150,2 mil hectares para 134,9 mil hectares), quanto naquelas destinadas ao arroz irrigado, sinalizando que a área plantada será de 32,8 mil hectares (decréscimo de 6,3%).

Em Mato Grosso, a projeção é que a área destinada ao cultivo de arroz em 2018/19 é de 134,5 mil hectares, representando uma redução de 9,9% em relação àquela obtida na temporada passada. Tal diminuição é oriunda das lavouras em sequeiro, que, além disso, correspondem a mais de 95% da área relacionada à rizicultura no estado. Há um descontentamento por parte de alguns produtores em relação aos preços do cereal, considerados aquém do esperado.

O plantio se iniciou na segunda quinzena de novembro e os trabalhos deverão se estender até o fim de dezembro. Há um certo atraso intencional no plantio do cereal, a fim de que o período de colheita não coincida com o de chuvas, pois quando o grão está em maturação o excesso de umidade causa queda de produtividade e de qualidade do produto.

A estimativa para o rendimento médio da cultura no estado tende a se manter similar àquele número final apresentado em 2017/18 que foi de aproximadamente 3.282 kg/ha, projetando-se assim uma produção de 441,5 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, os municípios de Miranda e Bodoquena se destacam como aqueles de maior área plantada. Entretanto outras regiões do estado também apresentam produção significativa, tendo até

mesmo determinadas localidades que realizam um cultivo considerado de segunda safra, sucedendo a colheita da soja em uma região predominantemente de várzea.

Contudo, até o final de novembro, aproximadamente 80% da área destinada à rizicultura no estado já havia sido plantada. Desse total, cerca de 15% das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo, 25% em floração, 30% em frutificação e 30% em maturação.

Vale destacar que o calendário de cultivo do arroz está atrasado em relação ao ano anterior, pois o volume de chuva tem se mantido acima do normal e o produtor priorizou os momentos de estiagem para finalizar a semeadura das lavouras.

A expectativa de área plantada com a cultura no estado é de 13,5 mil hectares em 2018/19. Esse valor representa uma diminuição de aproximadamente 5,6% em relação à temporada passada. Tal redução pode estar ligada à falta de financiamento público em decorrência da não existência de zoneamento agroclimático para o cultivo de arroz irrigado no Mato Grosso do Sul, bem como pela dificuldade em obtenção de licenças ambientais, dentre elas, a outorga para uso da água. Além disso, o preço pago pela saca de 60 quilos de arroz também tem desestimulado seu cultivo, permanecendo, basicamente, aqueles rizicultores que não conseguem drenar suficientemente bem as suas áreas para a implantação de soja.

Em Goiás há o cultivo de arroz em sequeiro (representando basicamente 31% da área destinada à rizicultura no estado), sendo caracterizado por uma produção menos tecnificada e com a utilização de áreas pequenas, normalmente oriundas de assentamentos rurais ou lavouras comunitárias. Existe também a produção irrigada do cereal, predominantemente localizada na região leste e parte do norte do estado, onde denominamos de tríplice divisa (Flores de Goiás, Formosa e São João D'Aliança). Ambos meios de produção, mesmo que por motivos diferentes (inadimplência com relação a programas de crédito e fomento da rizicultura do estado, condições climáticas desfavoráveis em período crítico na safra anterior, preços de comercialização considerados aquém do esperado), sinalizam para uma diminuição de área destinada à rizicultura quando comparadas aos valores obtidos no ciclo anterior. Estima-se uma área total de 19,7 mil hectares (8,8% a menos do que 2017/18) para a produção de arroz em Goiás, projetando-se um rendimento médio de 4.836 kg/ha.

Na Região Sudeste, a área destinada à orizicultura deve ser inferior (cerca de 6,8% a menos) àquela visualizada na última safra. Estima-se que sejam cul-



tivados 13,7 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado em 5 mil hectares, e o plantio irrigado, com projeção de 8,7 mil hectares.

Em Minas Gerais há um predomínio do cultivo em sequeiro, caracterizado pelo uso de sementes próprias, baixo nível tecnológico e pouca adubação. Tais fatores, atrelados à baixa rentabilidade do cereal, os riscos de intempéries climáticas ao longo do ciclo da cultura, além das restrições ambientais para plantio em determinadas áreas de preservação trazem um desestímulo à produção do grão e, conseqüentemente, um constante decréscimo, nos últimos anos, no total de área destinada ao arroz no estado. A expectativa é de mais uma diminuição (20,8%) em relação à safra anterior, podendo alcançar 3,8 mil hectares, somados os cultivos em sequeiro e o irrigado.

O plantio foi iniciado em outubro e estima-se que quase 85% das áreas já foram semeadas. As primeiras lavouras formadas já estão em fase avançada do desenvolvimento vegetativo.

Quanto à produtividade média também existe uma tendência de redução em comparação com a temporada passada, saindo de 2.791 kg/ha em 2017/18, para uma estimativa de 2.638 kg/ha em 2018/19.

Em São Paulo, a estimativa é de estabilidade na área tanto para o arroz de sequeiro quanto para o arroz irrigado. O produto é pouco cultivado no estado e boa parte do que é consumido vem de origem gaúcha, especificamente do Rio Grande do Sul (São Paulo é o maior comprador de arroz do Rio Grande do Sul).

O cereal produzido em São Paulo se encontra basicamente nos municípios de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba.

Quanto à área prevista no estado, a tendência é de manutenção daquela utilizada em 2017/18, com 9,5 mil hectares.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado com sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.177,4 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta para 2,9 mil hectares.

No Paraná, assim como ocorreu no ano anterior, o plantio de arroz irrigado está um pouco atrasado pelo excesso de chuvas em outubro. O plantio foi iniciado desde o começo de setembro e se encontra com 77% concluído.

A área plantada com o arroz irrigado está estimada em 20% mil hectares, apresentando um incremento de 1,3% em comparação a 2017/18. O perfil tecnológico é o mesmo do habitual, o que permitiu estimar a produtividade em 7.663 kg/ha. Tal rendimento médio é maior 21,2% do que o obtido na safra anterior, porém está mais condicionado a algumas intempéries climáticas registrados na temporada passada, que culminou em atraso na última colheita e conseqüentes perdas.

Já o arroz de sequeiro é considerado na região uma cultura de subsistência, com pouca tecnificação. Geralmente é cultivada de forma intercalada com outras culturas perenes e está pulverizada por todo o estado. O plantio ainda não foi concluído devido às chuvas ocorridas em outubro, visto que o plantio da área é estimada em 2,9 mil hectares. A produtividade média estimada é de 2.045 kg/ha, o que representa um aumento em relação à safra anterior em 3,6%.

Em Santa Catarina, o plantio do arroz da safra 2018/19 já está praticamente concluído, restando menos de 2% das lavouras para serem implantadas. A tendência é de uma área destinada à rizicultura na ordem de 144,5 mil hectares. Nos últimos dias a condição climática para o desenvolvimento da cultura melhorou, com a incidência de dias com maior radiação solar e temperaturas mais elevadas. As doenças e pragas estão sendo controladas de forma satisfatória, com alguns registros pontuais de dificuldade no controle por questões climáticas.

Até o presente momento a safra vem se mostrando normal, com o clima favorável ao desenvolvimento das plantas, porém as lavouras estão em condições inferiores se comparadas à safra anterior, cuja produtividade foi muito acima da média. A projeção é que o rendimento médio nesse ciclo seja de 7.610 kg/ha (3,1% menor do que em 2017/18).

Em relação ao estágio de desenvolvimento, observa-se o início da fase reprodutiva em algumas lavouras, principalmente na região norte do estado, cujo plantio ocorre mais cedo, entretanto, a maioria expressiva ainda se encontra na fase de perfilhamento.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do arroz evoluiu de maneira significativa desde o último levantamento, passando de 53,9% para 92,5%. O período considerado preferencial para a implantação da cultura na região se estende até a segunda quinzena de novembro e, até essa data, cerca de 89,1% da área total estimada já havia sido cultivada. A expectativa é que sejam cultivados no estado aproximadamente 1.012,9 mil hectares em 2018/19 (valor que representa diminuição de



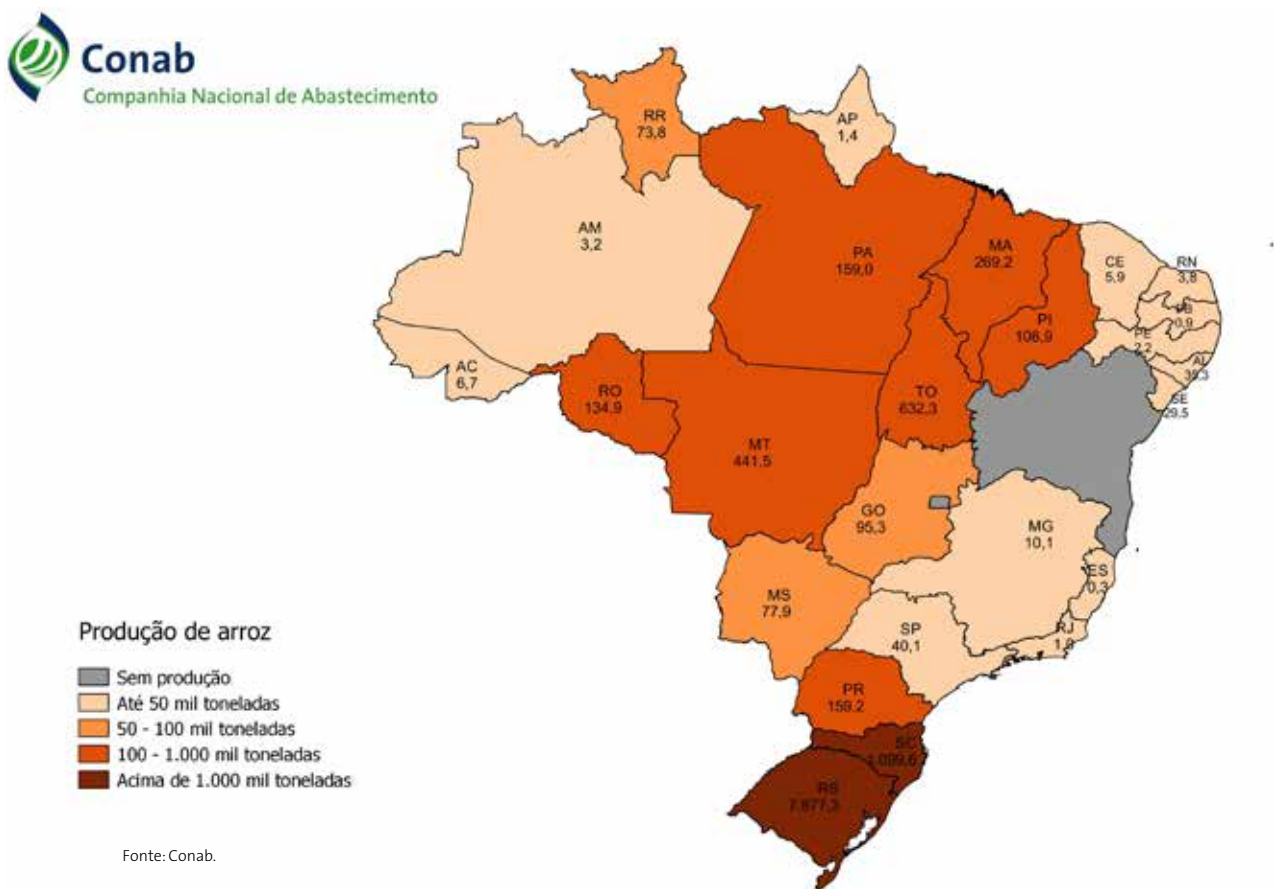
6% em relação aos verificados na safra passada).

As condições meteorológicas de outubro e novembro, somadas ao preparo antecipado em boa parte das áreas, permitiram uma rápida evolução das atividades de semeadura, fazendo com que essa safra possa ser considerada, em alguns locais, como uma das que se teve a melhor implantação da cultura. Isso também influencia positivamente o potencial produtivo da cultura, já que favorece o melhor aproveitamento

da radiação solar pelas plantas, principalmente no período de florescimento e enchimento de grãos.

Houve registro de deficiência hídrica em alguns pontos do estado durante a implantação da lavoura, o que reduziu a uniformidade de estabelecimento, porém sem prejudicar o potencial produtivo. Também houve relatos de chuvas excessivas, principalmente na região central do estado, o que atrasou a semeadura e dificultou o manejo do arroz vermelho em certas lavouras.

Figura 5 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
SC**	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS**	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,5	243,1	(7,7)	4.045	4.160	2,8	1.065,7	1.011,3	(5,1)
RR	12,3	10,4	(15,4)	7.075	7.100	0,4	87,0	73,8	(15,2)
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.181	(1,9)	137,5	134,9	(1,9)
AC	5,0	5,0	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	9,8
AM	1,4	1,4	-	2.296	2.288	(0,3)	3,2	3,2	-
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	68,4	54,6	(20,2)	2.860	2.912	1,8	195,6	159,0	(18,7)
TO	132,5	127,8	(3,5)	4.792	4.947	3,2	634,9	632,3	(0,4)
NORDESTE	261,3	231,7	(11,3)	2.013	1.966	(2,3)	525,9	455,7	(13,3)
MA	166,7	144,9	(13,1)	1.925	1.857	(3,5)	320,9	269,2	(16,1)
PI	70,8	70,8	-	1.670	1.538	(7,9)	118,2	108,9	(7,9)
CE	3,6	3,6	-	975	1.622	66,3	3,6	5,9	63,9
RN	1,1	1,1	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	(11,6)
PB	1,1	1,1	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	(25,0)
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
CENTRO-OESTE	185,2	167,7	(9,4)	3.653	3.665	0,3	676,5	614,7	(9,1)
MT	149,3	134,5	(9,9)	3.283	3.282	-	490,2	441,5	(9,9)
MS	14,3	13,5	(5,6)	5.700	5.770	1,2	81,5	77,9	(4,4)
GO	21,6	19,7	(8,8)	4.852	4.836	(0,3)	104,8	95,3	(9,1)
SUDESTE	14,7	13,7	(6,8)	3.611	3.747	3,8	53,0	51,5	(2,8)
MG	4,8	3,8	(20,8)	2.791	2.638	(5,5)	13,4	10,1	(24,6)
ES	0,1	0,1	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	150,0
SP	9,5	9,5	-	4.094	4.215	3,0	38,9	40,1	3,1
SUL	1.247,4	1.180,3	(5,4)	7.811	7.741	(0,9)	9.743,1	9.136,1	(6,2)
PR	23,1	22,9	(0,9)	5.684	6.952	22,3	131,3	159,2	21,2
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.099,6	(4,5)
RS	1.077,6	1.012,9	(6,0)	7.851	7.777	(0,9)	8.460,2	7.877,3	(6,9)
NORTE/NORDESTE	524,8	474,8	(9,5)	3.033	3.089	1,9	1.591,6	1.467,0	(7,8)
CENTRO-SUL	1.447,3	1.361,7	(5,9)	7.236	7.198	(0,5)	10.472,6	9.802,3	(6,4)
BRASIL	1.972,1	1.836,5	(6,9)	6.118	6.136	0,3	12.064,2	11.269,3	(6,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	138,8	116,0	(16,4)	2.757	2.722	(1,3)	382,6	315,8	(17,5)
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.181	(1,9)	137,5	134,9	(1,9)
AC	5,0	5,0	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	9,8
AM	1,4	1,4	-	2.296	2.288	(0,3)	3,2	3,2	-
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	62,8	49,0	(22,0)	2.808	2.763	(1,6)	176,3	135,4	(23,2)
TO	25,7	16,7	(35,0)	2.261	2.050	(9,3)	58,1	34,2	(41,1)
NORDESTE	240,8	211,8	(12,0)	1.710	1.635	(4,4)	411,9	346,5	(15,9)
MA	162,9	141,7	(13,0)	1.865	1.800	(3,5)	303,8	255,1	(16,0)
PI	65,5	65,5	-	1.443	1.300	(9,9)	94,5	85,2	(9,8)
CE	3,5	3,5	-	846	1.500	77,3	3,0	5,3	76,7
PB	1,1	1,1	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	(25,0)
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
CENTRO-OESTE	150,2	134,9	(10,2)	3.225	3.224	-	484,4	434,9	(10,2)
MT	143,5	128,7	(10,3)	3.268	3.268	-	469,0	420,6	(10,3)
GO	6,7	6,2	(7,5)	2.300	2.300	-	15,4	14,3	(7,1)
SUDESTE	5,8	5,0	(13,8)	2.244	2.264	0,8	12,9	11,4	(11,6)
MG	3,5	2,7	(21,9)	1.756	1.472	(16,2)	6,1	4,0	(34,4)
ES	0,1	0,1	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	150,0
SP	1,9	1,9	-	3.200	3.200	-	6,1	6,1	-
SUL	3,4	2,9	(14,7)	1.973	2.045	3,6	6,7	5,9	(11,9)
PR	3,4	2,9	(13,9)	1.973	2.045	3,6	6,7	5,9	(11,9)
NORTE/NORDESTE	379,6	327,8	(13,6)	2.093	2.020	(3,5)	794,5	662,3	(16,6)
CENTRO-SUL	159,4	142,8	(10,4)	3.162	3.166	0,1	504,0	452,2	(10,3)
BRASIL	539,0	470,6	(12,7)	2.409	2.368	(1,7)	1.298,5	1.114,5	(14,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	124,7	127,1	1,9	5.478	5.472	(0,1)	683,1	695,5	1,8
RR	12,3	10,4	(15,5)	7.075	7.100	0,4	87,0	73,8	(15,2)
PA	5,6	5,6	-	3.446	4.220	22,5	19,3	23,6	22,3
TO	106,8	111,1	4,0	5.401	5.383	(0,3)	576,8	598,1	3,7
NORDESTE	21,2	19,9	(6,1)	5.697	5.487	(3,7)	114,0	109,2	(4,2)
MA	3,8	3,2	(15,8)	4.500	4.400	(2,2)	17,1	14,1	(17,5)
PI	5,3	5,3	-	4.478	4.478	-	23,7	23,7	-
CE	0,1	0,1	-	5.500	5.900	7,3	0,6	0,6	-
RN	1,1	1,1	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	(11,6)
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
CENTRO-OESTE	35,0	32,8	(6,3)	5.489	5.481	(0,2)	192,1	179,8	(6,4)
MT	5,8	5,8	-	3.659	3.600	(1,6)	21,2	20,9	(1,4)
MS	14,3	13,5	(5,6)	5.700	5.770	1,2	81,5	77,9	(4,4)
GO	14,9	13,5	(9,4)	6.000	6.000	-	89,4	81,0	(9,4)
SUDESTE	8,9	8,7	(2,2)	4.501	4.599	2,2	40,1	40,1	-
MG	1,3	1,1	(15,3)	5.577	5.501	(1,4)	7,3	6,1	(16,4)
SP	7,6	7,6	-	4.317	4.469	3,5	32,8	34,0	3,7
SUL	1.244,0	1.177,4	(5,4)	7.827	7.755	(0,9)	9.736,4	9.130,2	(6,2)
PR	19,7	20,0	1,3	6.324	7.663	21,2	124,6	153,3	23,0
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.099,6	(4,5)
RS	1.077,6	1.012,9	(6,0)	7.851	7.777	(0,9)	8.460,2	7.877,3	(6,9)
NORTE/NORDESTE	145,9	147,0	0,8	5.510	5.474	(0,6)	797,1	804,7	1,0
CENTRO-SUL	1.287,9	1.218,9	(5,4)	7.740	7.671	(0,9)	9.968,6	9.350,1	(6,2)
BRASIL	1.433,8	1.365,9	(4,7)	7.513	7.434	(1,0)	10.765,7	10.154,8	(5,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A estimativa nacional de área semeada com feijão, nessa primeira safra 2018/19, é de 960,7 mil hectares, redução de 8,8% em relação à temporada passada. Nesse perí-

odo, o cultivo do feijão está competindo com a cultura da soja e do milho por área, fazendo o produtor escolher pela cultura que proponha uma melhor rentabilidade.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é bastante cultivado na primeira safra nacional, representando mais de um terço da área total a ser plantada com feijão nesse período. A expectativa é que sejam semeados 365,8 mil hectares, sinalizando um decréscimo de 20,9% em comparação com 2017/18.

Na Região Norte, Tocantins é o único estado produtor de feijão-comum cores primeira safra. Espera-se variação significativa na área cultivada em relação à safra passada, chegando a ser 50% menor, devendo alcançar 400 hectares. Já a produtividade média estimada demonstra aumento em comparação a 2017/18 (cerca de 26,1%), atingindo 1.111 kg/ha.

Na Região Nordeste, o cenário é similar ao da Região

Norte, com apenas um estado produtor de destaque (Bahia) para a produção de feijão-comum cores na primeira safra.

Na Bahia há uma expectativa de incremento de área cultivada, principalmente em razão da retomada de produção em regiões de pousio no centro-norte do estado, motivada pela regularidade pluviométrica verificada nos últimos dois anos. Estima-se que sejam plantados 53 mil hectares, simbolizando um aumento de 20,7% em relação aos números obtidos na temporada passada. A produtividade média esperada ainda está muito aquém do rendimento nacional, entretanto a tendência é de aumento em comparação a 2017/18, chegando a 500 kg/ha.



Na Região Centro-Oeste, os três estados mais o Distrito Federal preveem o cultivo do feijão-comum cores primeira safra. No entanto, a previsão é que a área cultivada seja menor do que aquela utilizada no ciclo passado.

Em Mato Grosso, a concorrência de áreas para cultivo do feijão com outros grãos, como soja e milho, é bastante proeminente, principalmente nessa primeira safra. Dessa forma, a tendência é de diminuição de área destinada ao plantio do feijão-comum cores para esse ciclo, estimando-se 3,5 mil hectares semeados (43,5% menor do que em 2017/18).

Em Goiás, o principal município produtor de feijão primeira safra é Cristalina, que para esse ano projeta uma forte redução de área plantada em relação à temporada anterior. Isso ocorreu devido ao mercado altamente volátil da leguminosa, aliada a uma grande quantidade do produto que ainda se encontra disposta no mercado, oriunda de uma terceira safra que não foi totalmente escoada até então. Assim sendo, a área estimada para o cultivo do feijão-comum cores para todo o estado é de 39,3 mil hectares, sendo 30,1% menor do que 2017/18.

Vale destacar que até o momento os elevados índices pluviométricos têm prejudicado parte das lavouras goianas de feijão, retraindo o desenvolvimento das plantas e aumentando a incidência de doenças fúngicas. A expectativa é que a produtividade média no estado seja de 2.370 kg/ha, representando um decréscimo de 5% em comparação à safra passada.

No Distrito Federal, a cultura começou a ser semeada logo após o fim do vazão sanitário (a partir de 20 de outubro) e atualmente o plantio já se encontra finalizado. A destinação de área foi na ordem de 9,3 mil hectares, sendo 14,7% inferior do que 2017/18. Há um descontentamento por parte dos produtores com os preços, considerados baixos, e, como consequência, uma eventual migração para o cultivo de outras culturas mais rentáveis, como a soja, por exemplo.

Na Região Sudeste, principal produtora de feijão-comum cores na primeira safra, espera-se redução de área na ordem de 20,1% em relação à safra passada,

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a primeira safra. A estimativa é de uma área de 171,8 mil hectares.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio

estimando-se 176,4 mil hectares.

Em Minas Gerais há uma expectativa de diminuição de área cultivada com o feijão-comum cores primeira safra, estimando-se 120,3 mil hectares (ante os 136,6 mil hectares de 2017/18), visto que cerca de 75% desse total já foi semeado. No entanto, o estado ainda permanece com a maior área destinada à cultura nesse período e com a tendência de maior produção dentro do país (espera-se produzir 169,7 mil toneladas).

Em São Paulo, o cultivo de feijão apresenta grande concentração na região sudoeste do estado, principalmente em Itai e Itapeva. Para essa primeira safra de 2018/19, a expectativa é de redução de área destinada ao feijão-comum cores, devendo sair de 80 mil hectares na temporada passada, para 52 mil hectares nesse ciclo. A tendência para a produtividade média é de números próximos àqueles obtidos em 2017/18, devendo chegar a 2.476 kg/ha.

Na Região Sul, a semeadura está em andamento e a previsão inicial é que ocorra redução de área em relação à safra passada, passando de 122,9 mil hectares para 83,1 mil hectares em 2018/19.

No Paraná existe a perspectiva de semeadura em 53,6 mil hectares, demonstrando diminuição de 33,7% em relação à safra anterior. Essa redução de área ocorre porque os produtores estão optando por plantar soja e, principalmente, milho, devido aos seus bons preços.

Em Santa Catarina, 30% da área prevista para ser cultivada nessa safra encontra-se plantada. As chuvas intensas e frequentes em outubro reduziram o ritmo do plantio em diversas regiões produtoras. Aliado a isso, as principais praças produtoras encontram-se em regiões de maior altitude, onde as temperaturas baixas tendem a predominar na primavera, concentrando o plantio em dezembro. Da área já plantada, 38% encontra-se em germinação, 22% em desenvolvimento vegetativo, 28% em florescimento e 12% em granação. A colheita deve se concretizar entre março e abril.

A área de feijão-comum cores estimada para essa safra apresenta redução na intenção de plantio, quando comparada com a safra anterior (cerca de 39% a menos), devendo chegar a 19,5 mil hectares.

Doce. A área estimada é de 7,9 mil hectares, consolidando uma previsão de aumento de 16,8% em relação à temporada passada.

A Região Sul é a principal produtora de feijão-comum preto na primeira safra e estima-se que a área reduza



5,5% em comparação ao ciclo anterior.

No Paraná, o feijão-comum preto tem uma relevância significativa para a produção nacional. A expectativa, tanto para área quanto para a produção é de que o estado detenha mais de 65% dos números estimados para todo país. Dessa forma, o esperado é que a área cultivada seja de 111,7 mil hectares, com produtividade média de 1.871 kg/ha.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum preto primeira safra atingiu, no final de novembro, 86% da área estimada (20,1 mil hectares). Embora houvesse um atraso no plantio em virtude das excessivas chuvas em outubro, as condições climáticas favoráveis em novembro permitiram a aceleração dos trabalhos, fazendo com que, ao final do mês, o percentual da área semeada se aproximasse do ano anterior quando, na mesma época, haviam sido semeadas 90% da área prevista. Algumas áreas cujo plantio coincidiu com as fortes chuvas apresentaram problemas pontuais de assoreamento e perda de estande, necessitando replantio. Já as lavouras mais adiantadas, em estágio de desenvolvimento vegetativo, sofreram, além do excesso de chuva, com longos períodos de sombreamento e baixas temperaturas, afetando o desenvolvimento das plantas. Da área já plantada, 8% se encontra em germinação, 33% em desenvolvimento vegetativo, 43% em florescimento e 15% em granação.

Feijão-caupi

O feijão-caupi deve ocupar a maior área semeada com feijão na primeira safra, com previsão de 423,1 mil hectares.

Na Região Norte, apenas Tocantins cultiva o feijão-caupi na primeira safra. A exemplo do feijão-comum cores, é esperada variação na área cultivada em relação à safra passada, com diminuição de 13,7%, devendo alcançar 4,4 mil hectares.

Na Região Nordeste é cultivada a maior área de feijão-caupi na primeira safra do Brasil. A estimativa é que sejam cultivados 396,5 mil hectares.

No Piauí, a área de feijão primeira safra deve permanecer constante, com cerca de 235,3 mil hectares. Praticamente toda a área de feijão primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar e o plantio tem previsão de iniciar em dezembro na região sul do estado e em janeiro de 2019 na região centro-norte do estado.

De modo geral, as lavouras são classificadas como boas em 48% dos casos, regular em 39% e o restante (13%) são consideradas como ruins. Além dos riscos inerentes à cultura, os baixos preços percebidos pelo produtor e a alternativa do plantio da soja ou mesmo do milho tem levado a uma diminuição importante na área plantada. A colheita dessas áreas deve ficar concentrada em janeiro e fevereiro. Alguns produtores têm demonstrado a intenção de usar a produção obtida como semente para o plantio da segunda safra, reduzindo assim os custos de produção.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de feijão estão em variados estádios de desenvolvimento. Um exemplo disso é que na região do Alto Uruguai, próxima a Frederico Westphalen, algumas lavouras já foram até mesmo colhidas e em outras, como Vacaria e Pelotas, não foram nem semeadas. Cerca de 28,6 mil hectares são esperados para o cultivo da cultura nessa primeira safra.

As primeiras lavouras colhidas apresentaram baixa produtividade em razão do excesso de chuvas na colheita, porém, o potencial geral da safra tem se mantido alto, uma vez que a estimativa é de 1.722 kg/ha.

Das áreas já implantadas, pouco mais de 20% se encontram em maturação, em torno de 20% em florescimento e enchimento de grãos e o restante, em torno de 60%, em desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio nessa primeira safra será de 125,5 mil hectares, representando um acréscimo de 11,3% em relação à safra passada. Esse aumento deve-se principalmente ao centro-norte, com estimativas de expansão sobre áreas de pousio, motivado pelo bom clima gerado pelas últimas duas safras de regularidade hídrica. Já o rendimento médio estimado é de 430 kg/ha (10% a menos do que 2017/18).

Em Mato Grosso, a maior área de feijão-caupi é cultivada na segunda safra. Porém nessa primeira safra, a estimativa é que o cultivo seja realizado em 6,3 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi está estimada em 15,9 mil hectares, sinalizando um incremento de 15,2% em comparação à temporada passada. Esse crescimento esperado está relacionado às condições climáticas favoráveis na fase inicial da implantação da lavoura. Atualmente cerca de 30% dessa área projetada já foi semeada.



Figura 6 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

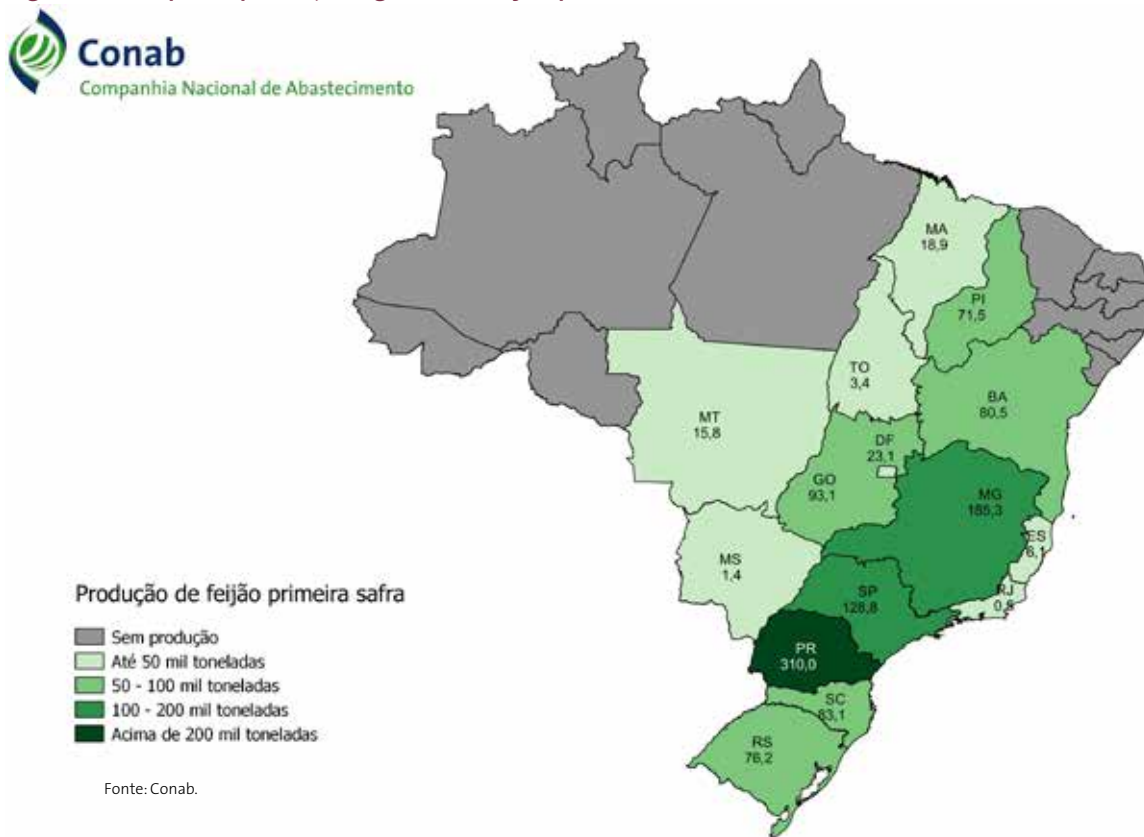


Figura 7 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - cores

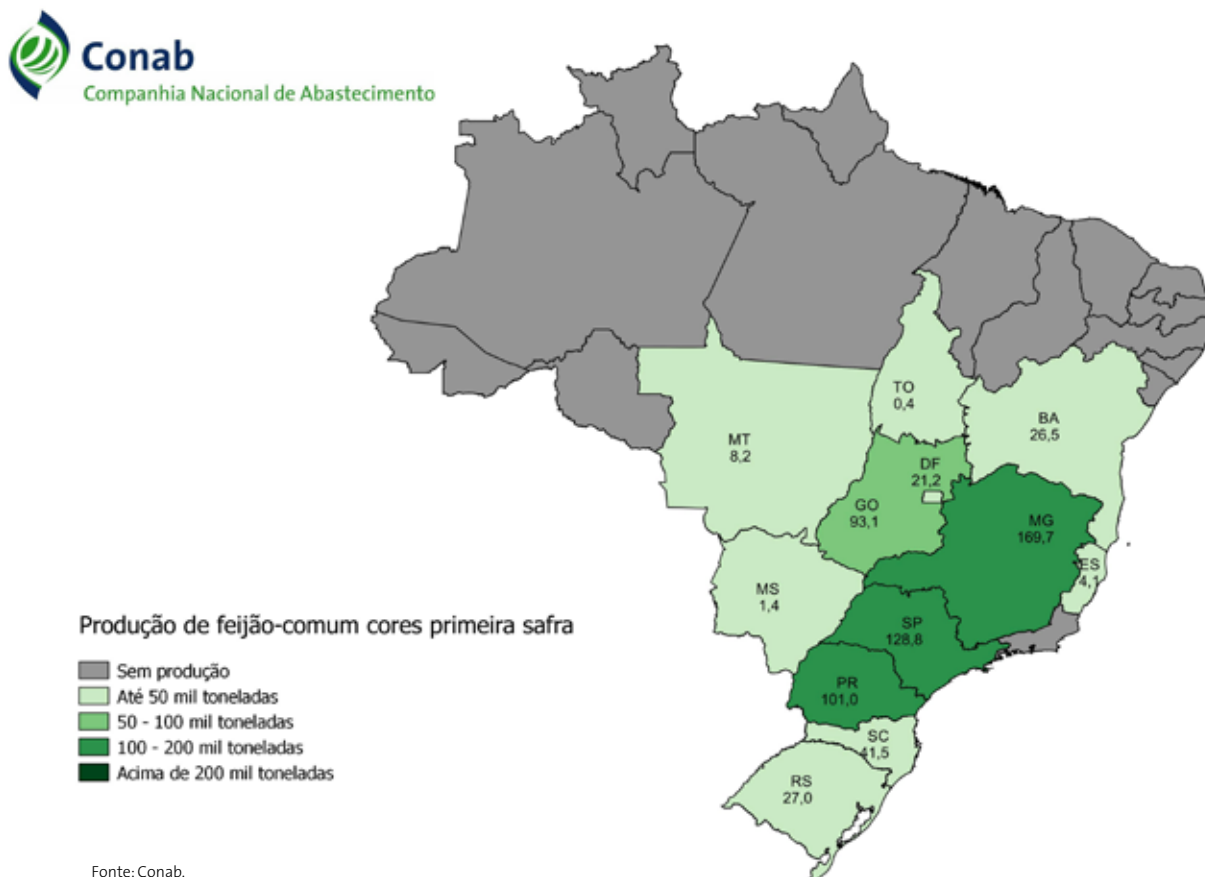


Figura 8 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - preto

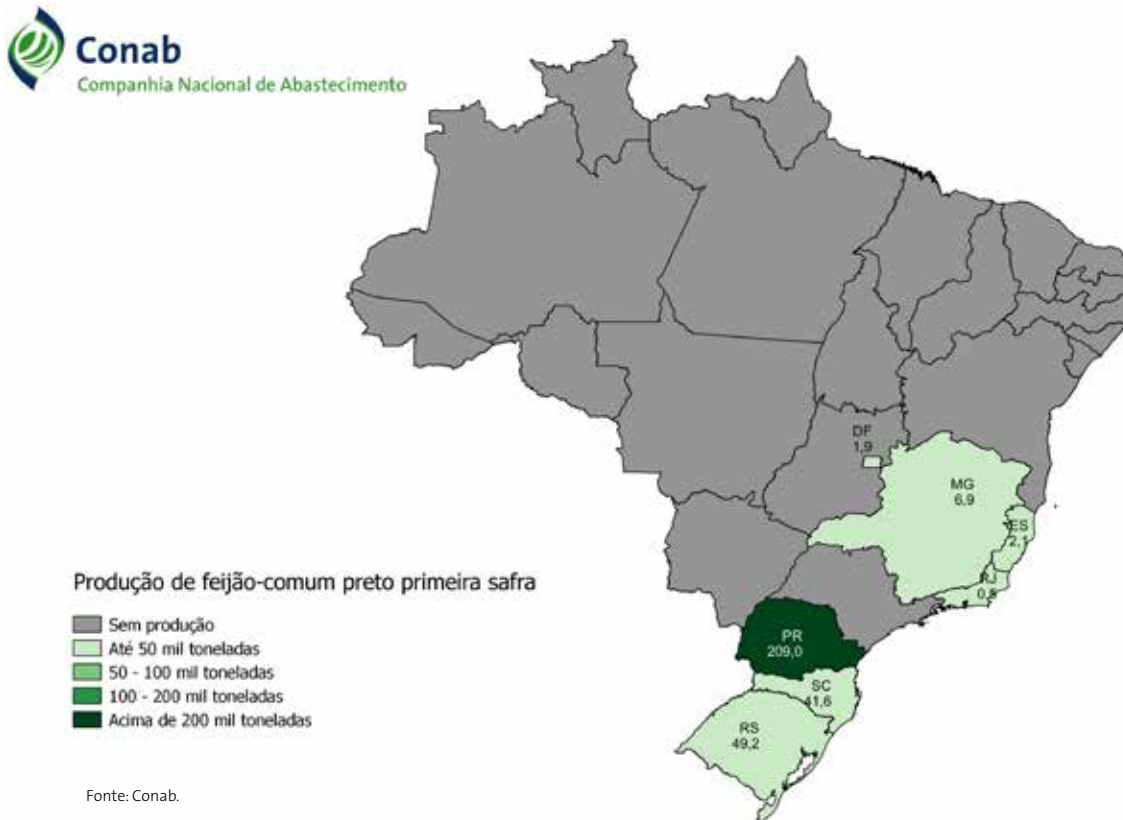
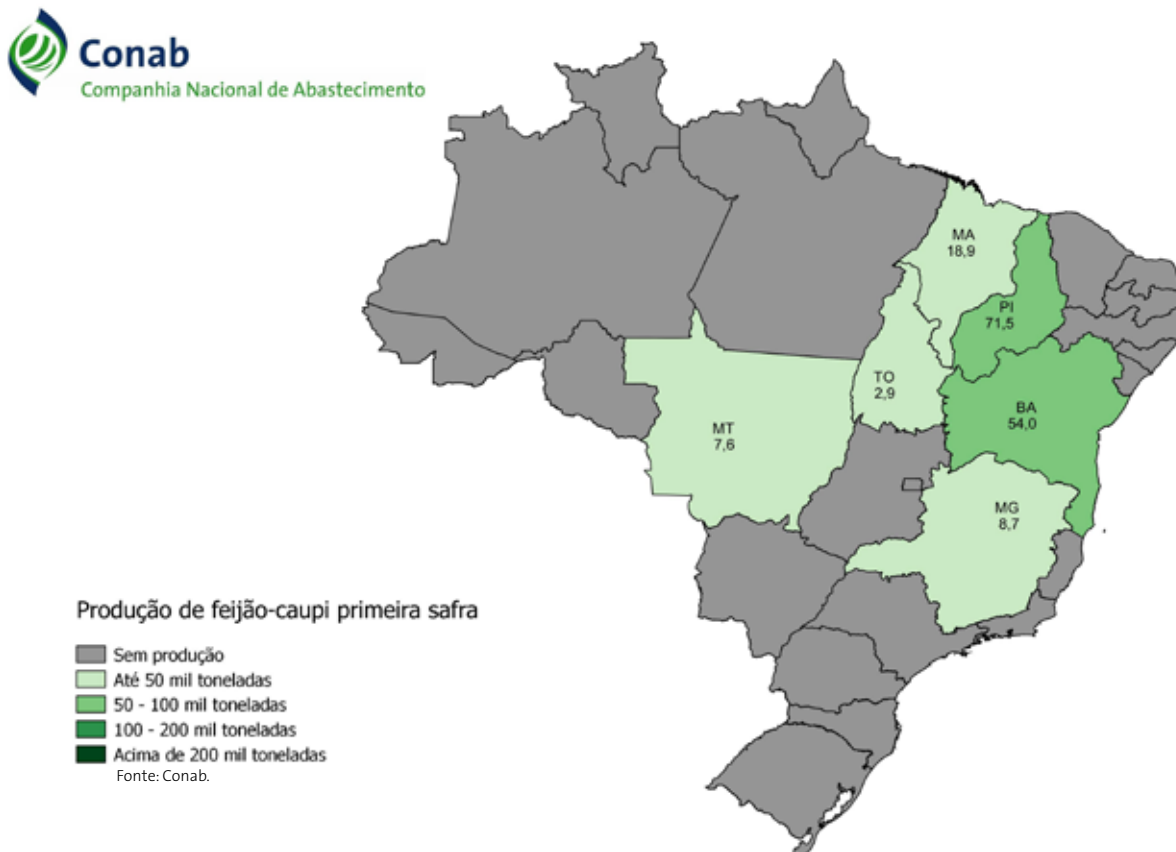


Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - caupi



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense				P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense				P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Norte Catarinense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
	Serrana				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C			
	Metropolitana de Porto Alegre				P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5,9	4,8	(18,6)	624	705	12,9	3,7	3,4	(8,1)
TO	5,9	4,8	(18,6)	624	705	12,9	3,7	3,4	(8,1)
NORDESTE	429,6	449,5	4,6	435	380	(12,5)	186,7	170,9	(8,5)
MA	37,6	35,7	(5,1)	575	530	(7,8)	21,6	18,9	(12,5)
PI	235,3	235,3	-	385	304	(21,0)	90,6	71,5	(21,1)
BA	156,7	178,5	13,9	476	451	(5,2)	74,5	80,5	8,1
CENTRO-OESTE	81,7	60,2	(26,3)	2.337	2.217	(5,1)	191,0	133,4	(30,2)
MT	12,6	9,8	(22,2)	1.762	1.608	(8,7)	22,2	15,8	(28,8)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.370	(5,0)	140,3	93,1	(33,6)
DF	12,1	10,3	(14,9)	2.242	2.243	-	27,2	23,1	(15,1)
SUDESTE	243,7	202,7	(16,8)	1.664	1.582	(4,9)	405,5	320,7	(20,9)
MG	157,2	144,1	(8,3)	1.261	1.286	2,0	198,3	185,3	(6,6)
ES	6,1	6,1	-	970	1.004	3,5	5,9	6,1	3,4
RJ	0,4	0,5	25,0	938	1.028	9,6	0,4	0,5	25,0
SP	80,0	52,0	(35,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	128,8	(35,9)
SUL	292,7	243,5	(16,8)	1.690	1.928	14,1	494,7	469,3	(5,1)
PR	199,6	165,3	(17,2)	1.594	1.876	17,7	318,1	310,0	(2,5)
SC	53,6	39,6	(26,1)	1.883	2.100	11,5	100,9	83,1	(17,6)
RS	39,5	38,6	(2,3)	1.916	1.975	3,1	75,7	76,2	0,7
NORTE/NORDESTE	435,5	454,3	4,3	437	384	(12,3)	190,4	174,3	(8,5)
CENTRO-SUL	618,1	506,4	(18,1)	1.765	1.824	3,3	1.091,2	923,4	(15,4)
BRASIL	1.053,6	960,7	(8,8)	1.216	1.143	(6,0)	1.281,6	1.097,7	(14,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,0	(16,7)	1.900	1.900	-	2,3	1,9	(17,4)
DF	1,2	1,0	(18,0)	1.900	1.900	-	2,3	1,9	(17,4)
SUDESTE	9,2	10,4	13,0	900	908	0,9	8,3	9,5	14,5
MG	6,8	7,9	16,8	868	868	-	5,9	6,9	16,9
ES	2,0	2,0	-	1.000	1.035	3,5	2,0	2,1	5,0
RJ	0,4	0,5	13,9	938	1.028	9,6	0,4	0,5	25,0
SUL	169,8	160,4	(5,5)	1.694	1.869	10,4	287,6	299,8	4,2
PR	118,7	111,7	(5,9)	1.670	1.871	12,0	198,2	209,0	5,4
SC	21,6	20,1	(6,9)	1.885	2.070	9,8	40,7	41,6	2,2
RS	29,5	28,6	(3,1)	1.650	1.722	4,4	48,7	49,2	1,0
CENTRO-SUL	180,2	171,8	(4,7)	1.655	1.811	9,5	298,2	311,2	4,4
BRASIL	180,2	171,8	(4,7)	1.655	1.811	9,5	298,2	311,2	4,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	0,4	(50,0)	881	1.111	26,1	0,7	0,4	(42,9)
TO	0,8	0,4	(50,0)	881	1.111	26,1	0,7	0,4	(42,9)
NORDESTE	43,9	53,0	20,7	470	500	6,4	20,6	26,5	28,6
BA	43,9	53,0	20,7	470	500	6,4	20,6	26,5	28,6
CENTRO-OESTE	74,1	52,9	(28,6)	2.442	2.344	(4,0)	181,0	123,9	(31,5)
MT	6,2	3,5	(43,5)	2.342	2.342	-	14,5	8,2	(43,4)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.370	(5,0)	140,3	93,1	(33,6)
DF	10,9	9,3	(14,7)	2.280	2.280	-	24,9	21,2	(14,9)
SUDESTE	220,7	176,4	(20,1)	1.765	1.715	(2,8)	389,6	302,6	(22,3)
MG	136,6	120,3	(11,9)	1.353	1.411	4,3	184,8	169,7	(8,2)
ES	4,1	4,1	-	955	989	3,6	3,9	4,1	5,1
SP	80,0	52,0	(35,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	128,8	(35,9)
SUL	122,9	83,1	(32,4)	1.685	2.041	21,1	207,1	169,5	(18,2)
PR	80,9	53,6	(33,7)	1.482	1.885	27,2	119,9	101,0	(15,8)
SC	32,0	19,5	(39,0)	1.881	2.130	13,2	60,2	41,5	(31,1)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
NORTE/NORDESTE	44,7	53,4	19,5	477	505	5,7	21,3	26,9	26,3
CENTRO-SUL	417,7	312,4	(25,2)	1.862	1.908	2,5	777,7	596,0	(23,4)
BRASIL	462,4	365,8	(20,9)	1.728	1.703	(1,4)	799,0	622,9	(22,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5,1	4,4	(13,7)	584	668	14,4	3,0	2,9	(3,3)
TO	5,1	4,4	(13,5)	584	668	14,4	3,0	2,9	(3,3)
NORDESTE	385,7	396,5	2,8	431	364	(15,4)	166,1	144,4	(13,1)
MA	37,6	35,7	(5,1)	575	530	(7,8)	21,6	18,9	(12,5)
PI	235,3	235,3	-	385	304	(21,0)	90,6	71,5	(21,1)
BA	112,8	125,5	11,3	478	430	(10,0)	53,9	54,0	0,2
CENTRO-OESTE	6,4	6,3	(1,6)	1.200	1.200	-	7,7	7,6	(1,3)
MT	6,4	6,3	(1,6)	1.200	1.200	-	7,7	7,6	(1,3)
SUDESTE	13,8	15,9	15,2	548	548	-	7,6	8,7	14,5
MG	13,8	15,9	15,2	548	548	-	7,6	8,7	14,5
NORTE/NORDESTE	390,8	400,9	2,6	433	368	(15,1)	169,1	147,3	(12,9)
CENTRO-SUL	20,2	22,2	9,9	755	733	(2,9)	15,3	16,3	6,5
BRASIL	411,0	423,1	2,9	449	387	(13,8)	184,4	163,6	(11,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	43,6	-	725	992	36,8	31,7	43,3	36,6
RO	9,4	9,4	-	862	838	(2,8)	8,1	7,9	(2,5)
AC	7,6	7,6	-	605	605	-	4,6	4,6	-
AM	3,3	3,3	-	900	1.053	17,0	3,0	3,5	16,7
AP	1,4	1,4	-	993	933	(6,0)	1,4	1,3	(7,1)
TO	21,9	21,9	-	665	1.188	78,6	14,6	26,0	78,1
NORDESTE	807,0	807,0	-	410	322	(21,5)	330,6	259,7	(21,4)
MA	51,5	51,5	-	711	512	(28,0)	36,6	26,4	(27,9)
PI	5,4	5,4	-	545	588	7,9	2,9	3,2	10,3
CE	404,4	404,4	-	291	275	(5,8)	117,9	111,1	(5,8)
RN	45,1	45,1	-	382	341	(10,7)	17,2	15,4	(10,5)
PB	108,8	108,8	-	431	276	(36,0)	46,9	30,0	(36,0)
PE	131,8	131,8	-	304	134	(56,1)	40,1	17,6	(56,1)
BA	60,0	60,0	-	1.150	933	(18,8)	69,0	56,0	(18,8)
CENTRO-OESTE	309,6	309,6	-	1.149	1.146	(0,3)	355,7	354,7	(0,3)
MT	242,4	242,4	-	1.100	1.172	6,5	266,7	284,0	6,5
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.448	11,4	33,8	37,6	11,2
GO	40,1	40,1	-	1.333	796	(40,3)	53,4	31,9	(40,3)
DF	1,1	1,1	-	1.668	1.053	(36,9)	1,8	1,2	(33,3)
SUDESTE	138,6	138,6	-	1.245	1.363	9,4	172,7	188,9	9,4
MG	116,2	116,2	-	1.205	1.342	11,4	140,1	156,0	11,3
ES	8,6	8,6	-	924	1.038	12,3	8,0	8,9	11,3
RJ	0,8	0,8	-	855	969	13,3	0,7	0,8	14,3
SP	13,0	13,0	-	1.836	1.784	(2,8)	23,9	23,2	(2,9)
SUL	233,9	233,9	-	1.391	1.480	6,4	325,3	346,1	6,4
PR	197,3	197,3	-	1.353	1.481	9,5	266,9	292,2	9,5
SC	17,3	17,3	-	1.533	1.446	(5,7)	26,5	25,0	(5,7)
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.496	(9,6)	31,9	28,9	(9,4)
NORTE/NORDESTE	850,6	850,6	-	426	356	(16,4)	362,3	303,0	(16,4)
CENTRO-SUL	682,1	682,1	-	1.252	1.304	4,2	853,7	889,7	4,2
BRASIL	1.532,7	1.532,7	-	793	778	(1,9)	1.216,0	1.192,7	(1,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,8	1,8	-	434	363	(16,4)	0,8	0,7	(12,5)
PB	1,8	1,8	-	434	363	(16,4)	0,8	0,7	(12,5)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.850	1.856	0,3	0,2	0,2	-
MS	-	-	-	-	1.277	-	-	-	-
DF	0,1	0,1	-	1.850	1.856	0,3	0,2	0,2	-
SUDESTE	9,7	9,7	-	814	928	14,0	8,0	9,0	12,5
MG	6,4	6,4	-	838	939	12,1	5,4	6,0	11,1
ES	2,5	2,5	-	740	888	20,0	1,9	2,2	15,8
RJ	0,8	0,8	-	855	969	13,3	0,7	0,8	14,3
SUL	119,8	119,8	-	1.427	1.502	5,3	170,9	180,0	5,3
PR	87,1	87,1	-	1.369	1.525	11,4	119,2	132,8	11,4
SC	13,4	13,4	-	1.476	1.364	(7,6)	19,8	18,3	(7,6)
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.496	(9,6)	31,9	28,9	(9,4)
NORTE/NORDESTE	1,8	1,8	-	434	363	(16,4)	0,8	0,7	(12,5)
CENTRO-SUL	129,6	129,6	-	1.381	1.460	5,7	179,1	189,2	5,6
BRASIL	131,4	131,4	-	1.368	1.445	5,6	179,9	189,9	5,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,6	21,6	-	787	830	5,4	17,0	17,9	5,3
RO	9,4	9,4	-	862	838	(2,8)	8,1	7,9	(2,5)
AC	5,6	5,6	-	592	592	-	3,3	3,3	-
AM	3,3	3,3	-	900	1.053	17,0	3,0	3,5	16,7
AP	1,4	1,4	-	993	933	(6,0)	1,4	1,3	(7,1)
TO	1,9	1,9	-	641	1.025	59,9	1,2	1,9	58,3
NORDESTE	45,7	45,7	-	882	639	(27,5)	40,3	29,1	(27,8)
CE	4,2	4,2	-	526	530	0,8	2,2	2,2	-
PB	26,1	26,1	-	457	400	(12,5)	11,9	10,4	(12,6)
PE	5,4	5,4	-	400	101	(74,8)	2,2	0,5	(77,3)
BA	10,0	10,0	-	2.400	1.600	(33,3)	24,0	16,0	(33,3)
CENTRO-OESTE	67,8	67,8	-	1.534	1.655	7,9	104,0	112,2	7,9
MT	22,3	22,3	-	1.667	1.869	12,1	37,2	41,7	12,1
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.448	11,4	33,8	37,6	11,2
GO	19,0	19,0	-	1.680	1.680	-	31,9	31,9	-
DF	0,5	0,5	-	2.200	1.945	(11,6)	1,1	1,0	(9,1)
SUDESTE	128,8	128,8	-	1.271	1.396	9,8	164,6	179,8	9,2
MG	109,7	109,7	-	1.227	1.366	11,3	134,6	149,9	11,4
ES	6,1	6,1	-	1.000	1.100	10,0	6,1	6,7	9,8
SP	13,0	13,0	-	1.836	1.784	(2,8)	23,9	23,2	(2,9)
SUL	114,1	114,1	-	1.353	1.456	7,6	154,4	166,0	7,5
PR	110,2	110,2	-	1.340	1.446	7,9	147,7	159,3	7,9
SC	3,9	3,9	-	1.728	1.726	(0,1)	6,7	6,7	-
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	-	851	700	(17,7)	57,3	47,0	(18,0)
CENTRO-SUL	310,7	310,7	-	1.358	1.474	8,5	423,0	458,0	8,3
BRASIL	378,0	378,0	-	1.268	1.336	5,4	480,3	505,0	5,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	22,0	22,0	-	665	1.152	73,3	14,6	25,4	74,0
AC	2,0	2,0	-	643	643	-	1,3	1,3	-
TO	20,0	20,0	-	667	1.203	80,4	13,3	24,1	81,2
NORDESTE	759,5	759,5	-	381	303	(20,7)	289,5	229,9	(20,6)
MA	51,5	51,5	-	711	512	(28,0)	36,6	26,4	(27,9)
PI	5,4	5,4	-	545	588	7,9	2,9	3,2	10,3
CE	400,2	400,2	-	289	272	(5,9)	115,7	108,9	(5,9)
RN	45,1	45,1	-	382	341	(10,7)	17,2	15,4	(10,5)
PB	80,9	80,9	-	423	234	(44,7)	34,2	18,9	(44,7)
PE	126,4	126,4	-	300	135	(55,0)	37,9	17,1	(54,9)
BA	50,0	50,0	-	900	800	(11,1)	45,0	40,0	(11,1)
CENTRO-OESTE	241,7	241,7	-	950	1.003	5,6	251,7	242,3	(3,7)
MT	220,1	220,1	-	1.043	1.101	5,6	229,6	242,3	5,5
SUDESTE	0,1	0,1	-	995	1.022	2,7	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	995	1.022	2,7	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	781,5	781,5	-	389	326	(16,2)	304,1	255,3	(16,0)
CENTRO-SUL	241,8	241,8	-	950	1.003	5,6	251,8	242,4	(3,7)
BRASIL	1.023,3	1.023,3	-	522	486	(6,8)	555,9	497,7	(10,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,6	48,6	-	881	916	3,9	42,9	44,6	4,0
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,5	34,5	-	778	705	(9,5)	26,9	24,3	(9,7)
TO	11,7	11,7	-	1.233	1.594	29,3	14,4	18,7	29,9
NORDESTE	368,4	368,4	-	336	612	82,1	123,8	225,4	82,1
PE	113,9	113,9	-	562	498	(11,5)	64,1	56,7	(11,5)
AL	33,0	33,0	-	441	442	0,1	14,6	14,6	-
SE	10,0	10,0	-	124	677	446,0	1,2	6,8	466,7
BA	211,5	211,5	-	208	696	235,4	43,9	147,3	235,5
CENTRO-OESTE	91,8	91,8	-	2.666	2.711	1,7	244,7	248,9	1,7
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.299	7,0	62,3	66,7	7,1
GO	60,0	60,0	-	2.900	2.889	(0,4)	174,0	173,3	(0,4)
DF	2,8	2,8	-	2.992	3.180	6,3	8,4	8,9	6,0
SUDESTE	78,0	78,0	-	2.627	2.601	(1,0)	204,9	202,8	(1,0)
MG	65,8	65,8	-	2.663	2.655	(0,3)	175,2	174,7	(0,3)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.305	(5,3)	29,7	28,1	(5,4)
SUL	2,2	2,2	-	1.074	950	(11,5)	2,4	2,1	(12,5)
PR	2,2	2,2	-	1.074	950	(11,5)	2,4	2,1	(12,5)
NORTE/NORDESTE	417,0	417,0	-	400	647	62,0	166,7	270,0	62,0
CENTRO-SUL	172,0	172,0	-	2.628	2.639	0,4	452,0	453,8	0,4
BRASIL	589,0	589,0	-	1.050	1.229	17,0	618,7	723,8	17,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	16,7	16,7	-	645	645	-	10,8	10,8	-
PE	16,7	16,7	-	645	645	-	10,8	10,8	-
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.925	3.161	8,1	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	2.925	3.161	8,1	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.117	1.116	(0,1)	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.117	1.116	(0,1)	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	16,7	16,7	-	645	645	-	10,8	10,8	-
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.021	2.139	5,8	0,8	0,8	-
BRASIL	17,1	17,1	-	677	680	0,4	11,6	11,6	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,3	8,3	-	802	678	(15,5)	6,7	5,6	(16,4)
PA	7,6	7,6	-	627	551	(12,1)	4,8	4,2	(12,5)
TO	0,7	0,7	-	2.700	2.052	(24,0)	1,9	1,4	(26,3)
NORDESTE	313,6	313,6	-	331	637	92,6	102,6	199,9	94,8
PE	75,4	75,4	-	620	527	(15,0)	46,7	39,7	(15,0)
AL	26,7	26,7	-	450	423	(6,0)	12,0	11,3	(5,8)
SE	10,0	10,0	-	124	677	446,0	1,2	6,8	466,7
BA	201,5	201,5	-	212	705	232,5	42,7	142,1	232,8
CENTRO-OESTE	91,6	91,6	-	2.665	2.710	1,7	244,1	248,3	1,7
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.299	7,0	62,3	66,7	7,1
GO	60,0	60,0	-	2.900	2.889	(0,4)	174,0	173,3	(0,4)
DF	2,6	2,6	-	2.997	3.181	6,1	7,8	8,3	6,4
SUDESTE	77,8	77,8	-	2.627	2.604	(0,8)	204,7	202,6	(1,0)
MG	65,6	65,6	-	2.668	2.660	(0,3)	175,0	174,5	(0,3)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.305	(5,3)	29,7	28,1	(5,4)
SUL	2,2	2,2	-	1.004	950	(5,4)	2,4	2,1	(12,5)
PR	2,2	2,2	-	1.074	950	(11,5)	2,4	2,1	(12,5)
NORTE/NORDESTE	321,9	321,9	-	343	638	86,1	109,3	205,5	88,0
CENTRO-SUL	171,6	171,6	-	2.626	2.640	0,5	451,2	453,0	0,4
BRASIL	493,5	493,5	-	1.137	1.334	17,4	560,5	658,5	17,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	40,3	40,3	-	898	965	7,5	36,2	38,9	7,5
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	26,9	26,9	-	821	748	(8,9)	22,1	20,1	(9,0)
TO	11,0	11,0	-	1.140	1.565	37,3	12,5	17,2	37,6
NORDESTE	38,1	38,1	-	270	387	43,3	10,3	14,8	43,7
PE	21,8	21,8	-	300	285	(5,0)	6,5	6,2	(4,6)
AL	6,3	6,3	-	405	522	28,9	2,6	3,3	26,9
BA	10,0	10,0	-	120	525	337,5	1,2	5,3	341,7
CENTRO-OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	-	-	-	-	1.529	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	78,4	78,4	-	593	684	15,4	46,5	53,7	15,5
CENTRO-SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BRASIL	78,4	78,4	-	593	684	15,4	46,5	53,7	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	98,1	97,0	(1,1)	797	940	18,0	78,3	91,2	16,5
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	9,4	9,4	-	862	838	(2,8)	8,1	7,9	(2,5)
AC	7,6	7,6	-	605	605	-	4,6	4,6	-
AM	3,3	3,3	-	900	1.053	17,0	3,0	3,5	16,7
AP	1,4	1,4	-	993	933	(6,0)	1,4	1,3	(7,1)
PA	34,5	34,5	-	778	705	(9,5)	26,9	24,3	(9,7)
TO	39,5	38,4	(2,8)	827	1.251	51,3	32,7	48,0	46,8
NORDESTE	1.605,0	1.624,9	1,2	400	404	1,0	641,1	656,0	2,3
MA	89,1	87,2	(2,1)	654	519	(20,5)	58,2	45,3	(22,2)
PI	240,7	240,7	-	389	310	(20,1)	93,5	74,7	(20,1)
CE	404,4	404,4	-	291	275	(5,8)	117,9	111,1	(5,8)
RN	45,1	45,1	-	382	341	(10,7)	17,2	15,4	(10,5)
PB	108,8	108,8	-	431	276	(36,0)	46,9	30,0	(36,0)
PE	245,7	245,7	-	424	303	(28,6)	104,1	74,3	(28,6)
AL	33,0	33,0	-	441	442	0,1	14,6	14,6	-
SE	10,0	10,0	-	124	677	446,0	1,2	6,8	466,7
BA	428,2	450,0	5,1	438	631	44,0	187,5	283,8	51,4
CENTRO-OESTE	483,1	461,6	(4,5)	1.638	1.597	(2,5)	791,4	737,1	(6,9)
MT	284,0	281,2	(1,0)	1.237	1.303	5,4	351,3	366,4	4,3
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.459	11,3	35,1	39,1	11,4
GO	156,3	139,4	(10,8)	2.353	2.141	(9,0)	367,7	298,4	(18,8)
DF	16,0	14,2	(11,3)	2.334	2.336	0,1	37,3	33,2	(11,0)
SUDESTE	460,3	419,3	(8,9)	1.701	1.699	(0,1)	783,0	712,5	(9,0)
MG	339,2	326,1	(3,9)	1.514	1.582	4,5	513,6	516,0	0,5
ES	14,7	14,7	-	943	1.024	8,6	13,9	15,1	8,6
RJ	1,2	1,3	8,3	883	992	12,4	1,1	1,3	18,2
SP	105,2	77,2	(26,6)	2.419	2.332	(3,6)	254,4	180,1	(29,2)
SUL	528,8	479,6	(9,3)	1.555	1.705	9,6	822,4	817,6	(0,6)
PR	399,1	364,8	(8,6)	1.472	1.657	12,6	587,4	604,3	2,9
SC	70,9	56,9	(19,7)	1.797	1.901	5,8	127,4	108,2	(15,1)
RS	58,8	57,9	(1,5)	1.830	1.816	(0,8)	107,6	105,1	(2,3)
NORTE/NORDESTE	1.703,1	1.721,9	1,1	422	434	2,7	719,4	747,2	3,9
CENTRO-SUL	1.472,2	1.360,5	(7,6)	1.628	1.666	2,4	2.396,8	2.267,2	(5,4)
BRASIL	3.175,3	3.082,4	(2,9)	981	978	(0,4)	3.116,2	3.014,4	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	18,5	18,5	-	624	618	(1,1)	11,6	11,5	(0,9)
PB	1,8	1,8	-	434	363	(16,4)	0,8	0,7	(12,5)
PE	16,7	16,7	-	645	645	-	10,8	10,8	-
CENTRO-OESTE	1,5	1,3	(13,3)	2.033	2.091	2,8	3,1	2,7	(12,9)
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	1,5	1,3	(13,3)	2.033	2.091	2,8	3,1	2,7	(12,9)
SUDESTE	19,1	20,3	6,3	859	920	7,1	16,5	18,7	13,3
MG	13,4	14,5	8,2	857	903	5,3	11,5	13,1	13,9
ES	4,5	4,5	-	856	953	11,4	3,9	4,3	10,3
RJ	1,2	1,3	8,3	883	992	12,4	1,1	1,3	18,2
SUL	289,6	280,2	(3,2)	1.583	1.712	8,1	458,5	479,8	4,6
PR	205,8	198,8	(3,4)	1.543	1.719	11,5	317,4	341,8	7,7
SC	35,0	33,5	(4,3)	1.728	1.788	3,4	60,5	59,9	(1,0)
RS	48,8	47,9	(1,8)	1.652	1.631	(1,2)	80,6	78,1	(3,1)
NORTE/NORDESTE	18,5	18,5	-	624	618	(1,1)	11,6	11,5	(0,9)
CENTRO-SUL	310,2	301,8	(2,7)	1.541	1.661	7,8	478,1	501,2	4,8
BRASIL	328,7	320,3	(2,6)	1.489	1.600	7,5	489,7	512,7	4,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,7	30,3	(1,3)	793	792	(0,2)	24,4	23,9	(2,0)
RO	9,4	9,4	-	862	838	(2,8)	8,1	7,9	(2,5)
AC	5,6	5,6	-	592	592	-	3,3	3,3	-
AM	3,3	3,3	-	900	1.053	17,0	3,0	3,5	16,7
AP	1,4	1,4	-	993	933	(6,0)	1,4	1,3	(7,1)
PA	7,6	7,6	-	627	551	(12,1)	4,8	4,2	(12,5)
TO	3,4	3,0	(11,8)	1.121	1.276	13,8	3,8	3,7	(2,6)
NORDESTE	403,2	412,3	2,3	406	620	52,7	163,5	255,5	56,3
CE	4,2	4,2	-	526	530	0,8	2,2	2,2	-
PB	26,1	26,1	-	457	400	(12,5)	11,9	10,4	(12,6)
PE	80,8	80,8	-	605	499	(17,6)	48,9	40,2	(17,8)
AL	26,7	26,7	-	450	423	(6,0)	12,0	11,3	(5,8)
SE	10,0	10,0	-	124	677	446,0	1,2	6,8	466,7
BA	255,4	264,5	3,6	342	698	104,0	87,3	184,6	111,5
CENTRO-OESTE	233,5	212,3	(9,1)	2.266	2.282	0,7	529,1	484,4	(8,4)
MT	57,5	54,8	(4,7)	1.983	2.127	7,3	114,0	116,6	2,3
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.459	11,3	35,1	39,0	11,1
GO	135,2	118,3	(12,5)	2.561	2.522	(1,5)	346,2	298,3	(13,8)
DF	14,0	12,4	(11,4)	2.410	2.455	1,9	33,8	30,5	(9,8)
SUDESTE	427,3	383,0	(10,4)	1.776	1.788	0,7	758,9	685,0	(9,7)
MG	311,9	295,6	(5,2)	1.585	1.671	5,4	494,4	494,1	(0,1)
ES	10,2	10,2	-	982	1.055	7,5	10,0	10,8	8,0
SP	105,2	77,2	(26,6)	2.419	2.332	(3,6)	254,5	180,1	(29,2)
SUL	239,2	199,4	(16,6)	1.521	1.694	11,4	363,9	337,6	(7,2)
PR	193,3	166,0	(14,1)	1.396	1.581	13,2	270,0	262,4	(2,8)
SC	35,9	23,4	(34,8)	1.864	2.063	10,6	66,9	48,2	(28,0)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
NORTE/NORDESTE	433,9	442,6	2,0	433	632	45,8	187,9	279,4	48,7
CENTRO-SUL	900,0	794,7	(11,7)	1.835	1.896	3,3	1.651,9	1.507,0	(8,8)
BRASIL	1.333,9	1.237,3	(7,2)	1.379	1.444	4,7	1.839,8	1.786,4	(2,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	67,4	66,7	(1,0)	798	1.007	26,2	53,8	67,2	24,9
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	643	643	-	1,3	1,3	-
PA	26,9	26,9	-	821	748	(8,9)	22,1	20,1	(9,0)
TO	36,1	35,4	(1,9)	799	1.249	56,2	28,8	44,2	53,5
NORDESTE	1.183,3	1.194,1	0,9	394	326	(17,3)	465,9	389,1	(16,5)
MA	89,1	87,2	(2,1)	654	519	(20,5)	58,2	45,3	(22,2)
PI	240,7	240,7	-	389	310	(20,1)	93,5	74,7	(20,1)
CE	400,2	400,2	-	289	272	(5,9)	115,7	108,9	(5,9)
RN	45,1	45,1	-	382	341	(10,7)	17,2	15,4	(10,5)
PB	80,9	80,9	-	423	234	(44,7)	34,2	18,9	(44,7)
PE	148,2	148,2	-	300	157	(47,6)	44,4	23,3	(47,5)
AL	6,3	6,3	-	405	522	28,9	2,6	3,3	26,9
BA	172,8	185,5	7,3	579	535	(7,7)	100,1	99,3	(0,8)
CENTRO-OESTE	248,1	248,0	-	1.045	1.008	(3,6)	259,4	249,9	(3,7)
MT	226,5	226,4	-	1.047	1.104	5,4	237,3	249,9	5,3
DF	0,5	0,5	-	1.100	-	(100,0)	0,6	-	(100,0)
SUDESTE	13,9	16,0	15,1	551	551	-	7,7	8,8	14,3
MG	13,9	16,0	15,1	551	551	-	7,7	8,8	14,3
NORTE/NORDESTE	1.250,7	1.260,8	0,8	416	362	(13,0)	519,7	456,3	(12,2)
CENTRO-SUL	262,0	264,0	0,8	1.019	980	(3,8)	267,1	258,7	(3,1)
BRASIL	1.512,7	1.524,8	0,8	520	469	(9,9)	786,8	715,0	(9,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.5. GIRASSOL

Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Girassol

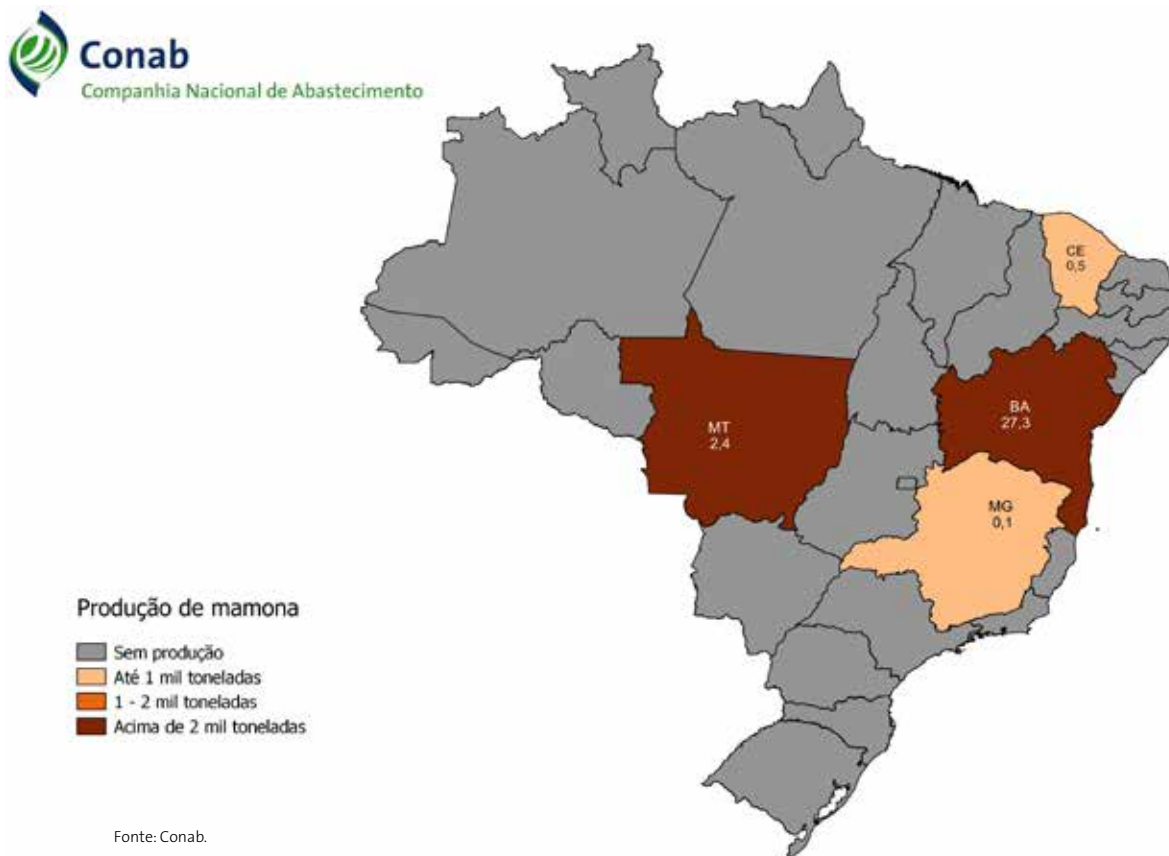


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	84,1	84,1	-	1.526	1.610	5,6	128,3	135,5	5,6
MT	60,5	60,5	-	1.685	1.617	(4,0)	101,9	97,8	(4,0)
MS	0,7	0,7	-	1.100	1.527	38,8	0,8	1,1	37,5
GO	22,2	22,2	-	1.080	1.579	46,2	24,0	35,1	46,3
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
SUDESTE	8,1	8,1	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	25,9
MG	8,1	8,1	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	25,9
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.568	(3,6)	5,4	5,2	(3,7)
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.568	(3,6)	5,4	5,2	(3,7)
CENTRO-SUL	95,5	95,5	-	1.489	1.585	6,4	142,2	151,4	6,5
BRASIL	95,5	95,5	-	1.489	1.585	6,4	142,2	151,4	6,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.6. MAMONA

A estimativa para a safra 2018/19 é de incremento na área plantada, principalmente na Bahia, maior estado produtor. A previsão é que sejam cultivados 48,8 mil hectares, que, comparados com o cultivado da safra anterior, equivale a um aumento 53,5% na área.

Na Bahia, os plantios já foram iniciados e a área cultivada é estimada em 44 mil hectares, aumento de 63% em relação à safra anterior.

A mamoneira é cultivada no sistema solteiro (monocultivo) ou consorciado com feijão-caupi, em sistema

de produção semiperene, conduzido por médio e pequenos produtores, com pouco aporte de insumos, em regime de sequeiro ou irrigado por gotejamento. As áreas produtivas estão localizadas exclusivamente no centro-norte do estado. O crescimento do cultivo das lavouras de mamona não foi maior devido a limitações de mercado, que vem registrando redução na demanda da oleaginosa.

Em Minas Gerais, o cultivo de mamona diminuiu muito nas últimas safras. Para essa safra, até o momento, não há relatos de área plantada. No entanto, estima-se uma área plantada de até 100 hectares, caso as condições de umidade do solo sejam favoráveis para o plantio nos próximos meses.



Figura 11 – Mapa da produção agrícola - Mamona

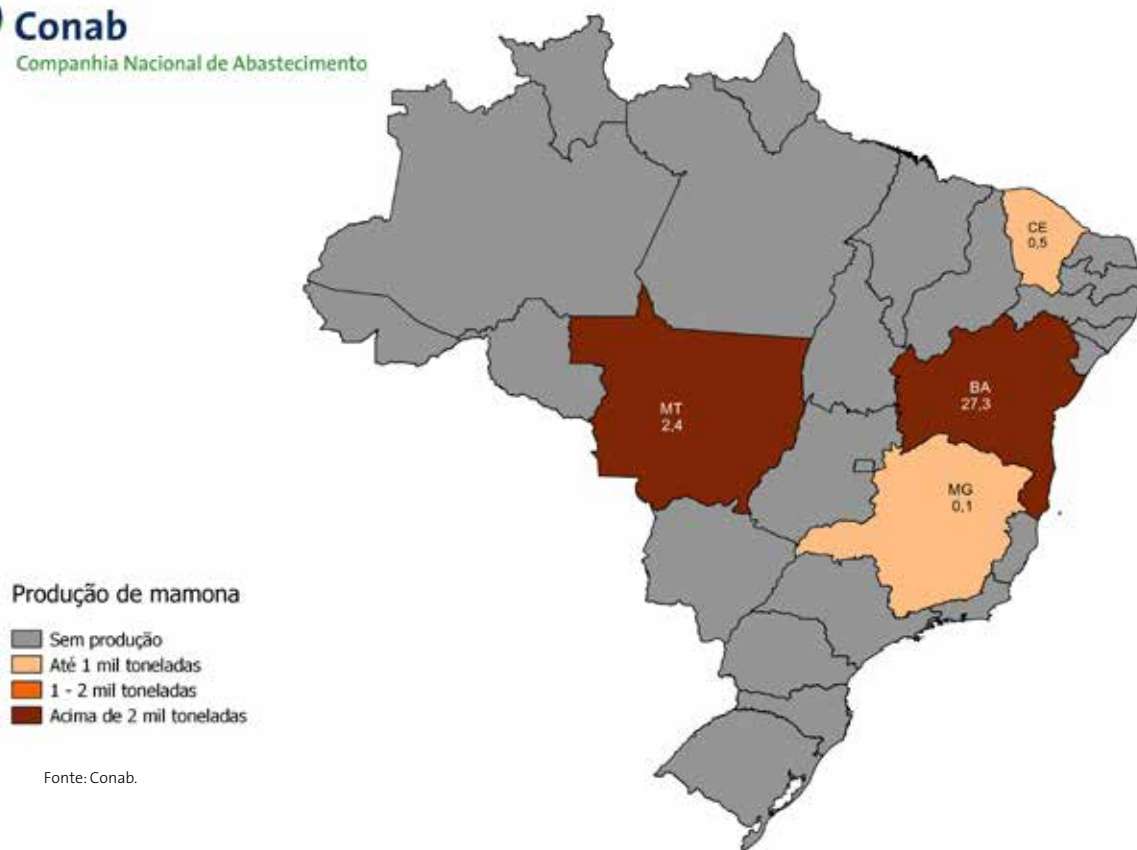


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	29,0	46,0	58,6	606	604	(0,2)	17,5	27,8	58,9
CE	2,0	2,0	-	262	257	(1,9)	0,5	0,5	-
BA	27,0	44,0	63,0	631	620	(1,7)	17,0	27,3	60,6
CENTRO-OESTE	2,7	2,7	-	900	900	-	2,4	2,4	-
MT	2,7	2,7	-	900	900	-	2,4	2,4	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	896	858	(4,2)	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	896	858	(4,2)	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	29,0	46,0	58,6	606	604	(0,2)	17,5	27,8	58,9
CENTRO-SUL	2,8	2,8	-	900	899	(0,2)	2,5	2,5	-
BRASIL	31,8	48,8	53,5	631	621	(1,6)	20,0	30,3	51,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Observa-se para esta temporada uma tendência de aumento na área plantada do milho primeira safra, de 0,8% em relação à safra passada. O acompanhamento da evolução de áreas semeadas e as condições de desenvolvimento do milho em cada estado são descritas a seguir.

Em Rondônia, o crédito rural para a cultura do milho primeira safra é pouco acessado pelos produtores rurais, uma vez que o perfil de quem o cultiva é de pequeno produtor rural familiar, objetivando ter matéria-prima para alimentar suínos e aves na sua propriedade. Por essa razão, os recursos para implantação da lavoura são basicamente realizados pelo produtor. A área estimada para a safra 2018/19 é de 18,9 mil hectares, comparada à safra anterior, que atingiu 29,1 mil hectares, uma redução de 35%. A produtividade gira em torno de 2.471 kg/ha e o baixo rendimento é justificado pelo fato da cultura, de forma geral, não receber calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. Atualmente 70% da lavoura já foi plantada e os estágios da cultura são os seguintes: 20% em emergência, 70% em desenvolvimento vegetativo e 10% em pendramento/embonecamento. O material genético mais utilizado para a implantação da cultura no estado são os melhores grãos que o pequeno produtor seleciona, quando da colheita de sua produção. A troca desses grãos entre produtores, em nível municipal, é uma atividade comum e recorrente. Com relação à variedade, a mais difundida é a AL Bandeirante. Esse material é comercializado nas pequenas casas agropecuárias e adquirido pelos produtores que não tem sementes, ou querem renovar seu banco de sementes.

Em Tocantins haverá, nessa temporada, uma redução de 21,8% na área de milho plantado na primeira safra. Os baixos preços praticados atualmente no mercado, aliados ao alto custo de produção e os elevados estoques do grão, não estimularam os produtores ao plantio desta lavoura. O início antecipado das chuvas e a aceleração do plantio da soja também colaboram para essa expectativa de redução de área, pois os produtores terão uma maior janela de plantio da leguminosa. Já para os agricultores familiares a expectativa de manutenção ou redução de área, principalmente devido à diminuição de distribuição de sementes pelos órgãos governamentais de extensão rural. O plantio já foi iniciado devendo estender-se até janeiro.

No Maranhão há boa expectativa por parte dos agricultores em relação à produção do milho, muitos veem esta cultura como uma forma alternativa de renda

nas suas fazendas. Um fator preponderante para o aumento de área com o cereal se deve à intenção do pequeno produtor (agricultura familiar) em produzir o milho em detrimento do arroz, já que é mais fácil de comercializar e também é fonte de alimentação para os rebanhos. Com isso, há perspectiva de aumento de área plantada de 2,2% na região sul do estado. No sul do estado, onde o nível tecnológico é largamente utilizado, o rendimento médio chega a 130 scs/ha.

No Piauí, a área de milho primeira safra deve apresentar um pequeno incremento com relação à safra anterior, atingindo 429,6 mil hectares. A produtividade média esperada para a cultura no estado gira em torno dos 3.001 kg/ha, que representa uma média entre as áreas de agricultura familiar e empresarial. O plantio do milho teve início na última quinzena de novembro, nos municípios de Bom Jesus e Currais, na região sul do estado e o percentual plantado ainda é muito baixo. Na região norte, o plantio deve iniciar em janeiro de 2019.

Figura 12 - Milho em desenvolvimento vegetativo, em Bom Jesus - PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 370 mil hectares desse cereal, redução de 2,7% em relação ao exercício anterior. No extremo oeste estima-se o cultivo de aproximadamente 165 mil hectares realizado por grandes e médios produtores, que usam o melhor pacote tecnológico na produção de grãos. As áreas



cultivadas por pequenos produtores ficam localizadas na porção leste da região, próximas ao Vale do São Francisco, com registros pluviométricos inferiores ao registrado nas áreas mais produtivas, fronteiriças com os estados de Goiás e Tocantins. A expectativa de menor disponibilidade de chuva tem levado o produtor a priorizar o cultivo do feijão solteiro ao invés do consórcio com o milho, devido à diferença no ciclo da cultura. No centro sul e Vale do São Francisco, estima-se a manutenção das áreas cultivadas, sendo as lavouras conduzidas por pequenos e médios produtores, com produção destinada principalmente para a manutenção das criações e consumo humano, com a comercialização dos excedentes. No centro norte foi observado para o milho o mesmo comportamento do feijão cores, com tendência a repetir as áreas cultivadas na safra 2013/14.

Em Mato Grosso existe para o milho primeira safra a expectativa de semeadura de 42,7 mil hectares na temporada 2018/19, ante os 27,2 mil hectares do ciclo anterior, representando um aumento de 56,9%. Trata-se de produção bastante pontual para atendimento a demandas internas, a exemplo da ração animal para confinamento, uma vez que o foco do produtor neste momento da safra é a soja. O cultivo ocorre no final de novembro e se estende até dezembro.

Em Mato Grosso do Sul, com os bons preços praticados no mercado interno, há uma expectativa de aumento da área plantada, estimada em 20 mil hectares. O plantio das áreas de milho estão adiantados. O cereal normalmente é plantado após a cultura da soja e como a leguminosa foi plantada mais cedo em relação à média histórica, o milho primeira safra está mais precoce. As lavouras estão com um bom desenvolvimento vegetativo, pois as precipitações têm sido adequadas à cultura e picos de altas temperaturas noturnas não têm sido frequentes. No final de novembro, a maioria das lavouras estavam na fase de desenvolvimento vegetativo, com algumas em pendramento/embonecamento. A maioria das lavouras são plantadas com sementes híbridas simples, com grande aporte tecnológico, visando altas produtividades. Como as lavouras foram implantadas com sementes com a tecnologia BT (*Bacillus thuringiensis*), que controla o complexo de lagartas que acometem a cultura, não há necessidade de aplicações de inseticidas para estas pragas.

Em Goiás, na região sudoeste observa-se forte incremento do plantio nas áreas próximas as granjas de aves e suínos, visando atender à demanda específica desses produtores. A área plantada nessa safra atingiu 265 mil hectares, representando incremento de

23,7% em relação à temporada 2017/18. Foi verificada a migração de áreas das culturas de feijão primeira safra, cana-de-açúcar e pastagens para área de milho verão, devido aos bons preços que o milho recebeu na última safra. Na região central e norte do estado, o milho primeira safra será destinado para silagem e não para grãos, motivo pelo qual não foram computados nesse levantamento.

No Distrito Federal, por ocasião do levantamento, restavam pouco mais de 5% para a conclusão do plantio, levemente adiantado se comparado com a safra passada, em razão das boas condições do clima. A área semeada foi de 26,7 mil hectares, redução de 4% em relação à safra anterior, visto que a baixa perspectiva de reação nos preços futuros justificam a referida redução na área. A produtividade média estimada é de 8.150 kg/ha o que poderá resultar em uma produção de 217,6 mil toneladas, 3,4% inferior à produzida na safra passada. As lavouras encontram em bom estágio de germinação e desenvolvimento vegetativo, beneficiadas sobremaneira pelas boas condições climáticas.

Em Minas Gerais, o atual levantamento aponta para uma tendência de forte redução na área de plantio do milho primeira safra em razão do aumento das áreas com soja, que apresenta maior rentabilidade e liquidez em comparação com o milho, que apresenta custo de produção bem superior ao da oleaginosa. A produtividade média está estimada em 6.563 kg/ha, compatível com o nível tecnológico das lavouras e expectativa de condições climáticas normais. Plantio estimado em 90% da área total, com lavouras predominantemente em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo e um pequeno percentual em outros estágios. O plantio da cultura poderá se estender até meados de dezembro.

Em São Paulo, a área plantada apresentará redução de 1,5% em relação aos 351,8 mil hectares da safra anterior em razão da concorrência com o cultivo da soja. O milho vem apresentando oscilação nos seus preços ao longo do ano e, diante desta variável, o produtor optou por mais segurança. Os produtores também alegam uma quantidade considerável de milho armazenado.

No Paraná, o plantio do milho está finalizado. Nessa temporada o aumento de 5,6% em relação à área de milho passada, ocorreu devido à substituição nas áreas de feijão em razão dos preços atrativos. O clima, embora bastante chuvoso e temperaturas um pouco baixas, é considerado favorável à cultura, esperando-se uma boa produtividade. No geral, as lavouras estão em boas condições.



Figura 13 - Milho em floração em Paula Freitas - PR



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, 98% das lavouras de milho já estão implantadas. Chuvas excessivas no mês passado atrasaram a finalização do plantio, com dias nublados, pouca luminosidade e menores temperaturas médias, que afetaram a germinação, bem como o desenvolvimento normal das plantas. Com as condições climáticas favoráveis às culturas de verão durante novembro, a cultura do milho encontra-se com 98% de suas lavouras em boas condições no atual ciclo de desenvolvimento. No momento, 85% das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo e o restante (15%) em floração/granação, principalmente na região oeste catarinense que devido ao clima mais ameno no início da primavera, tem sua semeadura iniciada mais precocemente.

Em relação à área a ser semeada na safra 2018/19, observa-se, até o momento, um aumento próximo de 2% em relação ao obtido na safra anterior. A melhoria dos preços ao produtor, observados desde a última safra, são um dos motivos para o maior interesse em investir na cultura, que deve ganhar espaço deixado, principalmente, pelo feijão da primeira safra. Já a produtividade estimada nesta safra apresenta uma elevação de 3,8% quando comparada com a safra 2017/18. As boas condições das lavouras atualmente, principalmente aquelas em avançado estágio de desenvolvimento, permite inferir uma melhoria da produtividade esperada, já que o clima tem contribuído para que a cultura expresse seu potencial produtivo próximo de seu máximo em determinadas regiões. Sendo o estado um grande importador de milho, de aproximadamente quatro milhões de toneladas anuais, principalmente da Região Centro-Oeste, para abastecer as criações de suínos, aves e bovinos, o aumento de área e produtividade da cultura do milho é um objetivo a ser alcançado pela agricultura catarinense para tornar-se menos dependente do produto até mesmo de outros países, como observado constantemente nas operações de importação, no qual Santa Catarina vem buscando o cereal nos países do Mercosul, principalmente do Paraguai.

Figura 14 - Milho em desenvolvimento vegetativo em Ouro Verde – SC



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do milho atingiu 86,8% da área prevista. Faltam ser semeadas parte das lavouras na região da Serra (40%), Campanha (40%), Central (50%) e Sul (50%). Boa parte dessas lavouras serão cultivadas após a finalização da colheita do fumo. Nas regiões Fronteira Oeste e Noroeste as lavouras já se encaminham para a parte final do ciclo, com previsão de início de colheita no final de dezembro. Do total, 25,1% das lavouras estão em enchimento de grãos, 11,4% em floração, 56,3% em desenvolvimento vegetativo e 7,2% em germinação.

As condições meteorológicas durante todo o ciclo da cultura têm sido muito boas, com ocorrência de chuvas regulares e com bom volume, o que tem mantido o potencial produtivo muito alto. Nas regiões mais adiantadas, Fronteira Oeste, Missões, Produção e Alto Uruguai, caso ocorram mais uma ou duas chuvas com volume bom a safra já está praticamente garantida, com rendimento alto. Nas demais, ainda demora um pouco mais para a confirmação da produção, mas, em razão das condições ocorridas até o momento, a expectativa é boa. A área da safra foi estimada em 753,9 mil hectares, 3,5% superior à safra anterior. Esse aumento se deve principalmente em virtude do melhor preço pago ao produtor neste ano e da expectativa de sua manutenção durante toda a safra. Na safra anterior, em razão do menor preço do produto, boa parte dos produtores que cultivaram milho sob pivô central acabaram migrando para a cultura da soja, mas retornaram a cultivar o milho na safra atual, o que deve elevar a produtividade em algumas regiões.

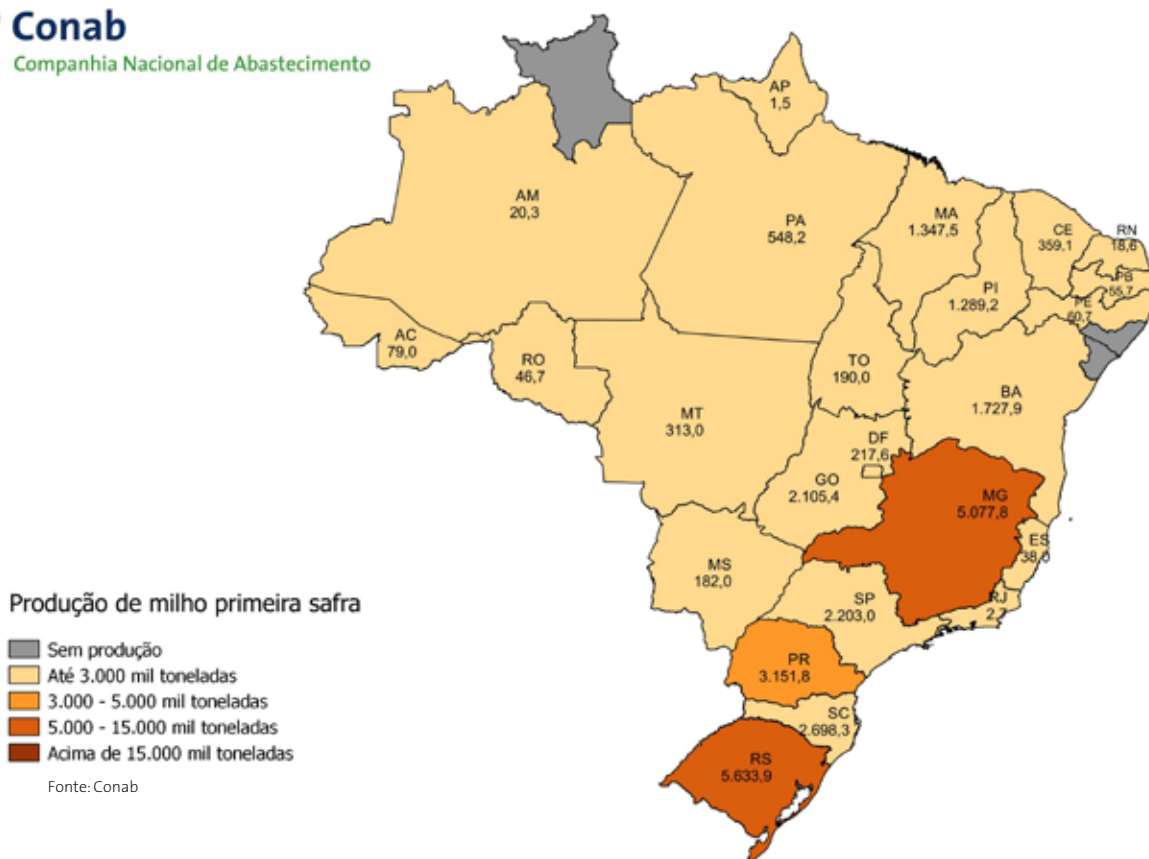


Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento



Produção de milho primeira safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraibano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Agreste Paraibano								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Pernambucano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
GO	Leste Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C					
	Sul Goiano				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal			PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	290,9	269,1	(7,5)	3.302	3.292	(0,3)	962,0	885,7	(7,9)
RO	29,1	18,9	(35,0)	2.471	2.471	-	71,9	46,7	(35,0)
AC	31,0	31,0	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	(2,6)
AM	8,1	8,1	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	(1,9)
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	167,9	167,9	-	3.286	3.265	(0,6)	551,7	548,2	(0,6)
TO	53,2	41,6	(21,8)	4.417	4.568	3,4	235,0	190,0	(19,1)
NORDESTE	1.937,2	1.938,0	-	2.889	2.507	(13,2)	5.596,0	4.858,7	(13,2)
MA	311,0	317,8	2,2	4.854	4.240	(12,6)	1.509,6	1.347,5	(10,7)
PI	425,3	429,6	1,0	3.309	3.001	(9,3)	1.407,3	1.289,2	(8,4)
CE	535,1	535,1	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	(13,7)
RN	40,9	40,9	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	(3,6)
PB	108,6	108,6	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	(34,2)
PE	136,0	136,0	-	485	446	(8,0)	66,0	60,7	(8,0)
BA	380,3	370,0	(2,7)	5.503	4.670	(15,1)	2.092,8	1.727,9	(17,4)
CENTRO-OESTE	284,7	354,4	24,5	8.012	7.952	(0,8)	2.281,0	2.818,0	23,5
MT	27,2	42,7	56,9	7.331	7.331	-	199,4	313,0	57,0
MS	15,5	20,0	29,0	9.212	9.100	(1,2)	142,8	182,0	27,5
GO	214,2	265,0	23,7	8.000	7.945	(0,7)	1.713,6	2.105,4	22,9
DF	27,8	26,7	(4,0)	8.100	8.150	0,6	225,2	217,6	(3,4)
SUDESTE	1.191,9	1.134,6	(4,8)	6.465	6.453	(0,2)	7.706,1	7.321,5	(5,0)
MG	825,7	773,7	(6,3)	6.535	6.563	0,4	5.395,9	5.077,8	(5,9)
ES	13,4	13,4	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	(5,2)
RJ	1,0	1,0	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	(12,9)
SP	351,8	346,5	(1,5)	6.444	6.358	(1,3)	2.267,0	2.203,0	(2,8)
SUL	1.377,4	1.427,5	3,6	7.453	8.045	7,9	10.265,6	11.484,0	11,9
PR	330,0	348,5	5,6	8.748	9.044	3,4	2.886,8	3.151,8	9,2
SC	319,0	325,1	1,9	7.997	8.300	3,8	2.551,0	2.698,3	5,8
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.473	12,7	4.827,8	5.633,9	16,7
NORTE/NORDESTE	2.228,1	2.207,1	(0,9)	2.943	2.603	(11,6)	6.558,0	5.744,4	(12,4)
CENTRO-SUL	2.854,0	2.916,5	2,2	7.096	7.414	4,5	20.252,7	21.623,5	6,8
BRASIL	5.082,1	5.123,6	0,8	5.275	5.342	1,3	26.810,7	27.367,9	2,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	385,6	385,6	-	3.850	4.350	13,0	1.484,7	1.677,5	13,0
RR	9,6	9,6	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	2,6
RO	149,1	149,1	-	4.497	4.607	2,4	670,5	686,9	2,4
PA	69,0	69,0	-	3.403	3.600	5,8	234,8	248,4	5,8
TO	157,9	157,9	-	3.374	4.398	30,3	532,8	694,4	30,3
NORDESTE	730,8	730,8	-	1.668	2.597	55,7	926,4	1.898,0	104,9
MA	172,4	172,4	-	2.172	3.300	51,9	374,5	568,9	51,9
PI	63,2	63,2	-	1.289	4.409	242,0	81,5	278,6	241,8
PE	79,7	79,7	-	600	600	-	47,8	47,8	-
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	158,4	158,4	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	232,3
BA	230,9	230,9	-	875	1.464	67,3	202,0	338,0	67,3
CENTRO-OESTE	7.457,4	7.457,4	-	5.271	5.932	12,5	39.170,2	44.239,0	12,9
MT	4.471,2	4.471,2	-	5.860	6.150	4,9	26.201,2	27.497,9	4,9
MS	1.720,0	1.720,0	-	3.685	5.104	38,5	6.338,2	8.778,9	38,5
GO	1.230,4	1.230,4	-	5.200	6.253	20,3	6.398,1	7.693,7	20,2
DF	35,8	35,8	-	6.500	7.500	15,4	232,7	268,5	15,4
SUDESTE	875,0	875,0	-	3.910	4.991	27,6	3.423,3	4.367,0	27,6
MG	339,4	339,4	-	4.981	5.483	10,1	1.690,6	1.860,9	10,1
SP	535,6	535,6	-	3.235	4.679	44,6	1.732,7	2.506,1	44,6
SUL	2.100,9	2.100,9	-	4.330	5.499	27,0	8.970,8	11.552,8	28,8
PR	2.100,9	2.100,9	-	4.270	5.499	28,8	8.970,8	11.552,8	28,8
NORTE/NORDESTE	1.116,4	1.116,4	-	2.422	3.203	32,2	2.411,1	3.575,7	48,3
CENTRO-SUL	10.433,3	10.433,3	-	4.967	5.766	16,1	51.564,3	60.158,8	16,7
BRASIL	11.549,7	11.549,7	-	4.721	5.518	16,9	53.975,4	63.734,5	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	676,5	654,7	(3,2)	3.617	3.915	8,3	2.446,6	2.563,3	4,8
RR	9,6	9,6	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	2,6
RO	178,2	168,0	(5,7)	4.166	4.367	4,8	742,4	733,6	(1,2)
AC	31,0	31,0	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	(2,6)
AM	8,1	8,1	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	(1,9)
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	236,9	236,9	-	3.320	3.363	1,3	786,5	796,6	1,3
TO	211,1	199,5	(5,5)	3.637	4.433	21,9	767,7	884,5	15,2
NORDESTE	2.668,0	2.668,8	-	2.445	2.532	3,6	6.522,3	6.756,8	3,6
MA	483,4	490,2	1,4	3.897	3.909	0,3	1.884,0	1.916,4	1,7
PI	488,5	492,8	0,9	3.048	3.182	4,4	1.488,8	1.567,9	5,3
CE	535,1	535,1	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	(13,7)
RN	40,9	40,9	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	(3,6)
PB	108,6	108,6	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	(34,2)
PE	215,7	215,7	-	527	503	(4,7)	113,8	108,5	(4,7)
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	158,4	158,4	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	232,3
BA	611,2	600,9	(1,7)	3.755	3.438	(8,4)	2.294,8	2.065,9	(10,0)
CENTRO-OESTE	7.742,1	7.811,8	0,9	5.354	6.024	12,5	41.451,2	47.057,0	13,5
MT	4.498,4	4.513,9	0,3	5.869	6.161	5,0	26.400,6	27.810,9	5,3
MS	1.735,5	1.740,0	0,3	3.734	5.150	37,9	6.481,0	8.960,9	38,3
GO	1.444,6	1.495,4	3,5	5.615	6.553	16,7	8.111,7	9.799,1	20,8
DF	63,6	62,5	(1,7)	7.199	7.778	8,0	457,9	486,1	6,2
SUDESTE	2.066,9	2.009,6	(2,8)	5.385	5.816	8,0	11.129,4	11.688,5	5,0
MG	1.165,1	1.113,1	(4,5)	6.082	6.234	2,5	7.086,5	6.938,7	(2,1)
ES	13,4	13,4	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	(5,2)
RJ	1,0	1,0	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	(12,9)
SP	887,4	882,1	(0,6)	4.507	5.339	18,4	3.999,7	4.709,1	17,7
SUL	3.478,3	3.528,4	1,4	5.530	6.529	18,1	19.236,5	23.036,9	19,8
PR	2.430,9	2.449,4	0,8	4.878	6.003	23,1	11.857,7	14.704,7	24,0
SC	319,0	325,1	1,9	7.997	8.300	3,8	2.551,0	2.698,3	5,8
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.473	12,7	4.827,8	5.633,9	16,7
NORTE/NORDESTE	3.344,5	3.323,5	(0,6)	2.682	2.804	4,6	8.968,9	9.320,1	3,9
CENTRO-SUL	13.287,3	13.349,8	0,5	5.405	6.126	13,3	71.817,1	81.782,4	13,9
BRASIL	16.631,8	16.673,3	0,2	4.857	5.464	12,5	80.786,0	91.102,5	12,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.1.8. SOJA

As expectativas para a temporada 2018/19 indicam, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da

área plantada, atingindo 1,8% em relação à safra passada, correspondendo ao plantio de 35.793,9 mil hectares.



9.1.8.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Na Região Norte-Nordeste, o plantio da oleaginosa iniciou com a chegada das primeiras chuvas. O comportamento da safra passada com um quadro climático favorável, serviu de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar a área plantada atual. Nessa perspectiva, o incremento percentual deverá atingir 1,8% em relação aos 5.195,2 mil hectares, plantados no período anterior.

Em Rondônia, os recursos financeiros para implantação da cultura são obtidos nas seguintes proporções: 15% através de bancos oficiais, 15% por meio de recursos do próprio produtor e 70% através de agentes financeiros e principalmente as tradings além de outras empresas privadas. Um grave problema enfrentado pelos produtores na captação de recursos financeiros em bancos oficiais está relacionada a documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente e inviabiliza o acesso mesmo quando o recurso financeiro existe. As tradings e outras empresas privadas, entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear suas lavouras.

Figura 16 - Lavoura de soja, em Pimenteiras do Oeste – TO



Fonte: Conab.

O calendário agrícola apesar de alguns atrasos na entrega de fertilizantes e defensivos, notadamente os oriundos de Paranaguá, atualmente segue sem maiores problemas, poderá trazer reflexos no estabelecimento do milho safrinha. A área cultivada de soja primeira safra no estado é de 313.425 hectares, e a segunda safra, cuja semeadura ocorre entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro, está prevista atingir 20.268 hectares. Atualmente os estádios da cultura são: 15% em emergência, 69% em desenvolvimento vegetativo, 15% em floração e 1% em enchimento de grãos. As condições da lavoura apresentam boa sanidade e boa formação. O percentual de soja convencional cultivada no estado não chega a 2% da área total e as questões relacionadas a secagem, armazenamento e transporte, são justificativas para não ampliarem as áreas de cultivo, apesar do valor da saca da soja convencional ser superior ao da soja transgênica. Estima-se que aproximadamente 63% do total plantado seja soja Intacta, 35% soja RR e 2% soja convencional.

No Pará, o plantio deverá ser iniciado em dezembro na região sudeste do estado, estimando ser atingida 566,1 mil hectares, representando incremento de 3% em relação ao exercício passado. A região sul do estado já está com 30% de área semeada, uma vez que já estão ocorrendo precipitações acima de 250 mm nos últimos 30 dias.

Em Tocantins, os bons resultados, tanto financeiros quanto de produtividade, motivaram os agricultores à abertura de novas áreas, além do uso dessa lavoura para a renovação de pastagens degradadas, explicam o incremento na área plantada. Esta prática deve se intensificar nos próximos anos, principalmente pela atratividade das linhas de crédito oficiais incluídas no Plano ABC e também com o interesse pelo sistema ILP – Integração Lavoura Pecuária. O plantio no estado encontra-se na ordem de 70% da área, com destaque para a região central onde mais de 90% das áreas já foram semeadas, sendo que no norte, nas regiões de Araguaína e Colinas do Tocantins, houve ausência de chuvas generalizadas no início de novembro, causando paralisação do plantio em algumas propriedades por até 15 dias. Apesar da variabilidade das precipitações, as lavouras se encontram em excelente estágio de desenvolvimento vegetativo, sem ocorrência de pragas ou doenças de forma significativa. Também, em torno de 20% das áreas já se encontram na fase inicial do florescimento. O plantio deverá se prolongar até meados de dezembro.



Figura 17 - Lavoura de soja em Figueirópolis - TO



Fonte: Conab.

No Maranhão, há indicativos de aumento da área plantada na ordem de 2% para esta safra, comparado com o exercício anterior. Com o bom volume de chuvas ocorrido até o momento (aproximadamente 400 mm de chuvas em algumas microrregiões) o solo já detém umidade suficiente para o início dos plantios. Estima-se que até o presente levantamento 38% das áreas já foram plantadas no sul do estado.

No Piauí, devido a antecipação do início do período chuvoso nesta safra em relação à safra passada, o plantio da soja iniciou-se em média 15 dias antes que a safra passada e encontra-se em nível avançando em todas as áreas dos cerrados piauienses, estimando-se que até esse levantamento cerca de 50% da área total já estava plantada. A região mais adiantada é o município de Santa Filomena com 59% da área plantada e o mais atrasado é no município de Uruçuí com 37% da área. Desse total, 45% encontra-se no estágio de germinação, 53% em desenvolvimento vegetativo e 0,2% já atingiram a floração e até o momento as condições climáticas têm sido favoráveis à implantação da lavoura. Nos casos isolados em que ocorreram veranicos, será realizado o replantio das áreas. Considerando o sistema de plantio, mais de 90% da área

9.1.8.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país, o incremento na área plantada atingiu 2,6% em relação ao exercício anterior, ultrapassando os 16 milhões de hectares semeados.

Em Mato Grosso, o excelente regime de chuvas favoreceu o ritmo de plantio e houve antecipação significativa dos trabalhos, que concentrou 81,2% da semeadura até outubro, fato que deverá culminar em antecipação da colheita em âmbito estadual. Além disso, a continuidade do regime climático tem favorecido o desenvolvimento das lavouras, avaliadas entre bom e ótimo, e o desenvolvimento vegetativo predomina, ainda que cerca de 30% já se encontre em floração. Em determinadas regiões existe o receio sobre a ocorrência de luminosidade insuficiente para a cultura, caso persista o tempo nublado e com pouco

cultivada será realizado plantio direto, utilizando-se 94% de semente transgênica. Para a safra 2018/2019, ocorrerá um aumento médio na ordem de 2%, devido à abertura de novas áreas, esperando-se que a área de soja estadual atinja 724,7 mil hectares.

Figura 18 - Soja em desenvolvimento vegetativo em Bom Jesus – PI



Fonte: Conab.

Na Bahia os cultivos de soja ocorreram no início de outubro, consonante com o Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja, que estabelece o calendário de plantio para o oeste da Bahia entre 08 de outubro/18 a 15 de janeiro/19. Até o momento, a estimativa é que tenha sido plantado 85% da área total a ser cultivada para a soja. Estima-se que sejam cultivados 1.610,5 mil hectares, representando leve incremento de 0,7% sobre a área cultivada na safra passada. O cultivo da soja é realizado por grandes e médios produtores, com alto aporte tecnológico e intensa utilização de insumos, ocupando áreas produtivas no Extremo Oeste e Vale do São Francisco, em manejo de sequeiro e irrigados com pivô central.

sol. A situação ainda é restrita a algumas regiões do estado e não foi suficiente para afetar o desenvolvimento das lavouras, que, de forma geral, apresenta-se positivo.

Estima-se o crescimento da área em 1,8% no período 2018/19, com aumento de 9.518,6 mil hectares para 9.689,9 mil hectares. Apesar de todos os entraves vislumbrados antes do plantio, como a alta do dólar, o consequente encarecimento dos custos de produção e os problemas de ordem logística, a continuidade de incorporação de novas áreas se mantém, impulsionada principalmente pelo aumento do plantio nas fronteiras agrícolas do estado, como no Vale do Araguaia, no Norte de Mato Grosso e em novas fronteiras em municípios nas adjacências da BR-163. Nos demais municípios a área manteve-se perto da estabilidade.



Figura 19 - Soja em estágio reprodutivo, em Bom Jesus do Araguaia - MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada com soja irá atingir aproximadamente 2.816,3 mil hectares. Na atual safra há uma expectativa de aumento na área de 5,4%, principalmente pela incorporação de áreas de pastagens e outras destinadas à produção de cana-de-açúcar, dada a dificuldade financeira enfrentada por algumas usinas, que tiveram suas áreas arrendadas por sojicultores. Ainda há várzeas de rios que foram programadas para cultivo de soja e que ainda não foram semeadas, e a permanecer o atual volume de chuvas, poderá ocorrer a destinação de algumas destas áreas para o cultivo do arroz.

As chuvas apresentam-se regulares, já que desde o início do período chuvoso, a partir do final de setembro, não houve relatos de veranicos. Porém, devido ao grande volume de chuvas acumulado, quando em algumas regiões ocorreu o triplo da normal climatológica, existem casos pontuais de ressemeadura devido a ocorrência de granizo, chuva pesada e/ou encharcamento do solo ocorrido imediatamente após a semeadura/emergência das plântulas. Entretanto, estas ocorrências não somam nem 1% da área total do estado.

Na macrorregião sudoeste do estado as lavouras estão mais adiantadas, porque o plantio teve início logo após o período do vazio sanitário (15/09). Devido a fre-

quência e intensidade das chuvas, as operações foram paralisadas, com intensificação em outubro e término em meados de novembro. Até o final de novembro, aproximadamente 98% da área total cultivada no estado já havia sido plantada, onde 5% estava em germinação, 70% em desenvolvimento vegetativo, 25% em floração e 5% no início do enchimento de grãos. Apesar da dificuldade para entrada de maquinário durante outubro e meados de novembro as lavouras que entraram na fase reprodutiva já receberam a primeira aplicação preventiva para controle do complexo de doenças que acometem a cultura. As lavouras encontram-se em bom estado de crescimento e desenvolvimento, apesar da alteração do metabolismo devido ao excesso de chuvas no mês de outubro, comprometendo o crescimento das plantas devido à falta de luminosidade e o solo permanentemente encharcado. As principais pragas e doenças estão sob controle e até o momento não houve relatos de algum dano que causaram perdas significativas. Cerca de 90% das sementes utilizadas são transgênicas, pois apenas nas áreas de refúgio e preservação, como no Parque Nacional da Bodoquena, não são plantadas sementes transgênicas, obrigando os produtores a utilizarem sementes convencionais.

Apesar do aumento do custo de produção devido ao encarecimento dos fertilizantes e agroquímicos cotados em dólar, o manejo adequado das lavouras com alto aporte tecnológico, retrata uma tendência positiva em relação ao eficiente controle de pragas e doenças e adubações. Ou seja, os produtores estão investindo maciçamente em tecnologias de cultivo que impactam de forma positiva a produtividade. Atualmente, a maior preocupação dos produtores relaciona-se com as intempéries climáticas que podem ocorrer a partir de dezembro, principalmente de veranicos, quando a maioria das lavouras estarão em floração e enchimento de grãos.

Figura 20 - Lavoura de soja em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab.



Em Goiás, a região sul responsável por aproximadamente 90% da produção, praticamente 100% das áreas já foram semeadas. As últimas áreas foram cultivadas na última semana de novembro e um pequeno percentual na primeira semana de dezembro. No estado são plantadas duas gerações de variedades transgênicas e um pequeno percentual de convencional. As de ciclo médio são as mais comuns dentre as utilizadas na região sul.

As chuvas no momento atrasam o calendário de pulverizações preventivas (tanto aéreas como terrestres), principalmente contra doenças fúngicas. Alguns focos de ferrugem foram relatados, porém ainda de forma pontual. Com relação ao custeio, produtores que adquiriram antecipadamente os insumos, livrando-se das variações cambiais e elevação dos custos com os fretes, economizaram aproximadamente 30% em relação aos demais.

No Distrito Federal, o terceiro levantamento aponta para um aumento médio de 2,4%, comparativamente à safra passada. Estima-se que a produção será superior em 0,6%, considerando uma produtividade média de 3.477 kg/ha, devendo atingir um volume de 254,5

9.1.8.3. REGIÃO SUDESTE

A área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 2,8% em relação à safra passada. Em Minas Gerais a estimativa inicial para o plantio de soja é de 1.529,6 mil hectares, representando incremento de 1,4% sobre a área da safra anterior, motivado principalmente pelas boas perspectivas de mercado e pelos excelentes resultados alcançados na safra 2017/18. Plantio realizado em 90% da área total, na primeira quinzena de novembro. Algumas lavouras já estão em início de florescimento e até o momento as condições sanitárias são consideradas boas, com ocorrências

9.1.8.4. REGIÃO SUL

É esperada incremento percentual na área plantada, de 0,6% em relação ao observado no exercício anterior.

No Paraná, a área plantada permanece inalterada em relação à safra passada – 5.464,8 mil hectares, respaldada pelos bons preços praticados para a oleaginosa. O plantio que apresentava leve atraso em função do excesso de chuvas em algumas regiões, foi encerrado e as lavouras apresentam-se com bom desenvolvimento vegetativo.

Figura 21 - Soja em Caiapônia – GO



Fonte: Conab.

mil toneladas. Cabe ressaltar que a safra anterior foi beneficiada sobremaneira pelas boas condições climáticas. Os produtores estão no final do plantio, ultrapassando 98% da área total. Dessa área, cerca de 70% encontra-se em fase de desenvolvimento vegetativo e o restante, em fase germinativa.

pontuais de doenças devido à condição de umidade elevada.

Em São Paulo, a tendência de forte crescimento da área plantada com a oleaginosa 5%, atingindo 1.009,7 mil hectares, avançou principalmente sobre áreas que cultivavam milho, cana-de-açúcar e, em alguns municípios, feijão, tendo como suporte, a forte demanda junto ao mercado chinês, a valorização do dólar, o menor custo de produção e maior liquidez na comercialização.

Figura 22 - Soja em Paula Freitas – PR



Fonte: Conab.



Em Santa Catarina, aproximadamente 88% das lavouras encontram-se semeadas. Destas, em torno de 29% estão na fase de germinação/emergência, 66% em desenvolvimento vegetativo, 4% em floração e, 1% já apresenta formação de vagens e grãos, estas localizadas na região oeste, onde o plantio foi realizado antes do início das chuvas de outubro. As condições da cultura apresentaram melhoras nos últimos dias, resultado da volta da estabilidade climática após intensas chuvas no mês de outubro. O plantio, que mostrou atraso inicial, avançou rapidamente, resultado do bom parque de máquinas dos produtores e sistema de plantio direto, que representa mais de 95% da área estimada. A sanidade das plantas é considerada boa, sem ataques de pragas e doenças com capacidade de provocar danos econômicos.

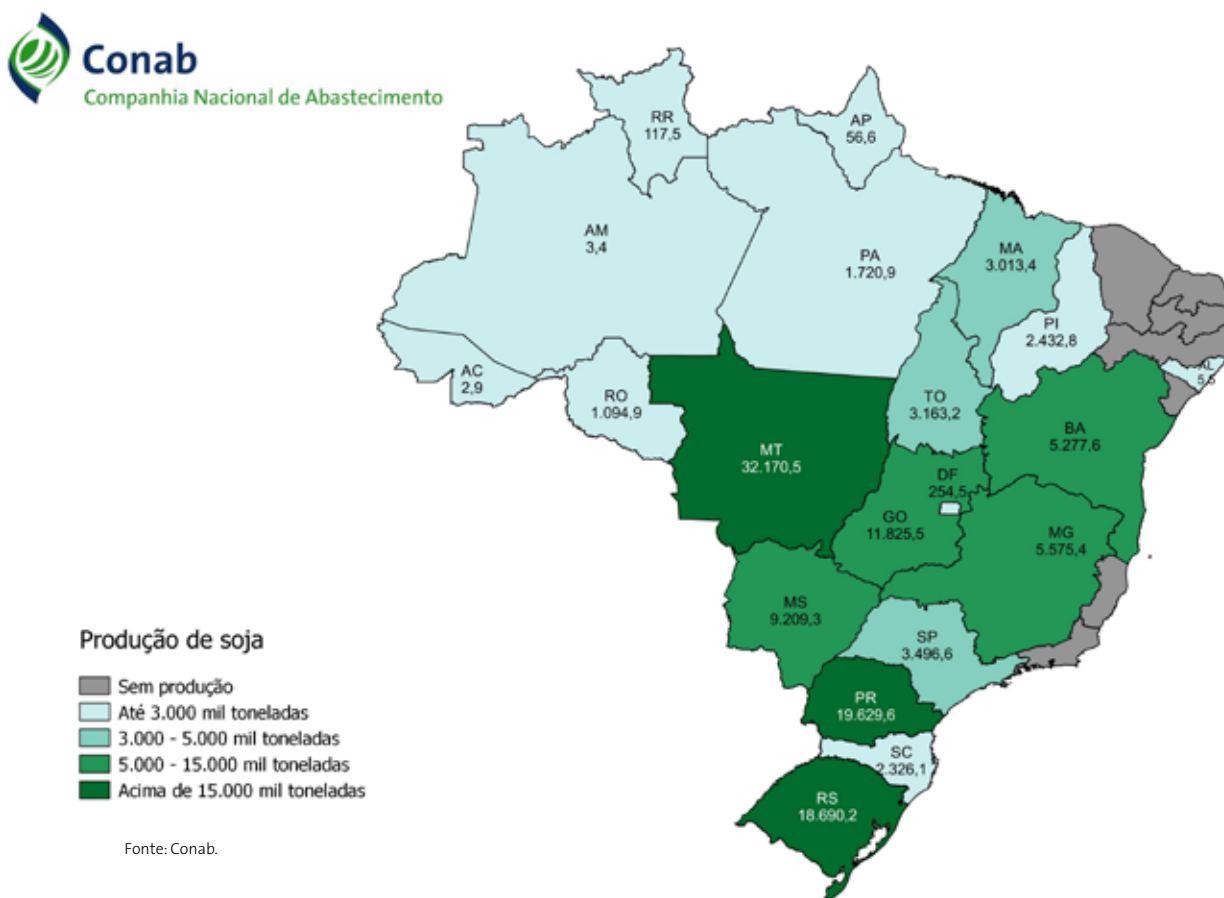
No Rio Grande do Sul, a semeadura da soja evoluiu de maneira significativa desde o último levantamento, passando de 10% no final de outubro para 79% no final de novembro. Com a previsão de tempo relativamente seco e bom teor de umidade no solo, a semeadura deve chegar muito próximo do final no primeiro decêndio de dezembro, restando apenas aquelas áreas em que será cultivada a soja após milho silagem, milho grãos, feijão ou fumo. Das áreas implantadas,

80% encontram-se em desenvolvimento vegetativo e 20% em germinação e emergência.

As condições na maior parte do período inicial da cultura foram ótimas, proporcionando um adequado estabelecimento das lavouras e um grande potencial produtivo. Cabe destaque, apenas, a ocorrência de chuvas com grande intensidade no final de outubro e início de novembro, que prejudicaram a germinação das lavouras. Estima-se que em torno de 5% da área necessite alguma operação de ressemeadura.

A área, de acordo com previsões iniciais, deve ter um aumento de 1,5%, atingindo 5.777,5 mil hectares. As regiões tradicionais de cultivo da soja devem registrar muito pouco aumento, sendo estes basicamente em substituição a pastagens plantadas. Por outro lado, anualmente tem ocorrido a introdução de novas áreas, especialmente sobre campo nativo, em regiões não tradicionais no cultivo da soja. Essas áreas, que estão nas regiões da Fronteira Oeste, Campanha, Central e Sul, muitas vezes apresentam restrições maiores em relação àquelas da metade norte do estado, principalmente na questão de conservação de solo, já que são mais sensíveis à erosão e com menor capacidade de retenção de água.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Soja



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.931,7	1.982,3	2,6	3.056	3.107	1,7	5.903,9	6.159,4	4,3
RR	38,2	38,2	-	3.077	3.077	-	117,5	117,5	-
RO	333,6	333,6	-	3.282	3.282	-	1.094,9	1.094,9	-
AC	0,5	1,0	100,0	2.938	2.938	-	1,5	2,9	93,3
AM	1,5	1,5	-	2.250	2.250	-	3,4	3,4	-
AP	20,2	20,2	-	2.884	2.800	(2,9)	58,3	56,6	(2,9)
PA	549,6	566,1	3,0	2.785	3.040	9,2	1.530,6	1.720,9	12,4
TO	988,1	1.021,7	3,4	3.135	3.096	(1,2)	3.097,7	3.163,2	2,1
NORDESTE	3.263,5	3.307,9	1,4	3.631	3.244	(10,7)	11.850,7	10.729,3	(9,5)
MA	951,5	970,5	2,0	3.125	3.105	(0,6)	2.973,4	3.013,4	1,3
PI	710,5	724,7	2,0	3.573	3.357	(6,0)	2.538,6	2.432,8	(4,2)
AL	2,2	2,2	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	-
BA	1.599,3	1.610,5	0,7	3.960	3.277	(17,2)	6.333,2	5.277,6	(16,7)
CENTRO-OESTE	15.648,8	16.057,5	2,6	3.447	3.329	(3,4)	53.945,4	53.459,8	(0,9)
MT	9.518,6	9.689,9	1,8	3.394	3.320	(2,2)	32.306,1	32.170,5	(0,4)
MS	2.672,0	2.816,3	5,4	3.593	3.270	(9,0)	9.600,5	9.209,3	(4,1)
GO	3.386,7	3.478,1	2,7	3.480	3.400	(2,3)	11.785,7	11.825,5	0,3
DF	71,5	73,2	2,4	3.540	3.477	(1,8)	253,1	254,5	0,6
SUDESTE	2.470,1	2.539,3	2,8	3.625	3.573	(1,5)	8.955,0	9.072,0	1,3
MG	1.508,5	1.529,6	1,4	3.676	3.645	(0,8)	5.545,2	5.575,4	0,5
SP	961,6	1.009,7	5,0	3.546	3.463	(2,3)	3.409,8	3.496,6	2,5
SUL	11.835,1	11.906,9	0,6	3.264	3.414	4,6	38.626,7	40.645,9	5,2
PR	5.464,8	5.464,8	-	3.508	3.592	2,4	19.170,5	19.629,6	2,4
SC	678,2	664,6	(2,0)	3.400	3.500	2,9	2.305,9	2.326,1	0,9
RS	5.692,1	5.777,5	1,5	3.013	3.235	7,4	17.150,3	18.690,2	9,0
NORTE/NORDESTE	5.195,2	5.290,2	1,8	3.417	3.192	(6,6)	17.754,6	16.888,7	(4,9)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.503,7	1,8	3.389	3.382	(0,2)	101.527,1	103.177,7	1,6
BRASIL	35.149,2	35.793,9	1,8	3.394	3.354	(1,2)	119.281,7	120.066,4	0,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)								
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	Lim Inf (i)	Lim Sup (j)	(i/h)	(j/h)
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.931,8	1.948,3	2.007,1	0,9	3,9
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	38,2	38,2	-	-
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	333,6	343,6	-	3,0
AC	-	-	-	-	0,6	0,9	1,0	50,0	66,7
AM	-	-	-	-	1,5	2,3	2,5	53,3	66,7
AP	-	-	-	18,9	20,2	20,2	20,2	-	-
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	555,1	566,1	1,0	3,0
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	998,0	1.035,5	1,0	4,8
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.263,5	3.291,2	3.377,1	0,8	3,5
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	970,5	989,6	2,0	4,0
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	717,6	746,0	1,0	5,0
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.599,3	1.600,9	1.639,3	0,1	2,5
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.648,8	15.846,1	16.172,9	1,3	3,3
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	9.566,2	9.756,6	0,5	2,5
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	2.752,2	2.819,0	3,0	5,5
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3.454,4	3.522,2	2,0	4,0
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	73,3	75,1	2,5	5,0
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.470,1	2.504,4	2.553,9	1,4	3,4
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	1.523,6	1.553,8	1,0	3,0
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	980,8	1.000,1	2,0	4,0
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	11.856,3	12.063,2	0,2	1,9
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	5.492,1	5.519,4	0,5	1,0
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	672,1	680,9	(0,9)	0,4
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	5.692,1	5.862,9	-	3,0
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.195,3	5.239,5	5.384,2	0,9	3,6
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.954,0	30.206,8	30.790,0	0,8	2,8
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.149,3	35.446,3	36.174,2	0,8	2,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(h/g)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.056	(0,1)
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.282	4,4
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	(14,8)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.135	6,9
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.631	16,6
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.573	21,0
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.960	22,1
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.447	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	5,7
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.625	4,6
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.546	2,9
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.417	10,4
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.389	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.394	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



Tabela 35 – Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(h/g)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.903,6	6,6
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	30,6
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,9	17,7
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.097,7	9,6
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.850,7	22,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	23,9
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	23,6
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.955,0	9,9
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	10,6
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.754,3	17,0
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.527,1	2,7
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,4	4,6

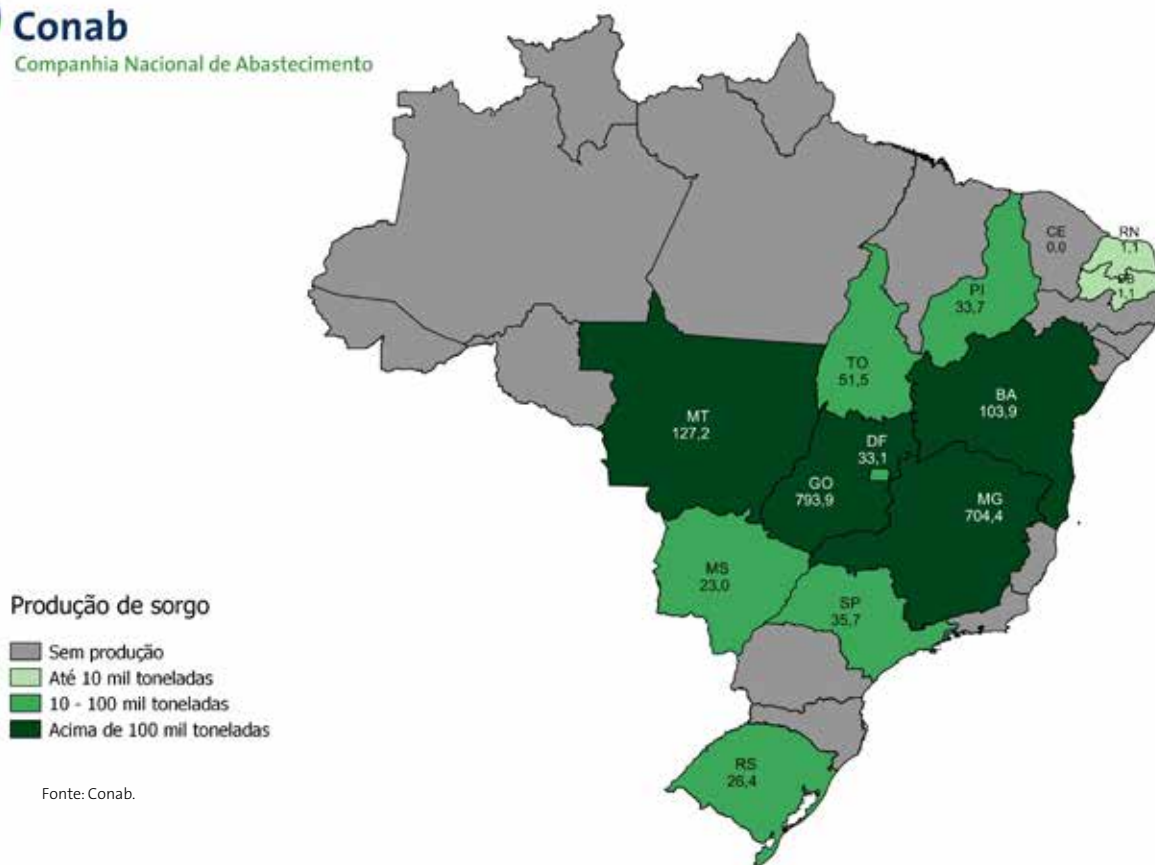
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.1.9. SORGO

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Produção de sorgo

- Sem produção
- Até 10 mil toneladas
- 10 - 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas

Fonte: Conab.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,7	32,7	-	1.651	1.575	(4,6)	53,9	51,5	(4,5)
TO	28,6	28,6	-	1.456	1.801	23,7	41,6	51,5	23,8
NORDESTE	224,7	227,9	1,4	1.812	613	(66,2)	407,1	139,8	(65,7)
PI	16,5	16,5	-	514	2.041	297,1	8,5	33,7	296,5
CE	-	-	-	-	1.767	-	-	-	-
RN	1,3	1,3	-	1.346	849	(36,9)	1,7	1,1	(35,3)
PB	1,2	1,2	-	1.700	918	(46,0)	2,0	1,1	(45,0)
BA	100,1	103,3	3,2	981	1.006	2,5	98,2	103,9	5,8
CENTRO-OESTE	295,1	295,1	-	3.022	3.311	9,6	891,6	977,2	9,6
MT	51,7	51,7	-	2.438	2.460	0,9	126,0	127,2	1,0
MS	7,0	7,0	-	3.500	3.285	(6,1)	24,5	23,0	(6,1)
GO	229,2	229,2	-	3.100	3.464	11,7	710,5	793,9	11,7
DF	7,2	7,2	-	4.250	4.594	8,1	30,6	33,1	8,2
SUDESTE	220,7	220,7	-	3.436	3.353	(2,4)	758,2	740,1	(2,4)
MG	210,4	210,4	-	3.483	3.348	(3,9)	732,8	704,4	(3,9)
SP	10,3	10,3	-	2.470	3.463	40,2	25,4	35,7	40,6
SUL	9,0	9,5	5,6	2.777	2.777	-	25,0	26,4	5,6
RS	9,0	9,5	5,0	2.777	2.777	-	25,0	26,4	5,6
NORTE/NORDESTE	257,4	260,6	1,2	1.792	734	(59,0)	461,0	191,3	(58,5)
CENTRO-SUL	524,8	525,3	0,1	3.192	3.319	4,0	1.674,8	1.743,7	4,1
BRASIL	782,2	785,9	0,5	2.731	2.462	(9,8)	2.135,8	1.935,0	(9,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.2. CULTURAS DE INVERNO

As culturas de inverno nessa safra de 2018 estão em fase final de colheita, restando apenas algumas regiões ao sul do país para finalizar toda a operação.

9.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, a colheita do cereal foi finalizada em outubro e apresentou um aumento de área cultivada em comparação a 2017, passando de 29 mil hectares para 30 mil hectares nessa safra. No entanto houve registros de intempéries climáticas, principalmente no final do desenvolvimento da cultura, que dificultaram a colheita de muitas lavouras, fazendo com que o grãos permanecesse no campo além do previsto, e acarretando em perdas de produtividade, uma vez que a média do estado ficou em aproximadamente 1.000 kg/ha (35,6% a menos do que a temporada passada).

No Paraná, a colheita está em fase final de conclusão e a estimativa é que sejam produzidas 179,5 mil toneladas do grão, com uma produtividade média de 2.313kg/ha em uma área de aproximadamente 77,6 mil hectares. Tais estimativas sinalizam um crescimento em relação

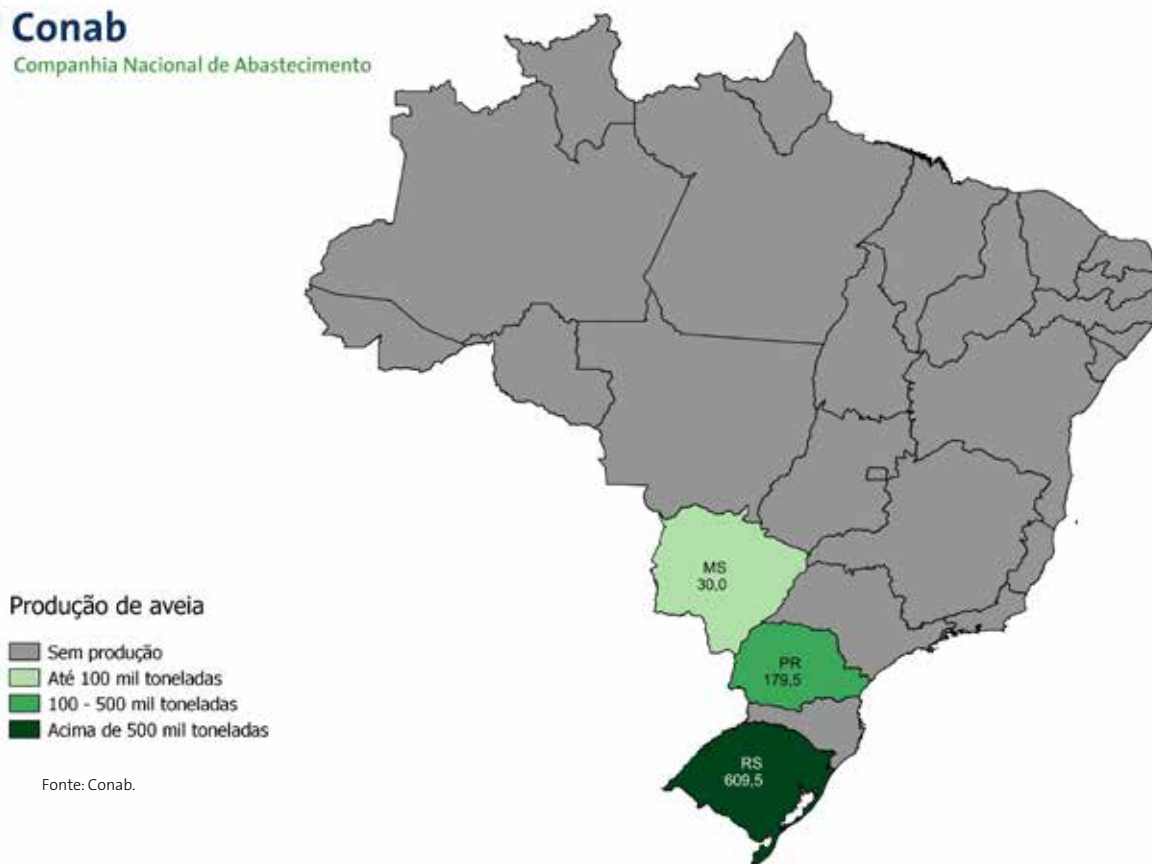
Estima-se que sejam produzidas 6,51,2 mil toneladas desses grãos em todo o Brasil. Isso representa um aumento de 27,9% em relação aos números obtidos em 2017.

à safra 2017, tanto em área cultivada (aumento de 23%), rendimento médio (12,4% maior), quanto em produção total (38,2% a mais).

No Rio Grande do Sul cerca de 94% de toda área prevista para a produção de aveia já foi colhida. A estimativa é que sejam cultivados 265,8 mil hectares, 7,1% a mais do que em 2017. A produtividade média esperada é de 2.293 kg/ha. Esse valor está bem abaixo do potencial produtivo da cultura, muito em razão da ocorrência de geadas tardias e chuvas no período de maturação, que provocaram alta incidência de doenças e acamamento nas lavouras. Além da perda em produtividade, a qualidade também foi afetada pelas intempéries. No entanto, mesmo diante desses fatores, esse rendimento médio é 24% superior do que a temporada passada, que foi considerada muito ruim.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 8 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.000	(35,6)	45,0	30,0	(33,3)
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.000	(35,5)	45,0	30,0	(33,3)
SUL	311,3	343,4	10,3	1.891	2.298	21,5	588,8	789,0	34,0
PR	63,1	77,6	23,0	2.058	2.313	12,4	129,9	179,5	38,2
RS	248,2	265,8	7,1	1.849	2.293	24,0	458,9	609,5	32,8
CENTRO-SUL	340,3	373,4	9,7	1.862	2.193	17,8	633,8	819,0	29,2
BRASIL	340,3	373,4	9,7	1.862	2.193	17,8	633,8	819,0	29,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.2.2. CANOLA

No Paraná, a produção da canola é bem concentrada, representada por poucas regiões ao longo do estado. Contudo, nessa safra, há uma perspectiva de redução significativa das áreas destinadas ao cultivo da cultura. A região de Jacarezinho, por exemplo, não apresentou área semeada nesse ciclo e, além dela, a região de Ponta Grossa também não cultivou a oleaginosa, por estar desestimulada com a produtividade da cultura, que não tem alcançado a expectativa dos produtores e, devido ao preço, que deixou de ser atrativo, em virtude da diminuição de consumo do óleo de canola no mercado e a consequente desvalorização do grão. Dessa forma, a estimativa para a área plantada no estado é de 700 hectares nessa safra, representando uma redução de 84,5% em comparação com 2017.

A produtividade média esperada é de 1.206 kg/ha, visto que esse valor corresponde a uma redução em

rendimento médio em relação ao ano anterior (decréscimo de 6,2%).

No Rio Grande do Sul, a canola já foi 100% colhida. Com a finalização da safra houve a confirmação de bons resultados de produtividade, principalmente em relação ao ano anterior. Nesta safra foram produzidos 1.398 kg/ha, 75% superior ao verificado na safra anterior. Apesar das condições ocorridas no final do inverno e início da primavera, a canola, por ser mais precoce, foi pouco afetada pelas intempéries na principal região produtora (Missões). As demais regiões foram bastante afetadas, mas por serem menos representativas, não interferiram significativamente na média estadual.

Quanto à área destinada ao cultivo da oleaginosa, houve redução de 19,6% em comparação com a temporada anterior, alcançando assim 34,8 mil hectares.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Canola

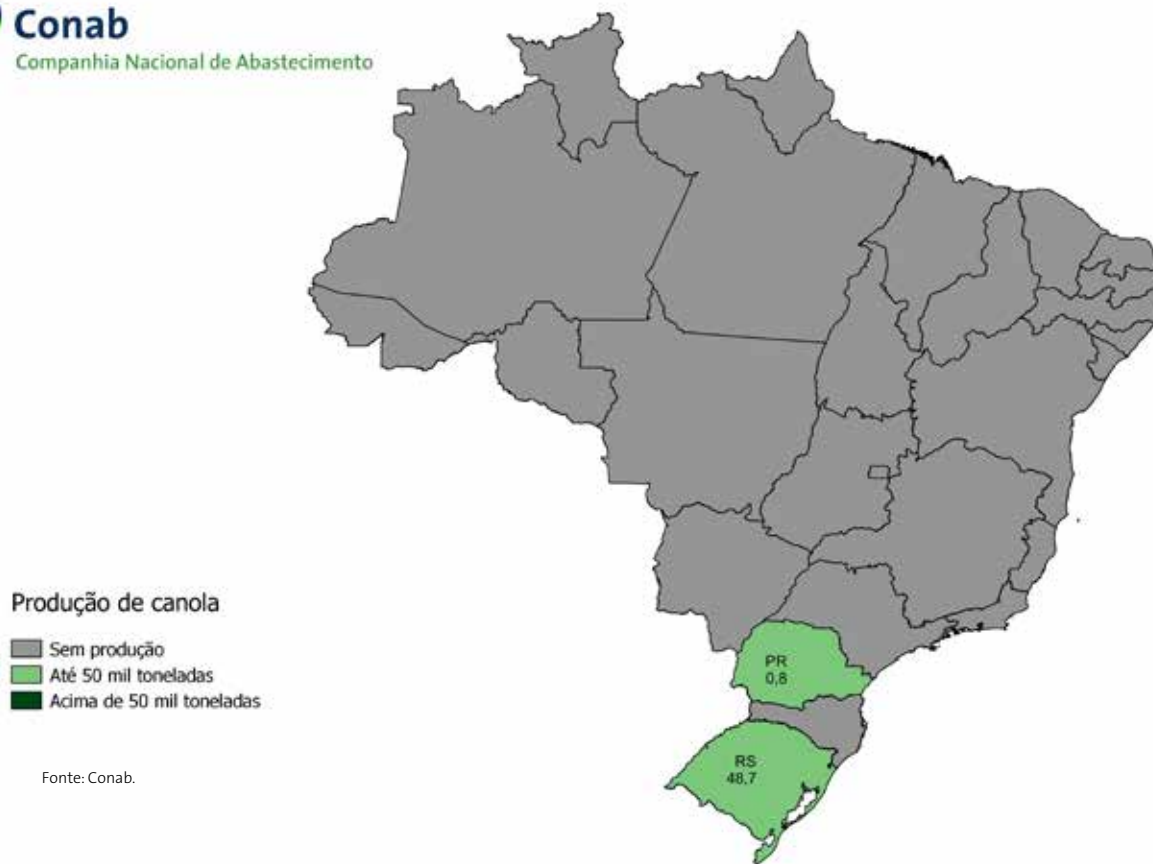


Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.394	64,4	40,8	49,5	21,3
PR	4,8	0,7	(84,5)	1.286	1.206	(6,2)	6,2	0,8	(87,1)
RS	43,3	34,8	(19,6)	799	1.398	75,0	34,6	48,7	40,8
CENTRO-SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.394	64,4	40,8	49,5	21,3
BRASIL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.394	64,4	40,8	49,5	21,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.2.3. CENTEIO

No Paraná, mesmo com pouca expressão econômica, a área plantada é de 2,1 mil hectares, o que significa 1,0% de aumento em relação à safra anterior. Essa estabilidade de área plantada se deve principalmente ao incentivo que as cooperativas, que utilizam o produto para fabricação de farinha, dão aos cooperados com o pagamento de bonificação.

Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores

optam pelo plantio por conta das vantagens da sua palhada farta e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes.

O rendimento médio esperado é de 2.109 kg/ha, 25,7% superior à safra anterior, haja vista em 2017 o ciclo foi bastante comprometido em razão da ocorrência de geadas.

Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Centeio

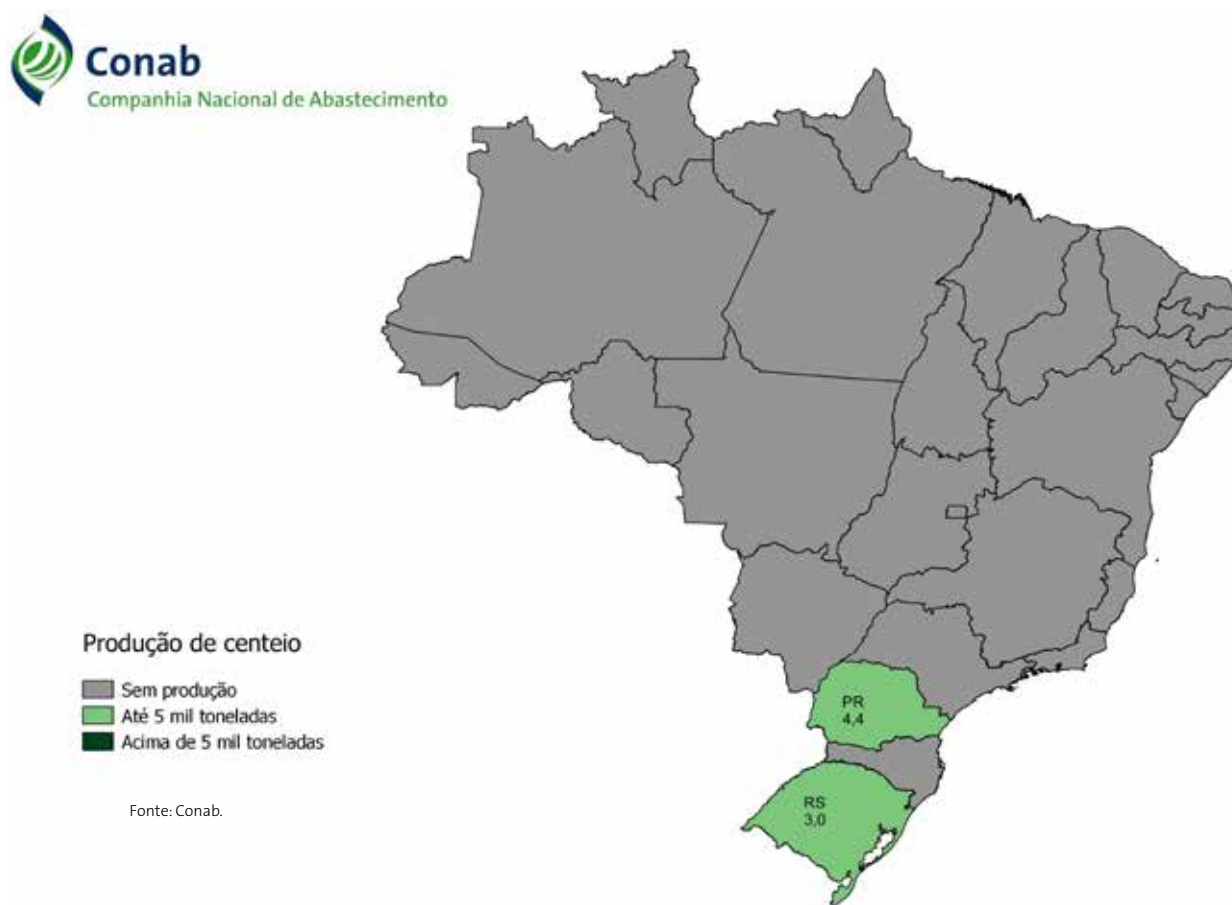


Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	1.722	2.056	19,4	6,2	7,4	19,4
PR	2,1	2,1	1,0	1.678	2.109	25,7	3,5	4,4	25,7
RS	1,5	1,5	-	1.826	2.000	9,5	2,7	3,0	11,1
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	1.722	2.056	19,4	6,2	7,4	19,4
BRASIL	3,6	3,6	-	1.722	2.056	19,4	6,2	7,4	19,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.



9.2.4. CEVADA

No Paraná, a estimativa de área plantada é de 55,7 mil hectares, o que representa um incremento de 10,9% em comparação com a safra anterior. As maltarias, instaladas no Paraná, fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja qualidade para malte. Além disso, a produtividade também é um parâmetro importante, e a expectativa para esse ciclo também é de crescimento (cerca de 17,8% a mais) em relação a 2017, chegando a 3.890 kg/ha.

Em Santa Catarina, a colheita está sendo finalizada, com expectativa de que a produção apresente incremento de 10% em comparação com a safra passada, devendo alcançar 2,2 mil toneladas.

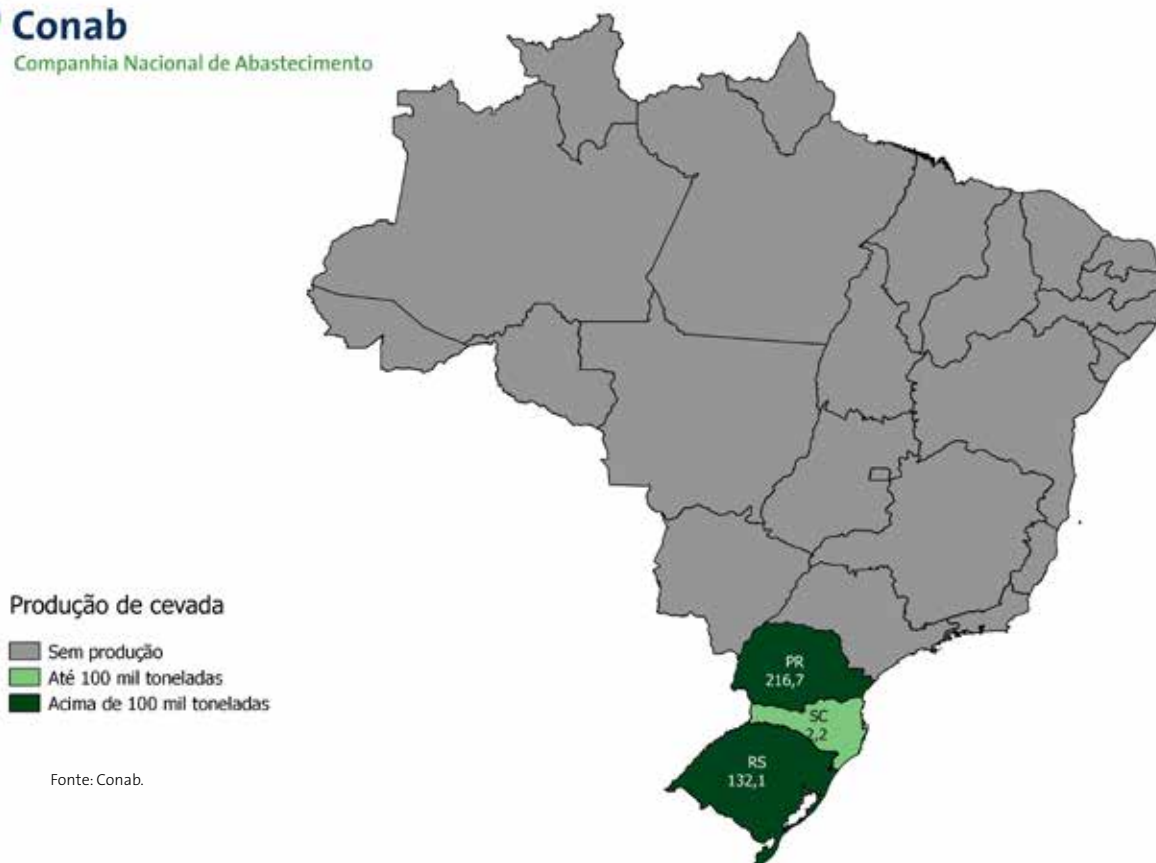
O destaque nesse ciclo está por conta da produtividade média que foi estimada em 3.700 kg/ha, sendo 117,6% maior que aquela obtida no ano anterior. Tal

incremento substancial acabou minimizando os impactos da diminuição de área plantada, que nessa safra passou para 600 hectares (ante os 1,2 mil hectares cultivados em 2017).

No Rio Grande do Sul, a colheita está encerrada, confirmando a produtividade média abaixo do potencial esperado, porém acima do valor obtido na safra passada (18,4% maior). A ocorrência de geadas na floração e chuvas em excesso na fase de maturação e colheita fez que o potencial produtivo fosse reduzido, fechando com um rendimento médio de 2.375 kg/ha. Além disso, a grande maioria do produto não atingiu a qualidade mínima para a indústria cervejeira, sendo assim destinada ao consumo animal.

A área destinada à cultura foi de 55,6 mil hectares (cerca de 2,5% menor do que em 2017) e a produção está em 132,1 mil toneladas.

Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.136	20,5	282,1	350,9	24,4
PR	50,2	55,7	10,9	3.301	3.890	17,8	165,7	216,7	30,8
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.700	117,6	2,0	2,2	10,0
RS	57,0	55,6	(2,5)	2.006	2.375	18,4	114,3	132,1	15,5
CENTRO-SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.136	20,5	282,1	350,9	24,4
BRASIL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.136	20,5	282,1	350,9	24,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.2.5. TRIGO

No Distrito Federal, a área semeada na safra atual foi de 2,3 mil hectares (um acréscimo de 155% em comparação com 2017). Desse total, uma porção maior (cerca de 60% da área) corresponde ao cultivo em condições de sequeiro e o restante em um sistema irrigado.

Vale ressaltar que o cultivo de trigo de sequeiro é de alto risco, em especial com a ocorrência de doenças como a brusone, além do potencial de rendimento estar associado à disponibilidade e distribuição hídrica durante o ciclo de desenvolvimento da cultura. Já o trigo cultivado em áreas irrigadas utiliza alta tecnologia, alcançando uma produtividade bem superior ao cultivado em áreas de sequeiro, no entanto, observa-se elevado interesse dos produtores no plantio da gramínea como segunda safra, (não irrigadas) por ter seu custo de cultivo reduzido e deixar uma palhada abundante para proteção do solo.

A produtividade do trigo de sequeiro é estimada em 2.400 kg/ha, enquanto que a do trigo irrigado é de 6.600 kg/ha, configurando, portanto, uma produtividade média de 4.105 kg/ha. Tal rendimento médio representa uma diminuição de 31,6% em relação à safra passada e está atrelada ao aumento de área em sequeiro.

O cenário está favorável para o crescimento da cultura na região, principalmente em razão da introdução de novas variedades menos susceptíveis a doenças e mais tolerantes à deficiência hídrica, além do reaproveitamento da adubação deixada pela cultura anterior. Com isso, a expectativa de produção é na ordem de 9,4 mil toneladas, simbolizando um crescimento de 74,1% em comparação à temporada anterior.

Em Minas Gerais, a área destinada à triticultura sofreu uma ligeira redução (1,1%) em relação à safra anterior, alcançando, dessa forma, 83,7 mil hectares na safra atual. No que se refere à produtividade média, a estimativa também é de decréscimo na ordem de

7% quando comparada ao mesmo período, projetando-se, aproximadamente, 2.475 kg/ha. O sistema de cultivo em sequeiro impulsionou essa diminuição do rendimento médio em razão da estiagem que as regiões produtoras enfrentaram durante o ciclo da cultura. A colheita está finalizada.

Em São Paulo, a área destinada à triticultura nessa safra foi 15,2% menor que na temporada passada. Além da estiagem, que ocasionou atraso no plantio, o alto custo da lavoura de trigo desestimulou os produtores nessa safra. Os produtores tradicionais de trigo efetuaram o plantio, com vistas à cobertura do solo.

A colheita está concluída e o rendimento médio é cerca de 19% inferior àquele constatado na safra anterior, alcançando assim 2.699 kg/ha.

Em outubro, quando se intensificou o processo de colheita, o cereal passou pelas chuvas diárias que ocorrem no estado. Como consequência, o trigo que entrou nesse período vem apresentando tipo inferior, perdendo qualidade.

No Paraná, a triticultura tem extrema importância, sendo o maior estado produtor do cereal, além de deter a maior área cultivada com o produto. Para essa safra, portanto, houve um aumento de 14,2% na área destinada ao plantio da gramínea em relação ao ano anterior, chegando a 1.098 mil hectares. Esse ganho está bastante atrelado à substituição de áreas antes semeadas com milho segunda safra (a estiagem inviabilizou a semeadura do milho no período ideal) e aos preços atrativos do trigo no momento do plantio.

A produtividade média é de 2.624 kg/ha, ou seja, 13,7% superior à safra passada, que foi muito prejudicada pelas geadas e também por estiagem. Porém devido às persistentes chuvas ocorridas em outubro, parte do produto já colhido apresenta problemas de qua-



lidade, como baixo pH (triguilho) e baixo falling number (índice de queda). Ainda assim a produção final apresenta crescimento de 29,8% em comparação com 2017, alcançando 2.881,2 mil toneladas.

Em Santa Catarina, após as chuvas ocorridas em outubro, as condições das lavouras sofreram um decréscimo considerável, haja vista o longo período de precipitação e sombreamento. Incidência de algumas doenças se somaram aos prejuízos causados pelas instabilidades climáticas e depreciaram as lavouras em seus diversos estádios de desenvolvimento, atacando a parte vegetativa e reprodutiva. Ainda assim, mesmo não alcançando todo o potencial esperado, o rendimento médio para a cultura está na ordem de 2.696 kg/ha, o que simboliza um pequeno incremento de 2,5% em relação aos valores obtidos na temporada anterior.

Quanto à área destinada ao cultivo do cereal 58,1 mil hectares foram utilizados, representando um aumento de 7,8% também em comparação ao ciclo passado.

Com aproximadamente 75% das lavouras colhidas, 50% dos grãos colhidos até o momento é considerado de qualidade regular, 45% bom e 5% classificado como ruim. A variação da qualidade é dependente da fase de desenvolvimento em que se encontravam as lavouras quando das fortes chuvas. Aquelas que se encontravam em granação tiveram menos impacto direto das chuvas na qualidade do grão, mas sofreram mais com o aumento da pressão de doenças foliares. Aquelas em maturação apresentaram maiores perdas em qualidade do produto, resultado do desenvolvimento de doenças da parte reprodutiva, como a giberela. Ainda, o aumento da umidade fez com que muitos grãos, já prontos para a colheita, iniciassem o processo germinativo, reduzindo sua qualidade, principalmente seu PH, que vem variando desde 70 até 82, mas deve ficar abaixo do padrão (78), servindo para mesclar lotes com qualidade

superior a fim de ser aproveitado para a indústria.

A colheita deve ser finalizada em meados de dezembro, com a conclusão das operações nas lavouras localizadas na região serrana do estado, que são consideradas de plantio mais tardio.

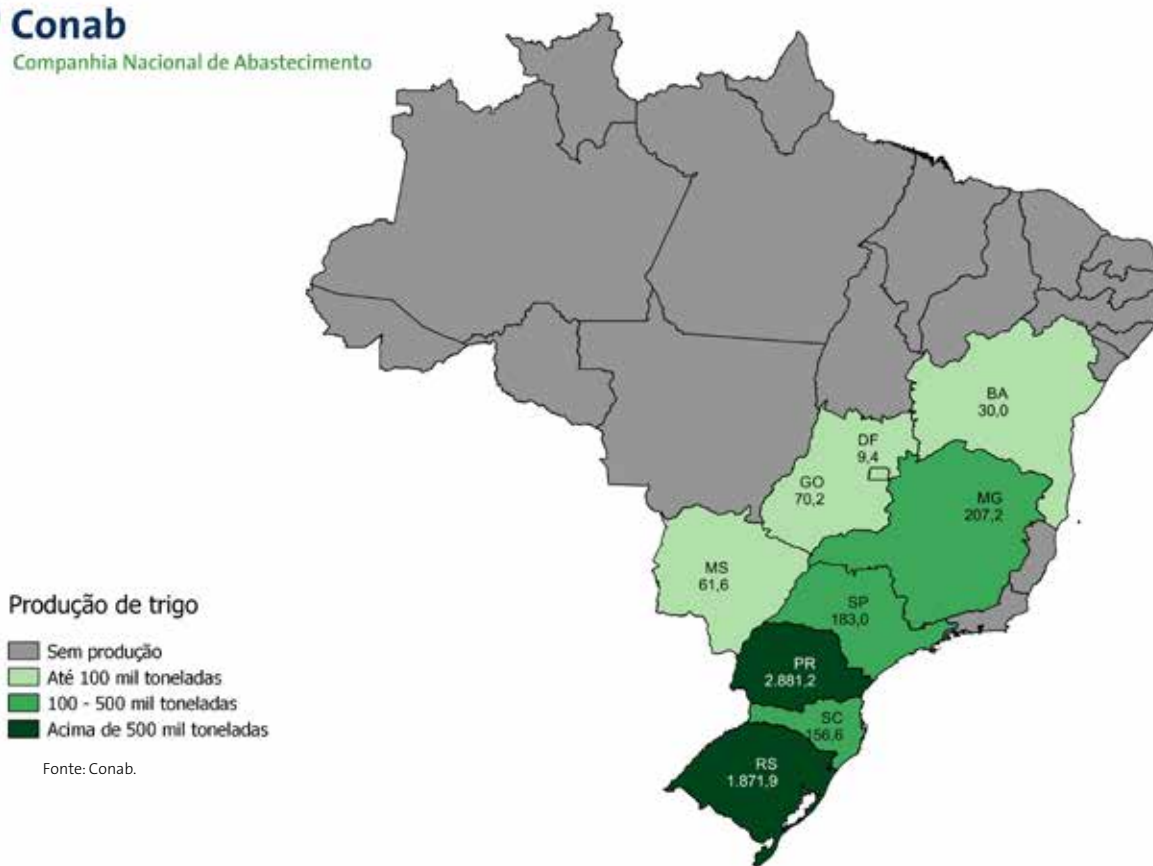
No Rio Grande do Sul, o trigo está praticamente todo colhido, com mais de 95% das áreas finalizadas e o restante em pleno final da fase de maturação. Os últimos dias com baixa incidência de precipitação permitiram uma grande evolução das operações de colheita. A expectativa é que a área total no estado fique em 681,7 mil hectares.

A ocorrência de geadas em final de agosto, quando boa parte das lavouras encontrava-se em floração e excesso de precipitação em setembro e outubro, no período de maturação do trigo, fizeram com que houvesse uma significativa redução do potencial produtivo da cultura, que até então mantinha-se acima dos 3.000 kg/ha. Com isso, a evolução da colheita confirmou a perda de potencial produtivo e qualitativo, ficando a produtividade em 2.746 kg/ha e a qualidade dos grãos com ampla variação. Embora haja um pessimismo com relação a esta safra, ela ainda apresentou produtividade de 50,4% superior à safra anterior.

Embora o peso do hectolitro (PH) tenha variado de 70 a 82, a maior parte da produção ficou na faixa de 74 a 78. Por outro lado, outras características utilizadas na definição da qualidade para panificação, como número de queda e força de glúten, não foram tão afetados pelas intempéries, mantendo o produto relativamente aceitável para a indústria. Na região que ainda falta colher o trigo, Campos de Cima da Serra, a produtividade e qualidade deve ser levemente superior à média do estado.



Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 9 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	43,3	35,7	3.229	3.261	1,0	103,0	141,2	37,1
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.200	12,8	39,0	61,6	57,9
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.400	1,3	58,6	70,2	19,8
DF	0,9	2,3	155,0	6.000	4.105	(31,6)	5,4	9,4	74,1
SUDESTE	164,5	151,5	(7,9)	2.996	2.576	(14,0)	491,5	390,2	(20,6)
MG	84,6	83,7	(1,1)	2.662	2.475	(7,0)	225,2	207,2	(8,0)
SP	79,9	67,8	(15,2)	3.333	2.699	(19,0)	266,3	183,0	(31,3)
SUL	1.714,6	1.837,8	7,2	2.122	2.672	25,9	3.637,6	4.909,7	35,0
PR	961,5	1.098,0	14,2	2.308	2.624	13,7	2.219,1	2.881,2	29,8
SC	53,9	58,1	7,8	2.630	2.696	2,5	141,8	156,6	10,4
RS	699,2	681,7	(2,5)	1.826	2.746	50,4	1.276,7	1.871,9	46,6
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.032,6	6,4	2.215	2.677	20,9	4.232,1	5.441,1	28,6
BRASIL	1.916,0	2.037,6	6,3	2.225	2.685	20,7	4.262,1	5.471,1	28,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.

9.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a cultura já foi toda colhida, apresentando diminuição na área de cultivo (32%), na produção (36,5%) e na produtividade (7,2%), quando comparadas aos valores obtidos na safra 2017. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratamentos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área onde é realizado o plantio.

No Paraná, a colheita do cereal já atinge 22% da área plantada e não apresentou, até o momento, redução na produtividade, que é de 2.806 kg/ha, ou seja, 23,2% superior à da safra anterior.

As lavouras seguem com condições entre regulares e boas.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Triticale

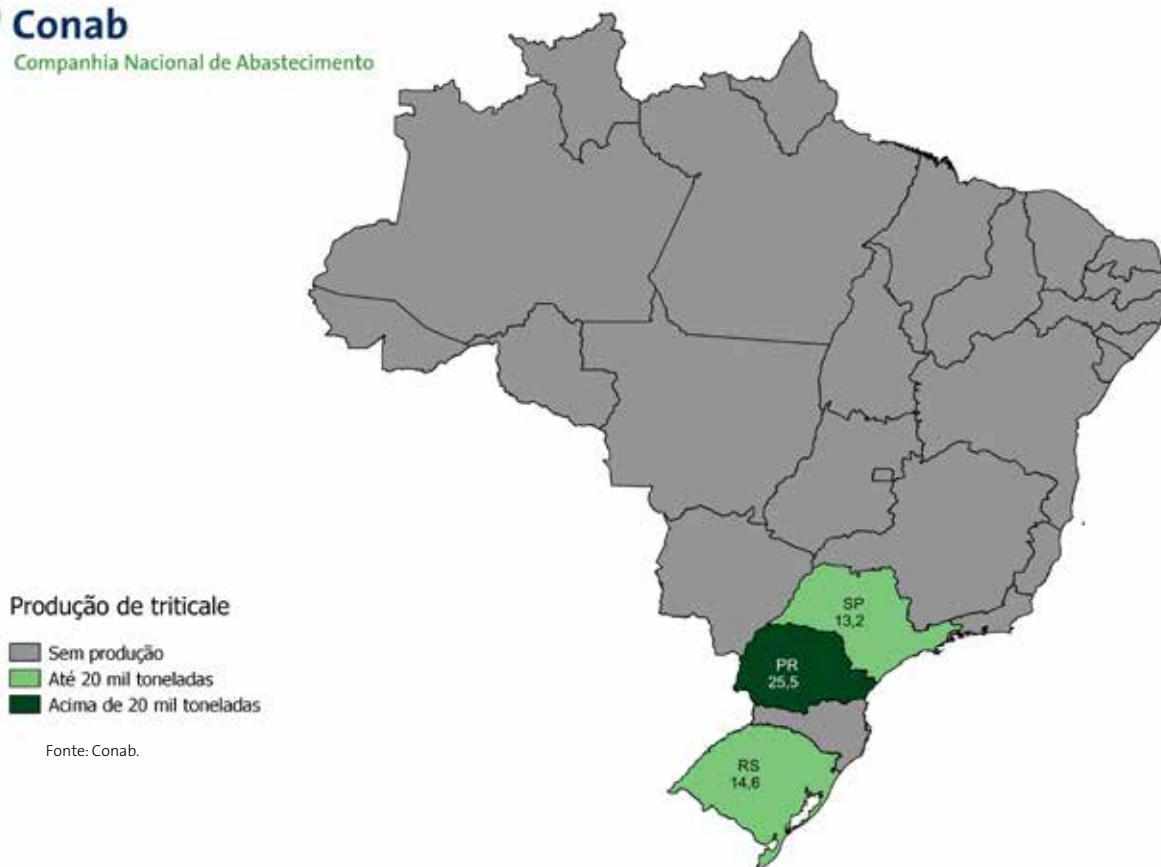


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	5,1	(32,0)	2.773	2.588	(6,7)	20,8	13,2	(36,5)
SP	7,5	5,1	(32,0)	2.779	2.580	(7,2)	20,8	13,2	(36,5)
SUL	15,5	14,8	(4,5)	2.110	2.709	28,4	32,7	40,1	22,6
PR	9,8	9,1	(7,3)	2.277	2.806	23,2	22,3	25,5	14,3
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.565	40,5	10,4	14,6	40,4
CENTRO-SUL	23,0	19,9	(13,5)	2.326	2.678	15,1	53,5	53,3	(0,4)
BRASIL	23,0	19,9	(13,5)	2.326	2.678	15,1	53,5	53,3	(0,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2018.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2018/19, atinge o total de R\$ 212,65 bilhões. Esse número é 20,8% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 176,02 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta da produção e no valor médio do milho e algodão com crescimento na produção e nos preços praticados, e, por fim, a cultura da soja, que apresenta manutenção na produção e valorização do produto.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

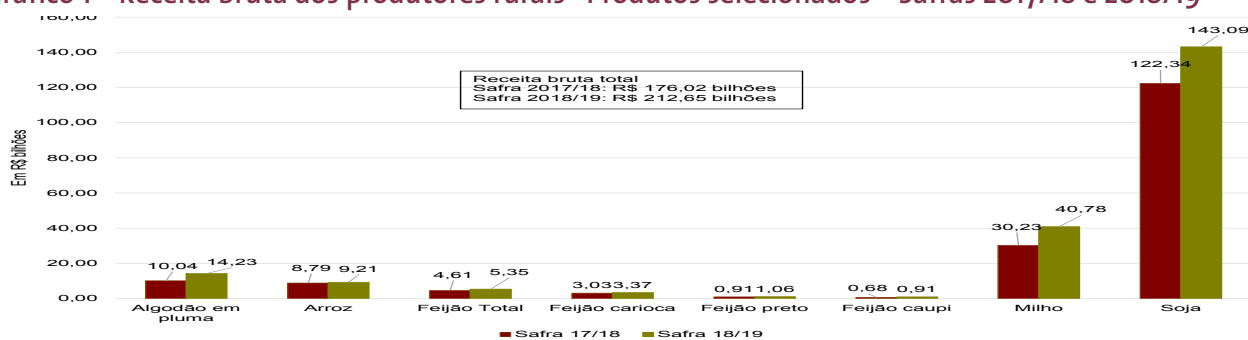
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões			
	Safra 17/18	Safra 18/19	Variação	Unid.	09/2017	09/2018	Variação	09/2017	09/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	2,01	2,20	9,8%	15	76,12	98,74	29,7%	10,18	14,50	42,4%
Arroz	12,06	11,45	-5,1%	60	45,63	51,96	13,9%	9,17	9,92	8,1%
Feijão Total	3,12	3,17	1,7%	60	109,82	86,77	-21,0%	5,70	4,59	-19,6%
Feijão carioca	1,84	1,88	2,1%	60	113,10	86,98	-23,1%	3,47	2,72	-21,5%
Feijão preto	0,49	0,50	2,8%	60	112,76	122,74	8,9%	0,92	1,03	11,9%
Feijão caupi	0,79	0,79	0,3%	60	100,32	63,33	-36,9%	1,32	0,83	-36,7%
Milho	80,79	90,41	11,9%	60	19,28	30,78	59,6%	25,97	46,39	78,6%
Soja	119,28	118,24	-0,9%	60	57,95	77,55	33,8%	115,21	152,83	32,6%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	166,23	228,21	37,3%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em outubro/2018 e preços de setembro de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em junho/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

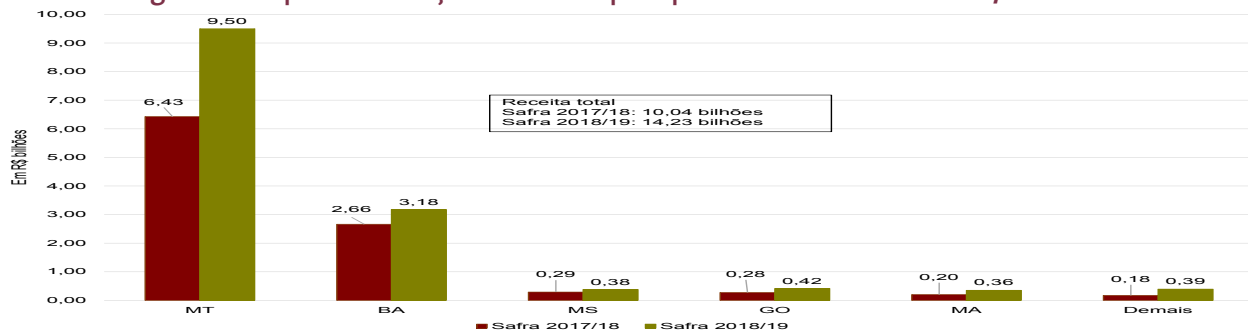
Nota: Safras 2017/18 e 2018/19- a preços de setembro/2017 e setembro/2018. Produtos: algodão em pluma, arroz, feijão, milho e soja

10.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 18% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 20,1%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que apresenta

um valor de R\$ 14,23 bilhões para a safra em questão, um aumento de 41,7% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

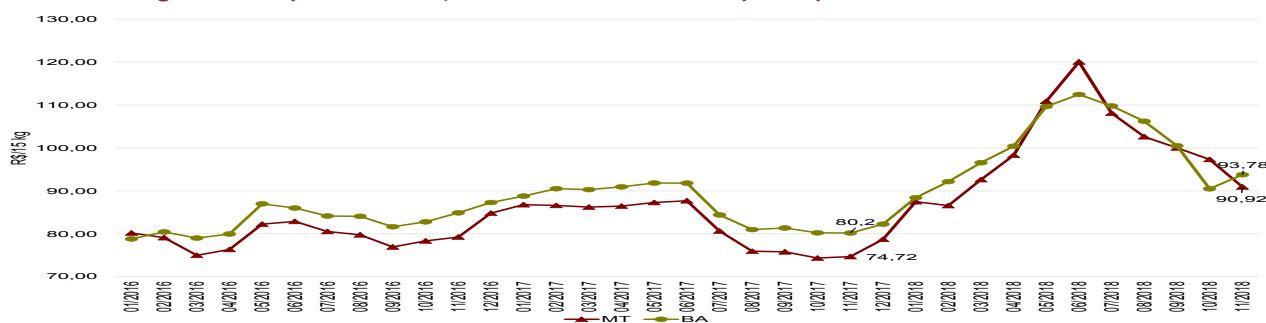
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Setembro/2017 a Setembro/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção do algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi

de R\$ 9,5 bilhões e para a Bahia o valor foi de R\$ 3,18 bilhões, aumentos de 47,9% e 19,3%, respectivamente.

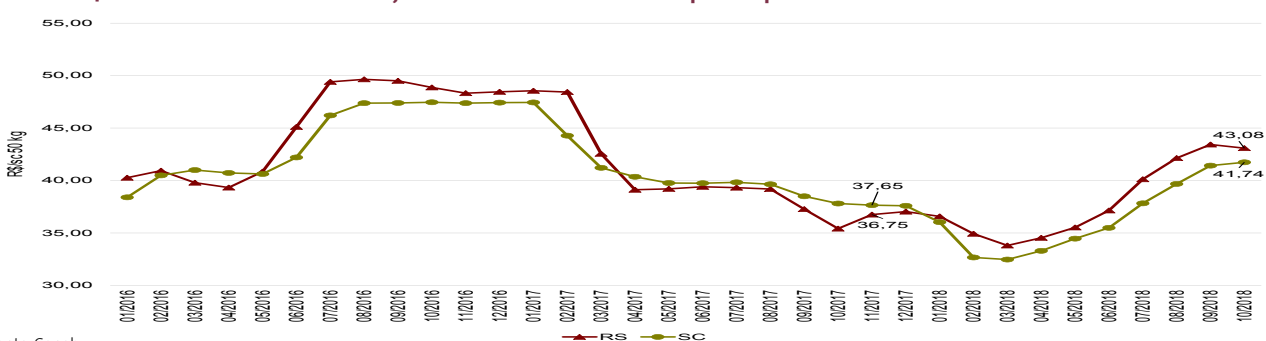
10.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. A Unidade da Federação com maior produção, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 6,9%

e para Santa Catarina, 4,5%.

Além disso, quando comparados os preços recebidos pelos produtores de arroz de novembro de 2017 a novembro de 2018, verifica-se aumento no valor médio nacional.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

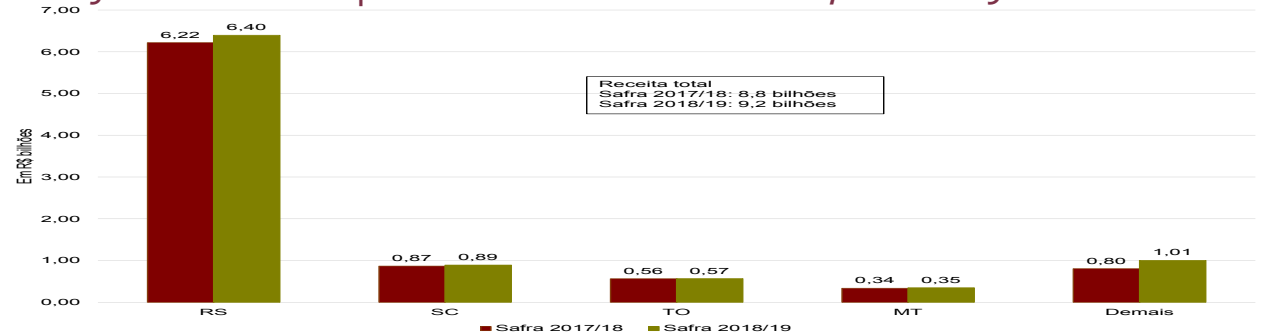


Fonte: Conab.

A queda na quantidade produzida pelo Brasil, com magnitude de 6,6% não foi suficiente para um decréscimo na estimativa da receita bruta. O responsá-

vel pelo aumento da estimativa do valor bruto da produção dos agricultores rurais foi o aumento no preço médio praticado no país, que foi de 12,1%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

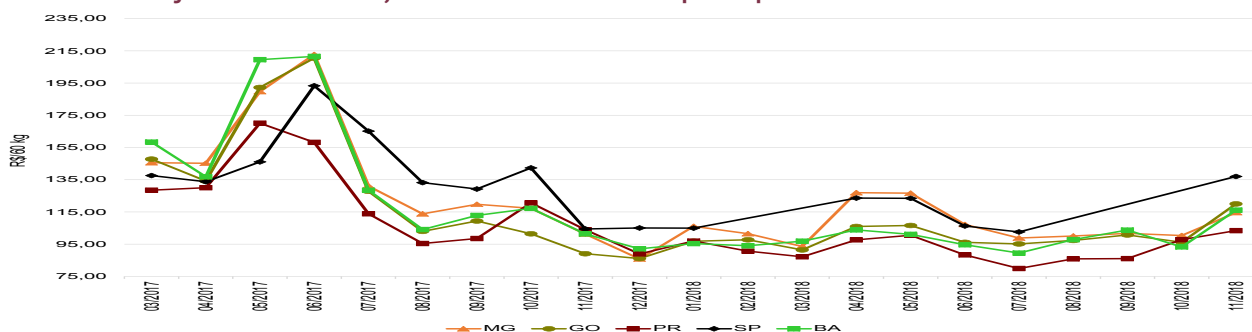


10.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção da Região Centro-Sul e acréscimo na Região

Norte-Nordeste, na safra em análise, até mesmo para São Paulo, com queda de 29,2%. No âmbito dos preços recebidos pelos produtores há elevação nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de novembro de 2017 e novembro de 2018.

Gráfico 6 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

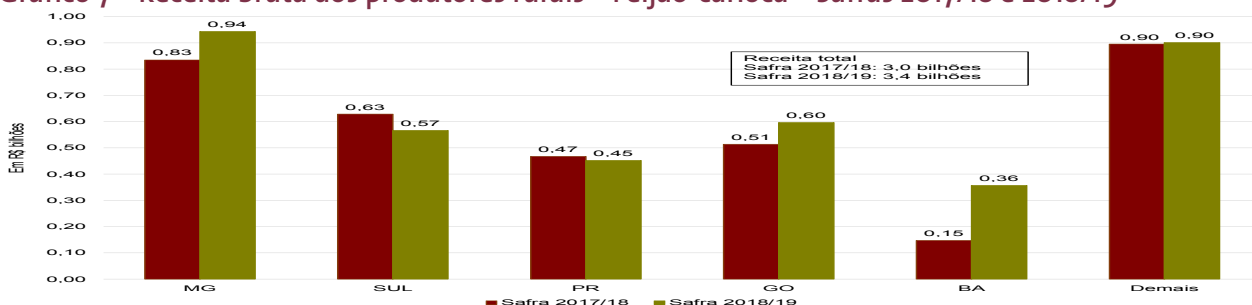


Fonte: Conab.

A elevação nos preços acarretou no incremento na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de R\$ 3,4 bilhões para 2018/19,

11,5% maior do que o observado na safra anterior, de R\$ 3 bilhões em 2017/18.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-carioca – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

10.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

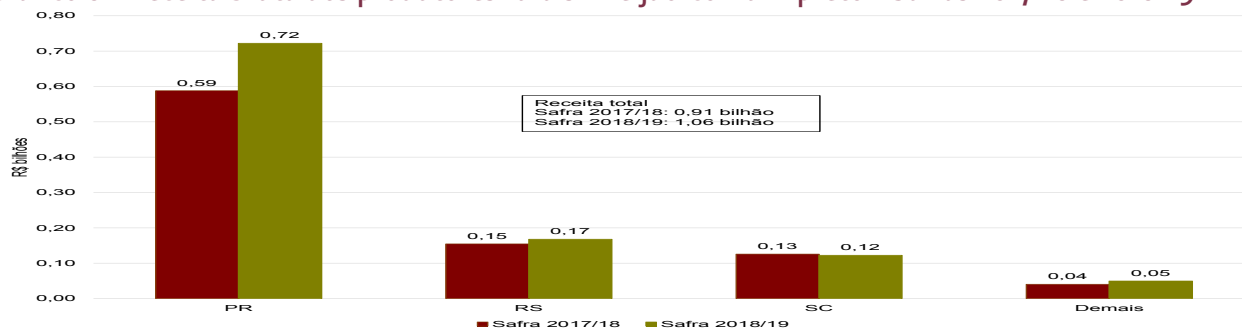
A cultura de feijão-comum preto é fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta incremento na produção e aumento de 14,1% nos preços recebidos pelos produtores. Já para Santa Catarina, observa-se um cenário no qual a produção apresenta queda em relação ao ano imediatamente anterior e decréscimo nos preços médios praticados e Rio Grande do Sul, no

qual se observa diminuição na produção – 3,1% e aumento médio no preço de 12,2%.

A partir desse cenário nacional de aumento nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2018/19, foi de 1,06 bilhão, esse valor é esse 16,9% maior que o observado na safra 2017/18, de 0,91 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum-preto – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

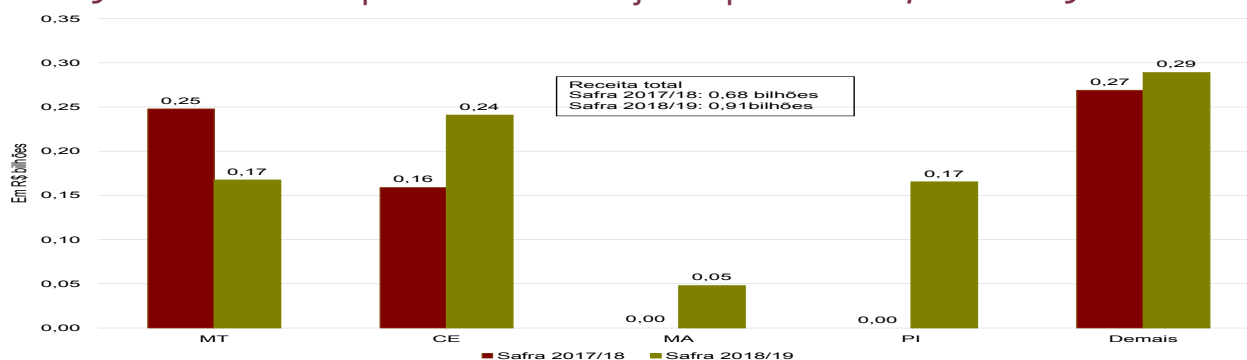
10.5. FEIJÃO-CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste. Para as regiões supracitadas observa-se as seguintes situações: no Nordeste a produção experimenta decréscimo de 16,5% e a Região Centro-

-Oeste, queda de 3,7%.

Para o Mato Grosso, maior produtor dessa variedade, a queda no preço é de 35,8%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão caupi – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

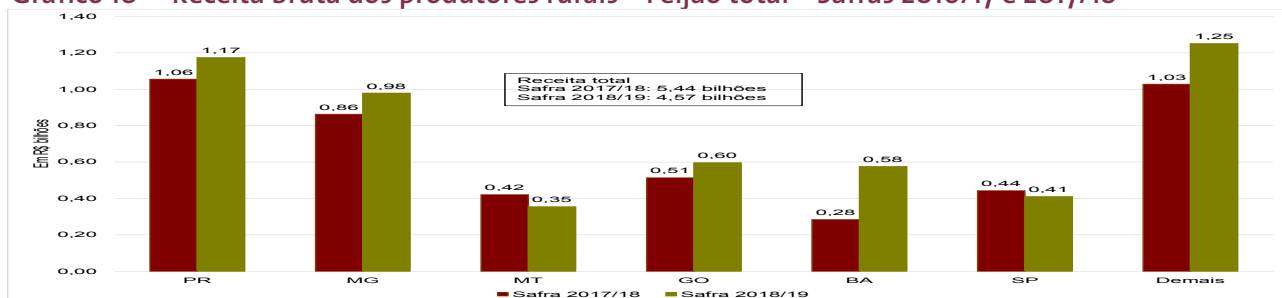
10.6. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

A estimativa nesse levantamento, para a safra 2018/19, revela um valor de R\$ 0,91 bilhão. Já para a safra 2017/18 o valor é de R\$ 0,68 bilhão, ou seja, um incremento de 34,8%.

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-se a receita bruta total de feijão de R\$ 5,35 bilhões na temporada 2017/18 e R\$ 4,61 bilhões em 2018/19, incremento de 16%.



Gráfico 10 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

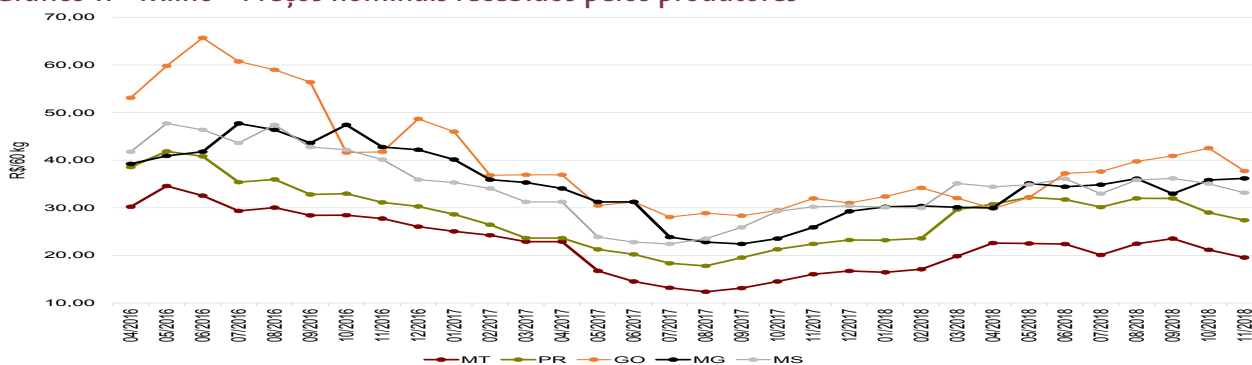
Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

10.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação nos estados apresentados na figura abaixo, ao compararmos novembro de 2017 e setembro de 2018. Isso posto, na comparação de novembro de 2018 e novembro de 2017, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 19,6%.

Gráfico 11 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

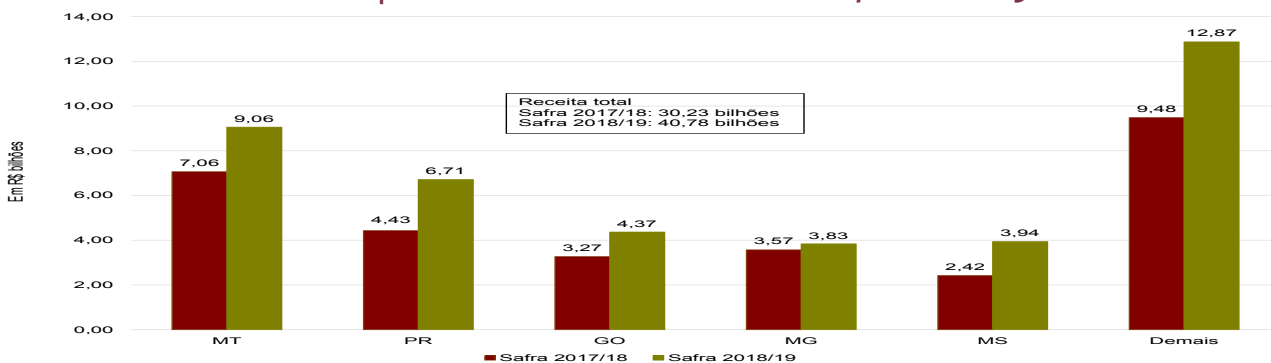


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional também apresentou crescimento, até mesmo nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para o

milho foi de R\$ 40,78 bilhões para a safra 2018/19, já para a safra de 2017/18, observa-se a estimativa de R\$ 30,23 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 34,9%.

Gráfico 12 – Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018



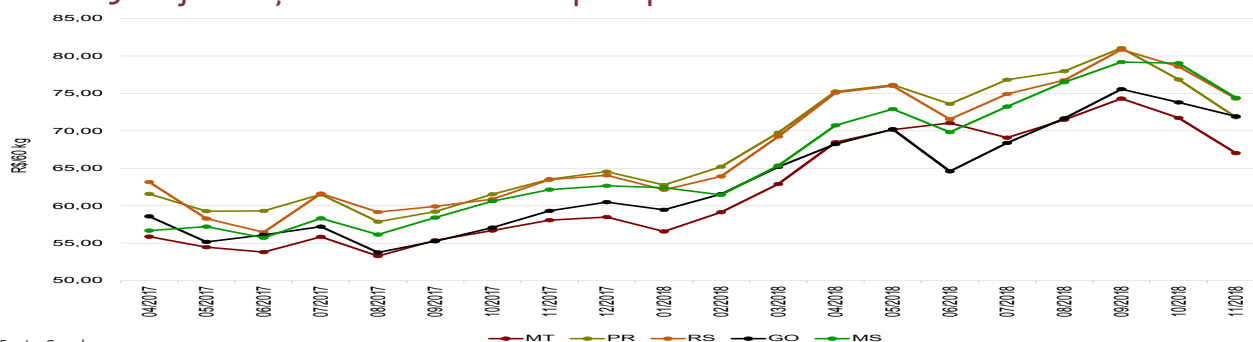
10.8. SOJA

A produção da safra 2017/18 foi calculada em 119,3 milhões de toneladas, para a safra 2018/19, a estimativa inicial para a produção é de 120 milhões de toneladas, uma elevação de 0,7%. No Paraná, a estimativa é de aumento de 2,4%, no Rio Grande do Sul, a estimativa é de incremento de 9%. Por fim, o maior estado produtor – Mato Grosso – apresenta estima-

tiva de decréscimo de 0,4%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentaram aumento em todos 16 estados produtores, com incremento médio de 16,2% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 13 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



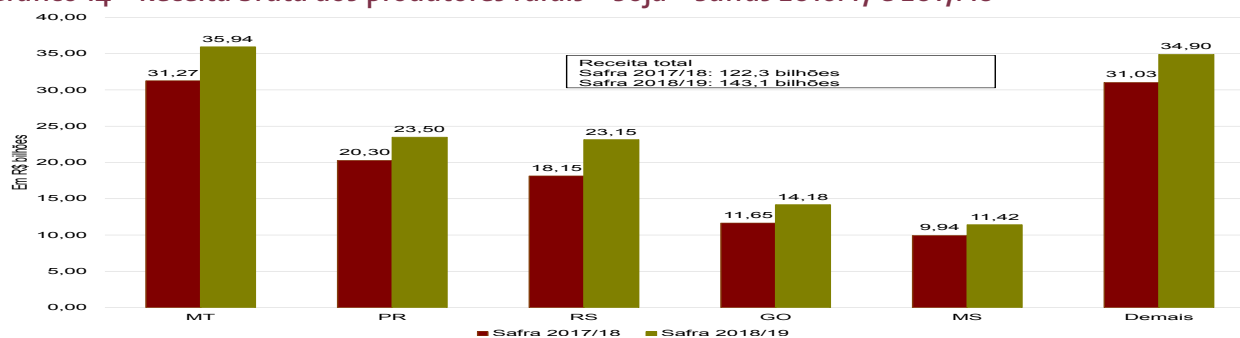
Fonte: Conab.

O movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja, na safra 2018/19. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de R\$ 35,94 bilhões para a temporada 2018/19. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em R\$ 31,27 bilhões, com acréscimo relativo de 15%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento percentual na receita bruta estimada para a soja

foi o Pará, com 33,2% de aumento, resultado de 12,4% de aumento na produção e 18,5% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos, esse fato demonstra a expansão da cultura de soja no estado, com mais uma fronteira agrícola sendo aberta.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2018/19 foi de R\$ 143,1 bilhões, frente à estimativa de R\$ 122,3 bilhões da safra anterior, um aumento de 17%.

Gráfico 14 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA MUDIAL

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de outubro, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,9 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,5 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 1,52% na produção. As primeiras estimativas eram de que a produção novamente crescería e ficaria acima do consumo, porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos por Estados Unidos, China e Índia, hoje o mercado trabalha com um déficit para próxima safra.

Também de acordo com o Usda, para a safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Já para a safra 2018/19, como já foi dito, o cenário deve ser inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 5,1% maior que a produção.

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam a safra 2018/19 as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de setembro, o déficit projetado hoje para a próxima safra é próximo de 1,3 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se

manutenção de produção na China e queda na Índia e nos Estados Unidos. Já quanto aos principais consumidores, projeta-se aumentos no consumo chinês, indiano e paquistanês. Diante de um cenário global de

déficit, o produtor brasileiro pôde diminuir suas preocupações diante da boa safra que está sendo colhida. E também poderá continuar otimista para ainda aumentar a área para a safra 2018/19.

11.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o terceiro levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão estimada para a safra 2018/19 é de 2.363,8 mil toneladas de pluma, isso acarretará uma variação de 18% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 2.005,8 mil toneladas. A produtividade estimada ainda é baseada em cálculo estático e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, mas o aumento de área esperado é de 23% no próximo plantio. Em se confirmando esses números, será mais um recorde de produção no mercado algodoeiro.

O aumento de área já era esperado pelo mercado. O cenário do algodão no mundo é otimista, com o consumo devendo superar a produção mais uma vez. Além disso, para o Brasil, tem-se que a disputa comercial entre Estados Unidos e China, justamente num período no qual o país asiático prevê aumento no seu consumo de pluma, deverá abrir caminho para o produto brasileiro. A demanda externa é fundamental para a sustentação do setor algodoeiro do Brasil, visto que a retomada do crescimento econômico interno continua lento e mostra-se incapaz de absorver parte do aumento da produção.

Tabela 1 – Suprimento de algodão em pluma

DISCRIMINAÇÃO	2015	2016	2017	2018	2019 (1)
O F E R T A	2.003,3	1.665,2	1.764,3	2.266,0	2.823,3
Estoque Inicial	438,4	349,0	201,2	245,2	566,0
Produção	1.562,8	1.289,2	1.529,50	2.005,80	2.247,25
- Centro/Sul	1.061,6	996,9	1.129,3	1.447,7	1.661,1
- Norte/Nordeste	501,2	292,3	400,2	558,1	586,2
Importações	2,1	27,0	33,6	15,0	10,0
D E M A N D A	1.654,3	1.464,0	1.519,1	1.700,0	2.080,0
Consumo Interno	820,0	660,0	685,0	700,0	750,0
Exportações	834,3	804,0	834,1	1.000,0	1.330,0
Estoque Final	349,0	201,2	245,2	566,0	743,3
Meses de Uso	2,5	1,6	1,9	4,0	4,3

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.

11.2. ARROZ

Em outubro, o Brasil exportou 152,8 mil toneladas de arroz base casca e importou 122,6 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 483,30 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em outubro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 62,2 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 382,44 a tonelada, de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maio-

ria, para os mercados do sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do consumo, este foi consolidado nesta atual publicação em 12,0 milhões de toneladas, para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36 mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para a safra 2017/18 e 2018/19, projeta-se uma amena retração do consumo interno, ficando em 11,7 milhões de toneladas para ambas as safras.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2018/19 deverá ser 6,6% inferior em relação à safra 2017/18, atingindo 11,3 milhões toneladas, volume



abaixo da média histórica, de 12 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão da perspectiva de menor produtividade e de redução de área nos principais estados produtores. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superavit de aproximadamente 400 mil toneladas na atual safra em meio a preços nacionais baixos e um real desvalorizado na maior parte do ano. Já para a safra 2018/19, estima-se que ocorrerá uma reversão do superavit para de-

ficit na balança comercial, pois a expectativa é de real mais valorizado, menor oferta do grão e, consequentemente, melhores preços internos ao longo de 2019. Com base no cenário descrito, espera-se estabilidade nos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 675,8 mil toneladas, para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019). Para a safra 2018/19, em meio a uma estimativa de menor produção, a projeção é de redução nos estoques, para 445,1 mil toneladas (fevereiro de 2020).

Tabela 2 – Suprimento de arroz

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (*)	711,6	12.064,2	1.000,0	13.775,8	11.700,0	1.400,0	675,8
2018/19 (**)	675,8	11.269,3	1.200,0	13.145,1	11.700,0	1.000,0	445,1

Legenda: (i) Estimativa

Fonte: Conab.

11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, na primeira semana de novembro, verificou-se uma menor oferta e fracas negociações. Normalmente no início de mês as vendas são mais aquecidas devido à maior procura, mas, surpreendentemente, ocorreu o contrário, ou seja, o mercado esteve calmo e os preços recuaram, em média, R\$ 4 a saca para os melhores tipos, frustrando, assim, tal expectativa.

Contudo as ofertas praticamente se esgotaram, e muitos comerciantes recuaram aguardando um melhor momento para as negociações, mesmo cientes da demanda bastante retraída e uma provável entrada, de forma mais significativa, da safra do sudoeste paulista.

Decisão acertada, a partir da segunda semana o mercado ficou firme em virtude da baixa disponibilidade de mercadoria para a venda e demanda ativa. Com isso, os preços dispararam, e o pouco do grão ofertado diariamente tem saído com muita rapidez.

A quase totalidade do produto recém-colhido foi proveniente da região sudoeste de São Paulo, com boa presença da mercadoria extra, que estava escassa. Cabe esclarecer que vários lotes apresentaram melhora, principalmente em relação à umidade, ou seja, em boas condições para o empacotamento, fato que também contribuiu para a valorização do produto. Os demais tipos acompanharam a evolução nos preços, embora a diferença entre o extra, o especial e o comercial, é muito pequena, pois todos são recém-colhidos e com coloração bastante similar.

O abastecimento do mercado, no atacado paulista, está sendo processado em sua maioria com produtos oriundos do próprio estado e em menor escala de Minas Gerais, com esse último estado apresentando um volume considerável de grãos tipo comercial, com baixa umidade e perdas na coloração.

A colheita em São Paulo já ultrapassou os 90% da área semeada, e alguns corretores acreditam que esta não deve durar mais do que dez dias, o que deve contribuir para que os preços fiquem elevados. Este também é o sentimento da maioria dos produtores do interior



paulista. Resta aguardar a entrada da safra paranaense, com previsão de colheita para o final de dezembro. Assim, com a previsão de oferta moderada e baixo estoque de passagem, a tendência é que os preços continuem atrativos para os produtores durante os próximos dois meses.

A valorização dos preços, no entanto, tem pouco efei-

11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado começa a apresentar sinais de melhora, porém não com a mesma intensidade do feijão-carioca. Alguns corretores comentaram que já estão conseguindo vender um pouco mais devido a grande diferença de preços em comparação ao feijão-carioca. O expressivo aumento no preço do feijão-carioca deve

11.3.4. SUPRIMENTO

Para a temporada 2018/19 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab, em outubro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,01 milhões de toneladas, 3,3% inferior à colheita anterior. Esse resultado, somado ao estoque de passagem e às importações projetadas em 130 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,398 mil de toneladas.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6, recuando para 2,8 em 2016, o menor registrado na história em virtude do elevado aumento

to sobre a renda dos agricultores. É que apenas os que irrigaram tiveram bom resultado, porém com custo maior. Sob o pivô, se produz 55 scs/ha, mas o custo variável subiu para R\$ 5.676,43 por hectare.

No Paraná, o plantio da primeira safra está chegando ao fim, onde já foram semeados cerca de 95% de uma área estimada em 169,2 mil hectares. A chuva tem ajudado no desenvolvimento das lavouras, que se encontram nos seguintes estágios: 38% em desenvolvimento vegetativo, 40% em floração, 20% em frutificação e 2% em maturação.

motivar ainda mais os compradores a buscarem o feijão-comum preto. Porém como o mercado continua relativamente abastecido (importações), por enquan-

to as cotações seguem estabilizadas.

dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

Em 2017 houve uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas. No entanto, neste ano, a significativa queda dos preços no varejo, em relação ao ano passado, não foi suficiente nem para manter o atual consumo que, a princípio, deve recuar cerca de 200.000 toneladas. Dessa forma, e com as exportações estimadas em 120 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 178 mil toneladas, ou seja, cerca de 20 dias de consumo.



Tabela 3 – Suprimento de feijão

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.116,0	85,0	3.503,6	3.100,0	150,0	253,6
2018/19(*)	253,6	3.014,4	130,0	3.398,0	3.100,0	120,0	178,0

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

11.4. MILHO

Tabela 4 – Suprimento de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	80.786,0	600,0	99.203,1	59.844,8	23.000,0	15.787,5
2018/19	15.787,7	91.102,5	400,0	107.290,2	62.500,0	31.000,0	13.790,2

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

Não há grandes alterações no quadro de oferta e demanda de milho para este mês. Porque as exportações de milho da safra 2017/18 continuam estimadas em 23 milhões de toneladas, vez que as exportações de milho fecharam novembro com aproximadamente 4 milhões de toneladas, totalizando um acumulado de 16,9 milhões de toneladas já embarcadas (fevereiro a novembro), restando 6,1 milhões de toneladas para atingir a estimativa.

As expectativas de venda em dezembro indicam um valor de 2,9 milhões de toneladas, ou seja, se confirmar este número, restariam 3,2 milhões de toneladas a serem embarcadas em janeiro, momento em que iniciará a colheita da soja.

Contudo a valorização cambial nas últimas semanas abriu espaço para novos negócios dos produtores com as tradings e pode ser que, diante disso, haja um movimento de embarques maior no início do ano de 2019, mas não se sabe dizer se ocorrerá todo em janeiro ou, parte disso, será exportado em fevereiro. Mesmo assim, ainda que haja um incremento que provoque uma exportação de milho acima do estimado, não deve ser tão significativo, a ponto de reduzir

os estoques finais para abaixo de 15 milhões de toneladas.

Desta feita, com a produção estimada em 91,1 milhões de toneladas, os estoques finais para a safra 2018/19, confirmando uma exportação de, no mínimo, 31 milhões de toneladas, devem ficar próximos a 14 milhões de toneladas.

As cotações do milho em Chicago variaram, em novembro, de US\$ 3,56 a 3,74/bushel (US\$ 140,15 a 147,23 a tonelada), ou seja, as cotações permanecem abaixo dos US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47 a tonelada), em razão, não somente da produção elevado dos Estados Unidos, mas da expectativa de produção mais alta na Argentina, Ucrânia e Brasil, além do forte ajuste no quadro de oferta e demanda mundial do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, sigla em inglês), que corrigiu informações da produção, consumo e estoque chinês em safra anteriores, gerando um estoque final mundial, para 2018/19, em torno de 307 milhões de toneladas, ou seja, praticamente o dobro do que havia sido divulgado no relatório de outubro.

Apesar dos preços internacionais ainda baixos, o que



levou a uma pressão de baixa no mercado doméstico, uma vez que este está carregando um volume maior de estoque, os compradores internos tinham saído dos negócios, os preços domésticos, que vinha, naturalmente, em um movimento baixista, voltaram a subir, já que nas últimas semanas o dólar voltou a subir, melhorando a paridade de exportação, abrindo uma nova janela de negociações que, em alguns casos, elevou os preços domésticos em até R\$ 2 a saca de 60 quilos, acima das cotações anteriores.

No que se refere à comercialização da segunda safra, o mercado já precifica cotações mais baixas em um

cenário de disponibilidade maior do milho no mercado. No Mato Grosso, as cotações para julho/agosto de 2019 estão variando, dependendo da região de produção de R\$ 16 a 20 a saca de 60 quilos, ou seja, nas regiões mais ao norte do estado, as cotações domésticas poderão ficar abaixo do preço mínimo.

Sendo assim, ainda não há definição de área para a segunda safra, mas como o plantio da soja ocorreu dentro de um período que permite uma janela ideal de plantio do milho maior, há a possibilidade de incremento de área, sobretudo se os preços no mercado spot permanecerem nos patamares atuais.

11.5. SOJA

11.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Com grandes possibilidades de que a guerra comercial entre Estados Unidos e China chegue ao fim, no fim de semana que precedeu ao encontro do G-20, os presidentes americano e chinês avaliaram uma possível trégua na guerra comercial entre os dois países. Se tudo voltar à normalidade entre esses países, os americanos devem voltar a exportar soja para os chineses e os preços internacionais devem subir, podendo retornar a média de US\$ 9,50/bu do início de 2018. Outro fator importante são os prêmios de porto para a soja brasileira que devem também regressar aos valores do início de 2018, por exemplo, em Parana-guá-PR, voltará à média de UScents 70/bu.

Além disso, a estabilidade comercial entre esses dois países faz com que o dólar fique mais forte no mercado internacional, afetando a relação dólar/real.

11.5.2. QUADRO DE OFERTA E DEMANDA

Diante do aumento das exportações brasileiras para china, o número esperado de exportação foi extrapolado em mais de 7 milhões de toneladas, diante disso, e de um de um estoque de passagem baixo, para safra 2017/18, fez-se necessário um ajuste nos números de safras anteriores.

Ocorre que os números de produção, esmagamento e exportação são números praticamente “travados”, ou seja, não têm como estarem errados ou modificados. O valor ajustado foi o de perdas pós-colheita, pois o

Somando todos estes valores, a tendência é que os preços nacionais voltem também aos patamares do início de 2018, próximo de R\$ 62 a saca de 60 quilos em Sorriso-MT e R\$ 69 a saca de 60 quilos em Cascavel-PR.

Outro fator de grande importância são as exportações brasileiras para 2019. Em 2018, até novembro, o Brasil exportou para a China aproximadamente 64,9 milhões de toneladas de soja em grãos, já em 2017, esse valor era de apenas 51,7 milhões de toneladas. Para 2019, o valor exportado para a China em 2018 não deve se repetir, pois o término da guerra comercial entre Estados Unidos e China deve reduzir as exportações brasileiras e os americanos voltarão a exportar para os chineses

mercado estava usando valores de perdas superestimados, fazendo esse pequeno ajuste, nos últimos anos, teremos um estoque de passagem necessário para fechar o quadro para a safra 2018/19.

O Percentual usado para as perdas foi alvo de um seminário feito na Conab em outubro de 2018. O problema é que para a soja, com uma produção vultuosa, um erro de percentual por menor que seja, como foi o caso, trouxe um acúmulo numérico que desencadeou no problema atual.



Tabela 5 – Oferta e demanda - Em mil t - Soja em grãos

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	4.522,2	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	1.238,2	2.645,7	2.373,5	5.108,4	7.482,8	1.564,5
Produção	52.304,6	55.027,1	58.391,8	60.017,7	57.165,5	68.688,2	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,7	120.066,4
Importação	368,0	48,8	97,9	96,3	99,4	117,8	41,0	266,5	282,8	578,7	324,1	382,1	253,7	300,0	400,0
Suprimento	57.194,8	57.810,6	60.959,4	63.789,6	61.805,0	69.484,3	77.976,4	69.669,9	82.230,0	87.937,7	99.197,7	98.190,2	119.437,4	127.064,5	122.030,9
Esmagamento	29.650,0	28.100,0	31.100,0	32.100,0	30.114,0	34.700,0	38.050,0	33.800,0	36.200,0	37.600,0	40.500,0	39.500,0	41.800,0	41.500,0	43.200,0
Semente e outros	2.375,0	2.283,0	2.450,0	2.650,0	2.450,0	3.100,0	3.920,0	2.954,0	2.000,0	2.000,0	2.000,0	2.000,0	2.000,0	2.000,0	2.000,0
Consumo total	32.025,0	30.383,0	33.550,0	34.750,0	32.564,0	37.800,0	41.970,0	36.754,0	38.200,0	39.600,0	42.500,0	41.500,0	43.800,0	43.500,0	45.200,0
Exportação	22.435,1	24.957,9	23.733,8	24.499,5	28.562,7	29.073,2	32.986,0	32.468,0	42.791,9	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	82.000,0	75.000,0
Estoque Final	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	1.238,2	2.645,7	2.373,5	5.108,4	7.482,8	1.564,5	1.830,9

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 6 – Oferta e demanda - Em mil t - Farelo de soja

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	2.030,6	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	1.061,9	1.499,3	2.758,8	3.230,8	4.241,4	2.297,4
Produção	22.830,5	21.637,0	23.947,0	24.717,0	23.187,8	26.719,0	29.298,5	26.026,0	27.874,0	28.952,0	31.185,0	30.415,0	32.186,0	31.955,0	33.264,0
Importação	188,7	152,4	101,2	117,3	43,4	39,5	24,8	5,0	3,9	1,0	1,1	0,8	1,6	1,0	2,0
Suprimento	25.346,3	23.682,6	25.411,6	26.595,4	25.608,4	28.579,6	31.290,3	29.207,7	28.745,5	30.014,9	32.685,5	33.174,6	35.418,4	36.197,4	35.563,4
Consumo Interno	9.031,4	9.986,8	11.176,4	11.930,3	11.533,3	12.944,0	13.758,4	14.051,1	14.350,0	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.200,0	17.200,0
Exportação	14.421,7	12.332,4	12.474,2	12.287,9	12.254,0	13.668,6	14.355,2	14.289,0	13.333,5	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.700,0	14.000,0
Estoque Final	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	1.061,9	1.499,3	2.758,8	3.230,8	4.241,4	2.297,4	4.363,4

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 7 – Oferta e demanda - Em mil t - Óleo de soja

Descrição/ Safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	330,1	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	795,8	891,9	785,6	920,0	986,6	569,1
Produção	5.781,8	5.479,5	6.064,5	6.259,5	5.872,2	6.766,5	7.419,8	6.591,0	7.059,0	7.332,0	7.897,5	7.702,5	8.151,0	8.092,5	8.424,0
Importação	3,2	25,4	44,1	27,4	27,4	16,2	0,1	1,0	5,0	0,1	25,3	66,1	58,1	40,0	41,0
Suprimento	6.115,1	5.811,9	6.303,1	6.697,5	6.281,3	7.220,4	8.096,5	7.580,0	7.714,5	8.127,8	8.814,7	8.554,2	9.129,1	9.119,1	9.034,1
Consumo Interno	3.111,0	3.198,0	3.550,0	4.000,0	4.250,0	4.980,0	5.367,0	5.172,4	5.556,3	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0	7.300,0
Exportação	2.697,1	2.419,4	2.342,5	2.315,8	1.593,6	1.563,8	1.741,4	1.757,1	1.362,5	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0	1.100,0
Estoque Final	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	795,8	891,9	785,6	920,0	986,6	569,1	634,1

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

11.6. TRIGO

O mercado permaneceu observando as condições das lavouras e o avanço da colheita nos principais estados produtores de trigo do Brasil. No início do mês, no Paraná, o maior estado produtor, o clima chuvoso permaneceu afetando as lavouras e impossibilitando a conclusão da colheita. Diante da proximidade do fim da safra, a expectativa de trigo de menor qualidade, em decorrência do clima chuvoso, deu suporte aos preços que apresentaram sucessivas valorizações. De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura

e do Abastecimento do Paraná (Seab), até o final de novembro 99% do trigo plantado havia sido colhido e 62% havia sido comercializado. Quanto à qualidade, 67% foi considerado de boa qualidade.

No Rio Grande do Sul, as lavouras também foram prejudicadas pelo excesso de chuvas e o produto colhido apresentou qualidade aquém do esperado. Conforme dados divulgados pela Emater/RS, ao final de novembro, 99% das lavouras plantadas haviam sido colhidas.



Para atendimento da demanda interna e devido ao significativo volume de trigo de qualidade inferior colhido na Região Sul, fez-se necessário importar 494,02 mil toneladas dos seguintes países: Argentina (75,5%), Paraguai (13,6%), Estados Unidos (9,21%) e Canadá (1,63%) durante novembro. Já o acumulado de importações do ano corresponde a 6.164,3 mil toneladas. No mesmo período, foram exportados um volume equivalente a 165,3 mil toneladas.

A Conab estimou um aumento anual de 6,3% de área plantada, perfazendo um total de 2.037,6 mil hectares. Ocorreu também um acréscimo de 28,4% na projeção da safra brasileira de trigo, que deverá atingir um total de 5.471,1 mil toneladas na temporada 2018/19. Esse aumento se deu em razão do incremento na produ-

vidade esperada no Rio Grande do Sul, cujo rendimento passou a corresponder a 2.746 kg/ha e aumento de produção nas Regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, que apresentaram incremento de 37,1% e 46,6%, respectivamente.

Foram realizados alguns ajustes no Quadro de Oferta e Demanda do Trigo em virtude da atualização das condições das lavouras recentemente colhidas. A perda quanti-qualitativa da produção brasileira ensejará um maior volume de trigo oriundo de outros países, assim como poderá potencializar a venda do trigo nacional para países menos exigentes no que se refere à qualidade do grão. Desse modo, espera-se que sejam importadas 6,4 milhões de toneladas até o final da safra, a findar-se em julho de 2019. No mesmo período espera-se que sejam exportadas 600 mil toneladas.

Tabela 8 – Suprimento de trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01/08)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31/07)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	206,2	10.700,0	287,4	10.987,4	1.985,6
2018/19 (*)	1.985,6	5.471,1	6.400,0	13.856,7	600,0	10.700,0	305,6	11.005,6	2.251,1

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



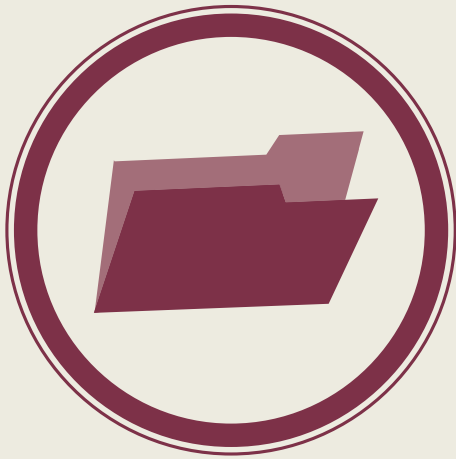
Tabela 9 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	2.005,8	15,0	2.266,1	700,0	1.000,0	566,1
	2018/19	566,1	2.363,8	10,0	2.939,9	750,0	1.330,0	859,9
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	1.000,0	13.908,5	11.700,0	1.400,0	675,8
	2018/19	675,8	11.269,3	1.200,0	13.145,1	11.700,0	1.000,0	445,1
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,0	85,0	3.586,1	3.100,0	150,0	253,6
	2018/19	253,6	3.014,4	130,0	3.398,0	3.100,0	120,0	178,0
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	80.786,0	600,0	98.632,5	59.844,8	23.000,0	15.787,7
	2018/19	15.787,7	91.102,5	400,0	107.290,2	62.500,0	31.000,0	13.790,2
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.200,0	42.791,9	1.238,2
	2013/14	1.238,2	86.120,8	578,7	87.937,7	39.600,0	45.692,0	2.645,7
	2014/15	2.645,7	96.228,0	324,1	99.197,8	42.500,0	54.324,2	2.373,6
	2015/16	2.373,6	95.434,6	382,1	98.190,3	41.500,0	51.581,9	5.108,4
	2016/17	5.108,4	114.075,3	253,7	119.437,4	43.800,0	68.154,6	7.482,8
	2017/18	7.482,8	119.281,7	300,0	127.415,5	43.500,0	82.000,0	1.564,5
	2018/19	1.564,5	120.066,4	400,0	122.030,9	45.200,0	75.000,0	1.830,9
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.874,0	3,9	28.745,5	14.350,0	13.333,5	1.062,0
	2013/14	1.062,0	28.952,0	1,0	30.015,0	14.799,3	13.716,3	1.499,4
	2014/15	1.499,4	31.185,0	1,1	32.685,5	15.100,0	14.826,7	2.758,8
	2015/16	2.758,8	30.415,0	0,8	33.174,6	15.500,0	14.443,8	3.230,8
	2016/17	3.230,8	32.186,0	1,6	35.418,4	17.000,0	14.177,1	4.241,3
	2017/18	4.241,3	31.955,0	1,0	36.081,8	17.200,0	16.700,0	2.297,3
	2018/19	2.297,3	33.264,0	2,0	35.563,3	17.200,0	14.000,0	4.363,3
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	7.059,0	5,0	7.714,5	5.556,3	1.362,5	795,7
	2013/14	795,7	7.332,0	0,1	8.127,8	5.930,8	1.305,1	891,9
	2014/15	891,9	7.897,5	25,3	8.814,7	6.359,2	1.669,9	785,6
	2015/16	785,6	7.702,5	66,1	8.554,2	6.380,0	1.254,2	920,0
	2016/17	920,0	8.151,0	58,1	9.129,1	6.800,0	1.342,5	986,6
	2017/18	986,6	8.092,5	40,0	9.119,1	7.100,0	1.450,0	569,1
	2018/19	569,1	8.424,0	41,0	9.034,1	7.300,0	1.100,0	634,1
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	10.987,4	206,2	1.985,6
	2018	1.985,6	5.471,1	6.300,0	13.756,7	11.005,5	600,0	2.151,2

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em agosto 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



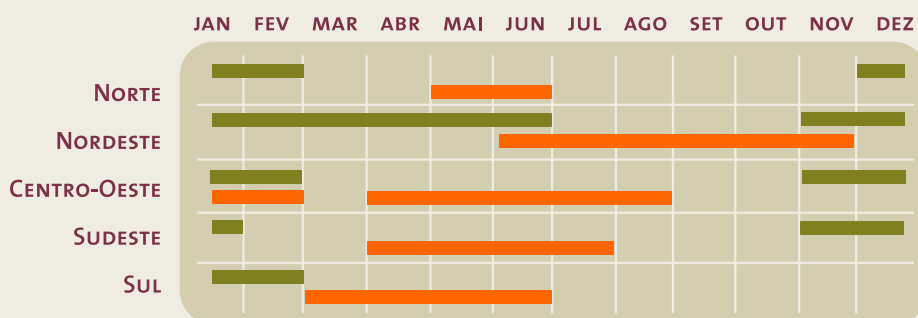


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

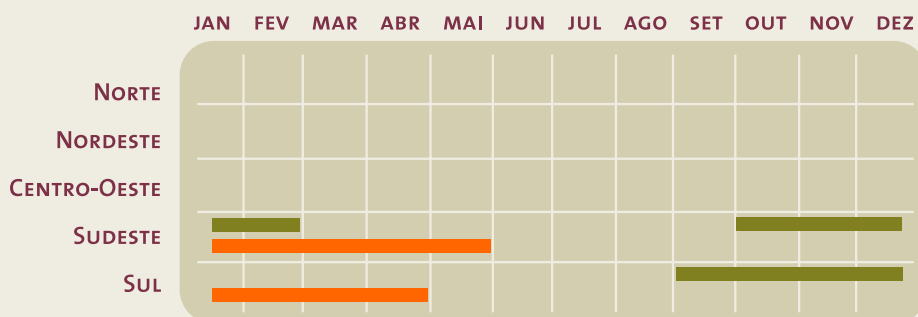
Plantio Colheita



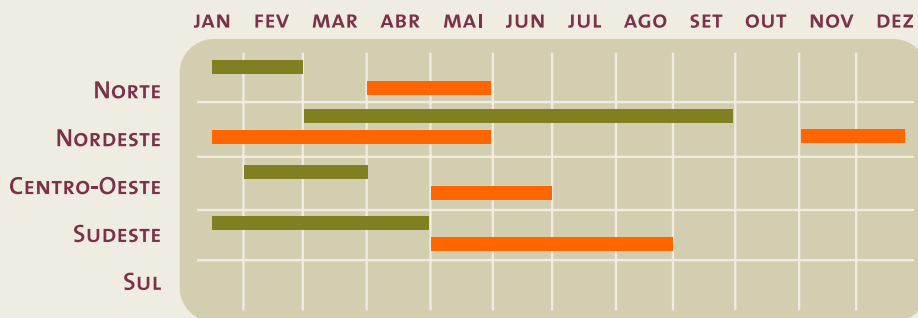
Algodão



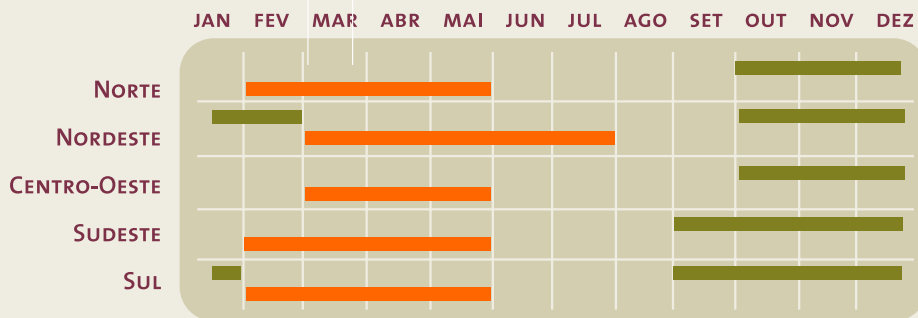
Amendoim 1ª safra



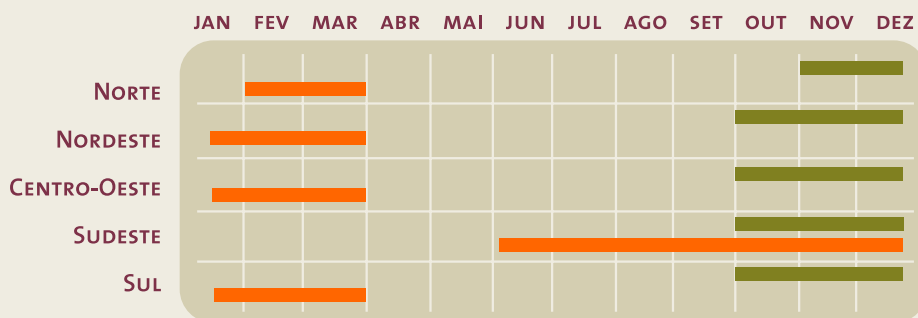
Amendoim 2ª safra



Arroz

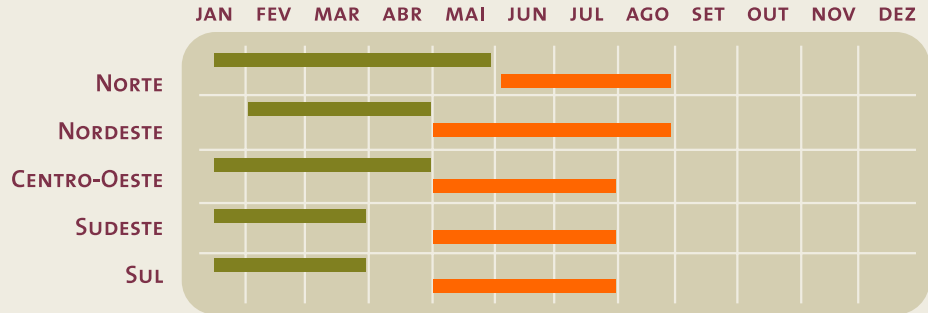


Feijão 1ª safra

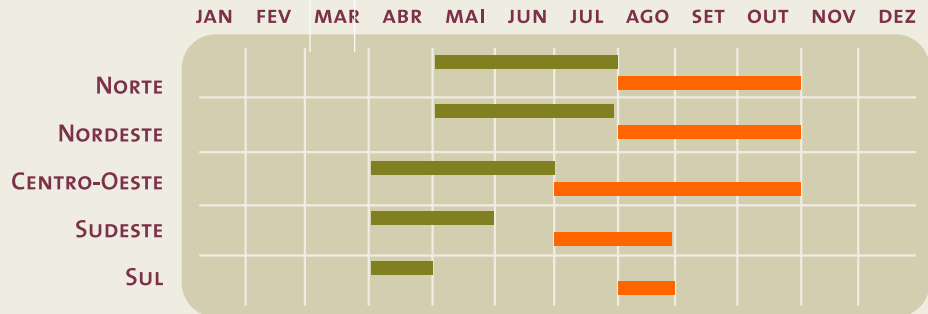




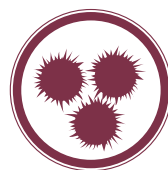
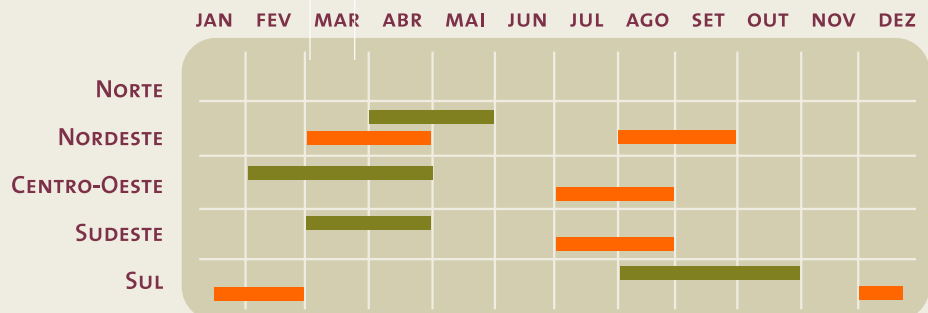
Feijão 2ª safra



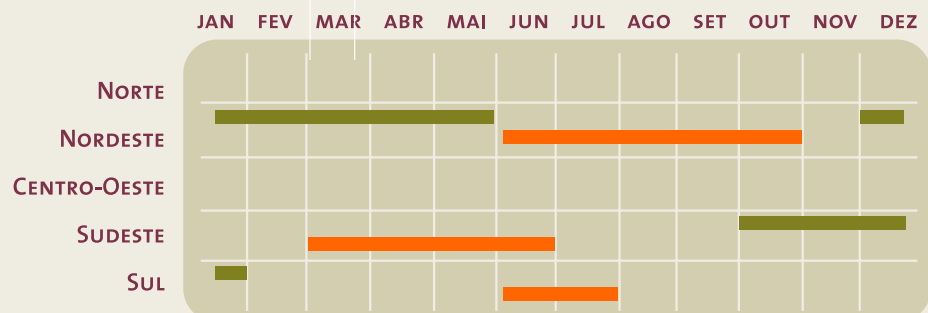
Feijão 3ª safra



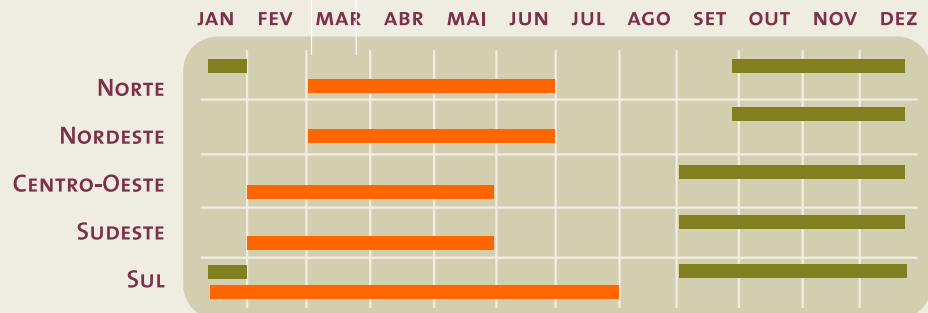
Girassol



Mamona

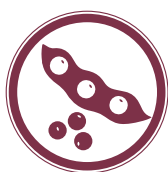
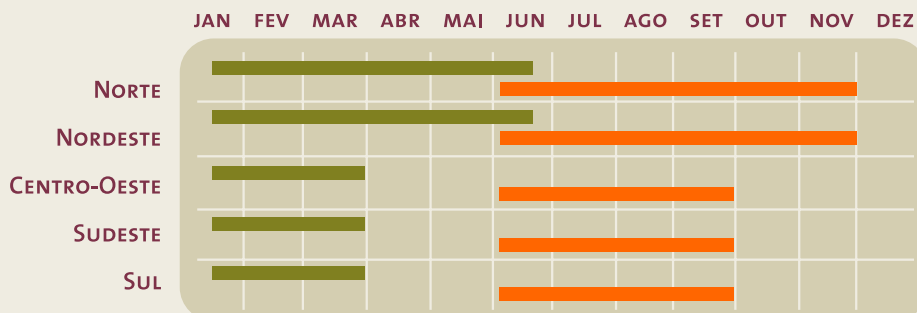


Milho 1ª safra

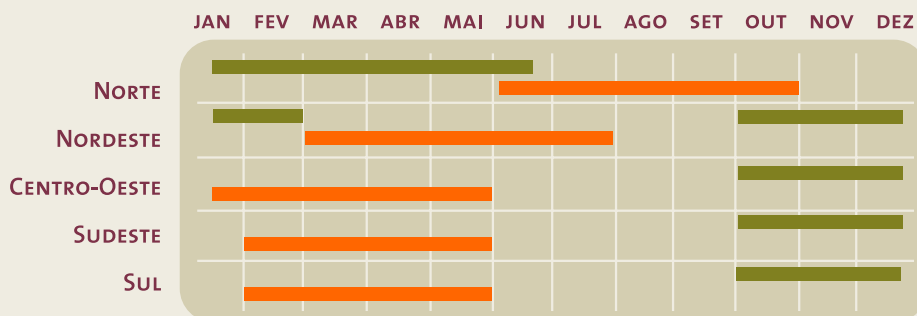




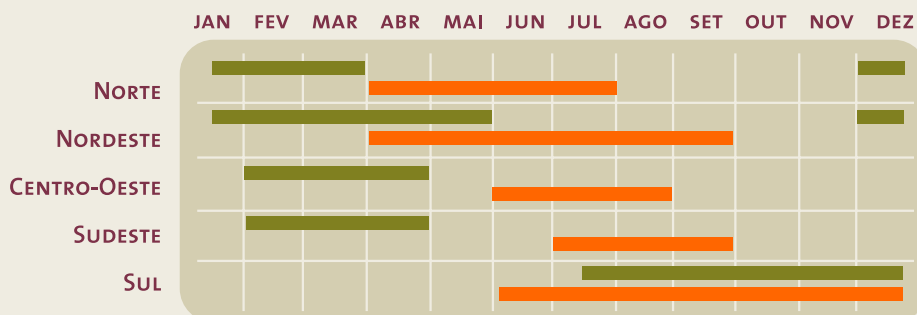
Milho 2ª safra



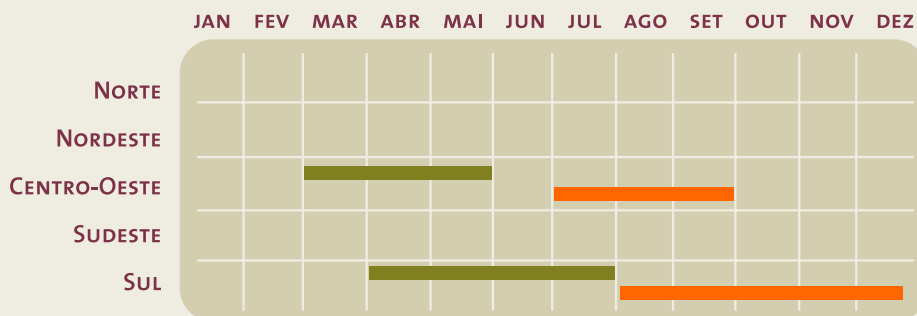
Soja



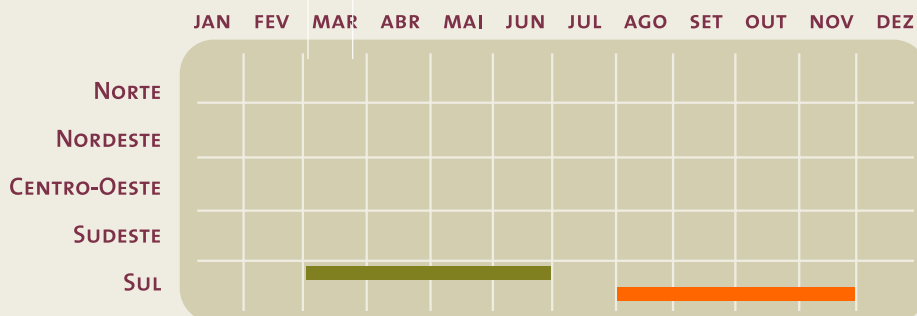
Sorgo



Aveia

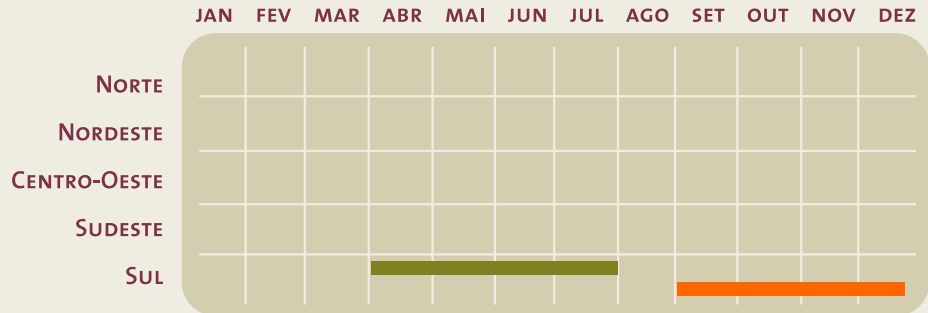


Canola

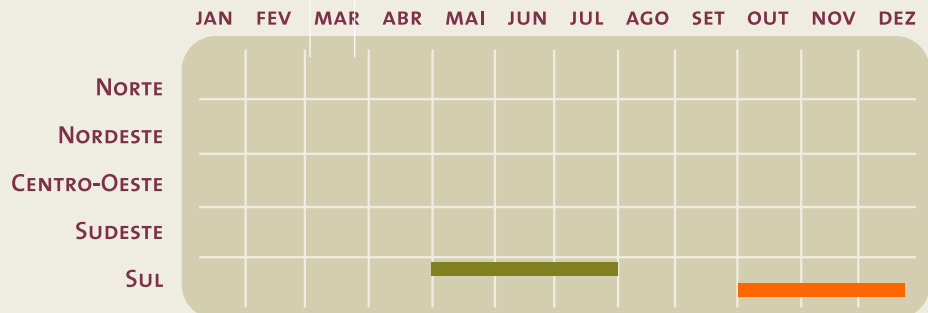




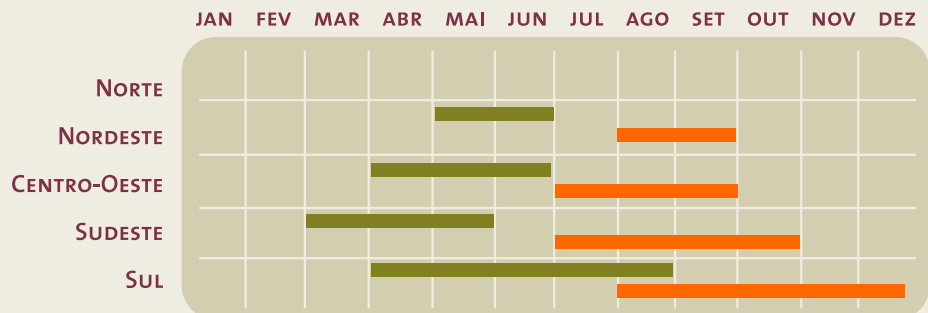
Centeio



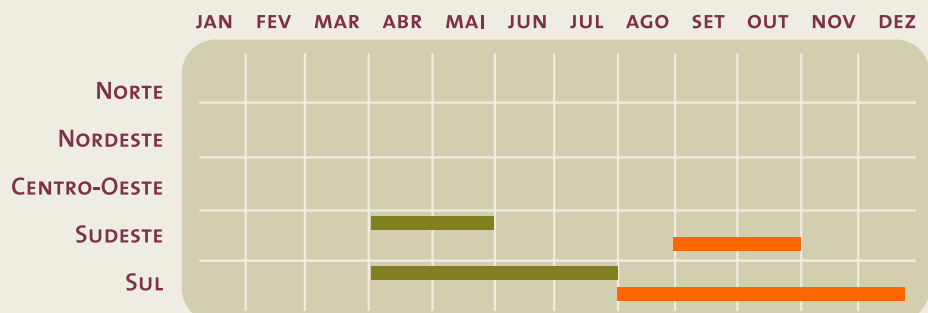
Cevada



Trigo



Triticale







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

